

**UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA ACADÊMICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA
MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA
LINHA DE PESQUISA FAMÍLIA, GÊNERO E INTERAÇÃO SOCIAL**



UNIVERSIDADE
CATÓLICA
DE PERNAMBUCO

**AVÓS DE UMA COMUNIDADE DE BAIXA RENDA: PERCEPÇÕES E VIVÊNCIAS
SOBRE A CRIAÇÃO DOS NETOS**

TATIANA LIMA BRASIL

RECIFE / 2015

TATIANA LIMA BRASIL

**AVÓS DE UMA COMUNIDADE DE BAIXA RENDA: PERCEPÇÕES E VIVÊNCIAS
SOBRE A CRIAÇÃO DOS NETOS**

Dissertação de mestrado entregue à
Coordenação do programa como requisito
final para obtenção do título de mestre em
Psicologia Clínica, pela Universidade
Católica de Pernambuco.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Cristina Maria de
Souza Brito Dias

RECIFE / 2015

Dedico este trabalho a todas as mulheres guerreiras, habitantes da comunidade do Coque – Joana Bezerra / PE, que vêm, ao longo dos anos, me abrindo os olhos para um espaço de lucidez e clareza, onde a vida é muito além do que um dia pude imaginar. Mulheres que nunca desistem de si e dos seus. Sinônimo de amor maior.

E à minha mãe, que me ensinou o que é amar.

AGRADECIMENTOS

À Deus, alfa e ômega, princípio e fim. Razão de muitos movimentos percorridos e, acima de tudo, uma fé inabalável a cada momento em que me sentia sozinha e pude Te sentir me amparando, como um pai que acolhe uma filha cansada.

Agradeço à Professora Cristina Maria de Brito Souza Dias, pelos momentos de orientação não só quanto ao trabalho de dissertação, mas pelos ensinamentos que levarei para a vida. Pela confiança em mim depositada e sua contribuição na minha formação pessoal, acadêmica e profissional.

À minha mãe, que sempre foi meu exemplo de determinação e perseverança, em quem mora a minha certeza de que podemos exatamente aquilo que desejamos para nós mesmos. Que esteve incondicionalmente comigo em todos os caminhos que resolvi trilhar, mesmo quando não concordava com eles.

Ao meu pai, por, de alguma forma, se fazer presente em minha vida, mesmo na sua distância, por todos os ensinamentos proferidos e deixados como um grande tesouro.

Ao meu esposo Bruno, que sempre acreditou que daria certo, que muitas vezes me fez pensar o quanto um sonho é importante.

Ao meu filho Jorge Luiz, por ser tão ele, por seu silêncio e por todas as vezes que encheu seus olhos de lágrimas ao falar de mim. Por ser meu eterno e verdadeiro amigo, me fazendo acreditar e desejar alcançar o que parecia inalcançável. Meu grande mestre!

Ao bebê que perdi ao longo dessa jornada, tão pouco tempo de convivência, mas um ensinamento gigante. Desloca-me de um lugar aparentemente seguro e controlável para o que há de mais belo: a vida como ela é. Gratidão eterna.

Aos meus tios e amigos: Aurino, por sua franqueza e disponibilidade sempre, e sua crença ímpar na minha capacidade; e Antônio, por sua alegria, sorrisos largos, lembranças e por sempre arrumar uma forma de se fazer presente em minha vida.

Ao professor Alexandre Simão, mestre ímpar na arte do viver, do buscar-se. Foi contigo que aprendi que a vida é bem mais do que podemos ou achamos que vemos.

Às minhas irmãs Juliana, Linda e Maria Clara e aos meus sobrinhos Léo e Lucas, por se fazerem presentes e por me desculparem as muitas ausências em suas vidas.

À minha amiga Gérsica, pelos elogios, colaboração, acolhimento, escuta e acima de tudo por ser simplesmente quem ela é.

À minha avó Maria do Céu e avô José Ferreira (*in memoriam*) pelo exemplo de pessoas que sempre foram em suas vidas, deixando em mim a certeza de que vale muito a pena buscar a simplicidade de ser feliz.

Ao NEIMFA, família que escolhi para dividir a minha passagem pela terra. A todos que fazem parte desta grande e imensa corrente do bem e, em especial, às mulheres-avós que se despiram e mostraram-me um lugar de muito cuidado.

A Paulina, Valda, D. Neném, Di, D. Glória, D. Zezé, Teresa, Fátima, Graças, D. China, D. Geralda algumas das mulheres mais fortes que eu já pude conhecer. Eterna gratidão por seus exemplos de vida e superação, por serem tão minhas avós, amigas, irmãs e companheiras de uma jornada alegre.

À amiga de jornada Margarida, por todo acolhimento quando as angustias pareciam ser maiores do que realmente eram. Amo você!

Ao LAFAM - Laboratório de Família e Interação Social, “família” que pude escolher, amigos de caminhada, parceiros nas horas de descobertas e conhecimentos, Lívia, Gilza, Roberta e Ana Patrícia.

A CAPES, pelo incentivo em mim depositado através da concessão da bolsa de estudos.



"De todo o amor que eu tenho

Metade foi tu que me deu

Salvando minha alma da vida

Sorrindo e fazendo o meu eu"

(Música Dona Cila de Maria Gadú feita em homenagem à sua avó)

O Anjo Mais Velho

(Letra: O Teatro Mágico)

Autor: Fernando Anitelli

O dia mente a cor da noite
E o diamante a cor dos olhos
Os olhos mentem dia e noite a dor da gente"

Enquanto houver você do outro lado
Aqui do outro eu consigo me orientar
A cena repete a cena se inverte
Enchendo a minha alma daquilo que outrora eu deixei de acreditar

Tua palavra, tua história
Tua verdade fazendo escola
E tua ausência fazendo silêncio em todo lugar

Metade de mim
Agora é assim
De um lado a poesia, o verbo, a saudade
Do outro a luta, a força e a coragem pra chegar no fim
E o fim é belo incerto... Depende de como você vê
O novo, o credo, a fé que você deposita em você e só

Só enquanto eu respirar
Vou me lembrar de você
Só enquanto eu respirar..

Só enquanto eu respirar
Vou me lembrar de você
Só enquanto eu respirar...

LISTA DE ABREVIATURAS

ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
NEIMFA	Núcleo Educacional Irmãos Menores de Francisco de Assis
OMS	Organização Mundial de Saúde
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UNICAP	Universidade Católica de Pernambuco

RESUMO

As avós que assumem a criação de netos constituem um fenômeno cada vez mais frequente nas famílias da atualidade. O presente trabalho teve por objetivo investigar as percepções e vivências das avós guardiãs, frente à criação de seus netos em uma comunidade de baixa renda da cidade de Recife/PE. Especificamente pretendeu-se analisar os motivos que acarretam esta situação, bem como as relações estabelecidas entre as partes, além de caracterizar os sentimentos experimentados pelas avós no papel de guardiãs, e suas expectativas para o futuro. Participaram do estudo 10 avós que cuidavam dos netos em tempo integral, todas residentes na comunidade do Coque. Elas estavam na faixa etária entre 48 e 81 anos e possuíam escolaridade baixa e renda inferior a um salário mínimo. Foi utilizado um roteiro de entrevista, analisado de acordo com a técnica da Análise de Conteúdo Temática. Os dados obtidos no presente estudo mostram o seguinte: 1) os principais motivos que levaram as avós a assumir a criação dos netos estiveram relacionados à gravidez na adolescência, separação dos pais, dependência química e violência; 2) o papel de mãe desses netos sobrepõe-se ao de avó e os dados demonstram que ainda prevalece na sociedade a ideia de que uma mulher é quem deve preferencialmente assumir a criação das crianças; 3) apesar de relatarem cansaço, doenças e dificuldades financeiras, as avós nutrem, em sua grande maioria, sentimentos de bem querer, de amor e dedicação especial pelos netos que criam a ponto de não aceitarem que eles as deixem; 4) as maiores dificuldades citadas foram as financeiras, como a escolaridade e estabelecimento de limites, bem como o receio de que os netos envolvam-se em comportamentos de risco; 5) as expectativas para si mesmas é ter sossego e descansar, enquanto para os netos é que estudem, trabalhem e sejam pessoas de bem. Quanto aos relatos direcionados à comunidade em que vivem ficou evidenciado que, apesar de a acharem violenta e um lugar difícil para criar netos, com diversas limitações de infraestrutura e moradia, elas gostam do lugar.

Palavras-chave: Avós guardiãs. Relacionamento Intergeracional. Família. Comunidade de baixa renda.

ABSTRACT

The grandparents who take the creation of grandchildren are an increasingly common phenomenon in today's families. This study aimed to investigate the perceptions and experiences of guardians grandparents, opposite the creation of his grandchildren in a low income community in Recife / PE. A specific objective is to analyze the reasons that cause this situation as well as the relations between the parties, and to characterize the feelings experienced by grandparents in the role of guardian, and their expectations for the future. Study participants were 10 grandparents who cared for their grandchildren full time, all residents of the community Coque. They were aged between 48 and 81 years and had low education and income less than the minimum wage. An interview script, analyzed according to the technique of thematic content analysis was used. The data obtained in this study show the following: 1) the main reasons why the grandparents to take with grandchildren were related to teenage pregnancy, parents' divorce, substance abuse and violence; 2) the role of mother of these grandchildren overlaps the grandmother and the data show that still prevails in society the idea that a woman is who should preferably take the rearing of children; 3) despite reporting fatigue, illness and financial difficulties, grandmothers nourish, mostly, feelings and want to, love and special dedication by grandchildren who create the point of not accepting that they leave them; 4) the main difficulties cited were financial, with education and establishment of limits, and the fear that the grandchildren engage in risky behaviors; 5) expectations for themselves is to have peace and rest while for the grandchildren is to study, work and be good people. As for reports directed to the community in which they live was evident that, despite the violent and think a difficult place to raise grandchildren, with several limitations of infrastructure and housing, they like the place.

Keywords: Grandparents guardians. Intergenerational relationship. Family. Low income community.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
1. COMPREENDENDO A FAMÍLIA EMPOBRECIDA	16
1.1. Família: um olhar histórico.....	16
1.2. Caracterizando a família pobre.....	23
2. PERCORRENDO OS TRILHOS DE SER AVÓ	27
2.1. Envelhecimento e relações de gênero.....	27
2.2 Contextualizando o “SER AVÔ/AVÓ” ao longo do tempo.....	32
2.3 As avós que criam netos	36
3 OBJETIVOS E MÉTODO	45
3.1 Objetivos Específicos:	45
3.2 Método.....	45
3.2.1 Natureza da pesquisa	45
3.2.2 O cenário da pesquisa	46
3.2.3 Caracterização das participantes.....	46
3.2.4 Instrumentos	49
3.2.5 Procedimentos Éticos	50
3.2.6 Procedimento de coleta dos dados.....	50
3.2.7 Procedimento de análise dos dados	50
3.2.8 Critérios de inclusão e exclusão	51
4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS	52
4.1. Análises das entrevistas	52
4.1.1 Motivos que levaram à criação de netos.....	52
4.1.1.1 Violência.....	52
4.1.1.2 Dependência química por parte dos filhos	53
4.1.1.3 Separação/Divórcio e retorno para a casa dos pais.....	54
4.1.1.4 Gravidez na adolescência	56
4.1.2 Dificuldades sentidas frente a esta situação	57
4.1.2.1 Dificuldades financeiras	57
4.1.2.2 Dificuldades em relação à educação.....	58
4.1.3. Avaliação dos relacionamentos com os familiares.....	59
4.1.4. Aspectos positivos da criação.....	61
4.1.5. Necessidades sentidas pelas avós e perspectivas frente ao futuro.....	62
CONSIDERAÇÕES FINAIS	66

REFERÊNCIAS	69
ANEXO 1:	88
ANEXO 2 – Declaração de autorização para realização da pesquisa	97
APÊNDICES	98
Apêndice 1 - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	98
Apêndice 2 – Questionário Sociodemográfico	100
Apêndice 3 – Roteiro de Entrevista Semiestruturada	102

INTRODUÇÃO

De acordo com Aratangy e Posternack (2006), o século XXI será o século das avós. A maior longevidade humana acentuou a possibilidade de o indivíduo vivenciar por muito tempo o papel de avô/avó. Além disso, o quantitativo de mulheres idosas é maior do que o dos homens idosos, especialmente na área urbanizada. Ainda, segundo os referidos autores, constata-se que são as mulheres as tradicionais cuidadoras; por outro lado, são elas também que necessitam de um maior cuidado.

Nas famílias brasileiras, as tarefas de cuidado e criação de crianças são tipicamente atribuídas às mulheres. A socialização das crianças, assim como a transmissão de valores sociais, se transfere, em geral, de mãe para filha. Pesquisas indicam a maior participação das avós como coeducadoras dos netos, embora os avôs estejam participando também dos cuidados (DIAS; SILVA, 1999; GOMES, 1988, 1992, 1994; LOPES; NERI; PARK, 2005; SCOTT, 2006).

Oliveira (2009), ao estudar um grupo de avós, ressalta que, em função das mudanças etárias, um número menor de netos relaciona-se com um número cada vez maior de avós uma vez que, na meia idade, é crescente o número de avós. Sendo assim, é de se esperar que mais idosas acompanhem, além do nascimento dos netos, o seu crescimento, a sua juventude e até mesmo a chegada dos netos à vida adulta.

Vários fatores relacionados às dificuldades dos filhos para assumir seu papel de pais tais como: maternidade/paternidade na adolescência, separações e recasamentos, desemprego, necessidade de maior preparo para enfrentar um mercado de trabalho competitivo, problemas com drogas e criminalidade, imaturidade e problemas de saúde física ou mental, têm levado muitos avós a se responsabilizarem pelo cuidado, parcial ou integral, dos netos.

Para Pebley e Rudkin (1999), é necessário distinguir os avós que cuidam de seus netos juntamente com os pais, arranjo que elas designaram de “corresidência”, daqueles que arcam sozinhos com a criação dos netos. Esses avós são chamados de “cuidadores com custódia” (quando a guarda é concedida pela Justiça), “pais substitutos”, “pais à revelia”, “avós em tempo integral” e “avós guardiões” (EHRLE; DAY, 1994). Na presente pesquisa, optou-se pela utilização do termo avós guardiãs. Essa situação independe da classe social e vem sendo alvo de investigações.

Apesar do amor que sentem pelos netos, os resultados de algumas pesquisas sobre avós guardiãs mostram que elas podem experimentar diversos sentimentos como: perda (dos filhos,

dos companheiros de sua idade, de sua liberdade); ansiedade, ao ter que lidar com crianças ainda em desenvolvimento; raiva e rancor contra os filhos que as deixaram em tal situação. Elas também podem vivenciar medo de não poderem acompanhar o crescimento dos netos até se tornarem adultos e de não ter quem cuide deles na sua falta. Muitas se sentiram inadequadas e acharam que faltaram como mães e, com isto, apresentaram confusão de papel por estarem desempenhando uma função que, na realidade, seria dos pais. Elas também se queixaram de seu estado de saúde e algumas chegaram a desenvolver depressão. As avós tenderam a esquecer de sua própria condição de saúde para atender às necessidades dos netos. Outros sentimentos relatados pelas avós configuram uma ambivalência: cansaço e medo de perder sua privacidade se misturaram aos de realização, renovação, orgulho e satisfação de terem contribuído com seus filhos e netos. Esses dados refletem que, para algumas entrevistadas, o cuidar dos netos seria prova de saúde, amor, trabalho e sentimento de utilidade (GHUMAN; WEIST; SCHAFER, 1999; HEYWOOD, 1999; OLIVEIRA, 1999; HARRISON; RICKMAN; VITTIMBERGA, 2000; FITZGERALD, 2001; KROPF; BURNETTE, 2003; DIAS; COSTA, 2006; DIAS; ATAÍDE; MAGALHAES; ALBUQUERQUE, 2011).

Segundo os referidos autores, os netos que são criados por avós, por sua vez, podem ser crianças de risco, a depender dos fatores que os levaram a ser criados pelos avós e de como se dá essa criação. Eles podem desenvolver sentimentos de abandono, baixa autoestima, ansiedade, isolamento, dificuldades escolares e depressão por não terem sido criados pelos pais ou devido aos conflitos porventura existentes na família.

De acordo com a Organização Mundial de Saúde¹ (2001) a pobreza, numa visão estrita, refere-se à falta de dinheiro ou bens materiais. Numa perspectiva mais ampla, é também a expressão direta das relações sociais e não diz respeito somente às privações materiais, não se caracterizando apenas pela aquisição ou acesso a bens, mas fala de uma categoria político social, onde é visível a carência de direitos, de oportunidades, de informações, de possibilidades e, principalmente, de sonhos e possibilidades de uma vida diferente. Do ponto de vista epidemiológico, a pobreza se traduz por um baixo nível socioeconômico, privação, más condições de habitação, desemprego, baixa escolarização, que somados podem levar a uma baixa coesão familiar (SARACENO; BARBUI, 1997).

¹ WHO. The world health report 2001. Mental health: new understanding, new hope. Geneva: World Health Organization; 2001.

Uma das correntes mais importantes de estudo tende a conceituar pobreza com base nos insumos necessários para a aquisição das mercadorias básicas para a sobrevivência e que qualificam a condição de pobreza relativa, relacionando-a ao padrão de vida geral predominante (MONTEIRO, 2003; ROCHA, 2003; SOUZA, 2004). Por outro lado, outros estudos sobre pobreza, de caráter antropológico, focalizam as relações interpessoais e os modos de vida dos pobres, deixando em segundo plano os determinantes econômicos (SARTI, 2009).

Na prática do trabalho do clínico em comunidades, a articulação teórico-prática promove, além de uma práxis, um posicionamento frente à realidade social. O desamparo social promove os mais diferentes efeitos, desde o sofrimento humano, até a produção em série de vidas desperdiçadas, constatada em muitas situações experimentadas na clínica, se fazendo necessário buscarem interlocutores que possam vir a expandir esses sentimentos numa tentativa de melhorias de qualidade de vida para essa população.

Com todas as inquietações vividas ao longo dos atendimentos realizados na Comunidade do Coque, bem como da percepção e do desejo de que muita coisa se transforme e, acima de tudo, do pouco potencial de mudança, a pesquisadora propôs a realização deste estudo no intuito de obter mais conhecimentos teóricos e vivenciais, visando compreender mais amplamente a situação das avós que criam netos. Trata-se de mulheres que se encarregam dos cuidados com os netos, por uma diversidade de motivos, situação que muitas vezes acarreta uma série de dificuldades na vida pessoal, profissional e psicológica, dentro de um espaço caracterizado por limitações e desigualdades.

Diante do exposto, a presente pesquisa teve como objetivo geral investigar as percepções e vivências das avós guardiãs, frente à criação de seus netos na comunidade do Coque. Especificamente buscou-se: analisar os motivos que acarretaram a criação dos netos pelas avós; a percepção das avós acerca da relação com os netos que criam, bem como com os pais desses netos; os fatores que facilitam e os que dificultam a convivência entre as avós e os netos e suas expectativas para o futuro. Além disso, pretende-se caracterizar os sentimentos experimentados por elas ao criar seus netos na comunidade onde moram.

A dissertação apresenta-se composta por quatro capítulos: o primeiro capítulo consiste no marco teórico da pesquisa e apresenta um panorama sobre a família empobrecida, suas características, composição e desafios. O segundo versa sobre as temáticas: envelhecimento, questões de gênero e ser avó guardiã. O terceiro aborda o método utilizado na pesquisa. O

quarto capítulo trata da apresentação e discussão dos dados. E, por fim, são tecidas as considerações finais sobre o trabalho realizado.

Espera-se que a presente dissertação contribua com conhecimentos teóricos que subsidiem o trabalho de profissionais que lidam com essa população, bem como fomentem discussões sobre o processo de cuidar dos netos.

1. COMPREENDENDO A FAMÍLIA EMPOBRECIDA

A fim de entender o percurso que vamos adotar neste capítulo se faz necessário falar um pouco do contexto familiar, como ele foi constituído, e das principais transformações que ocorreram ao longo da evolução da sociedade. Talvez não seja precipitado dizer que hoje a instituição família se configura muito além do que um dia nossos ancestrais puderam pensar sobre ela. As relações na família se estabelecem de formas diversas, apresentando também diferentes maneiras de se constituir, embora ainda esteja ancorada no idealismo romântico, em que a maioria deseja um lugar seguro para aportar e ser feliz.

Faremos aqui um breve histórico da família, suas mudanças e transformações e nos deteremos na família pobre, especialmente na constituição familiar em que as avós ficam como as guardiãs ou cuidadoras em tempo integral dos seus netos.

1.1. Família: um olhar histórico

Roudinesco (2003) relata que se pode distinguir a evolução da família em três períodos. Num primeiro momento, a família dita **tradicional** assentava-se na preocupação com as tradições, com a conservação e ampliação do patrimônio e a transmissão da herança. Os casamentos eram arranjados e a família devia submeter-se à ordem patriarcal. Em momento posterior, caracteriza-se a **família moderna** e prevalece a lógica afetiva; assim, a união do casal funda-se no amor romântico. Valoriza-se a reciprocidade de sentimentos e os desejos carnavais por intermédio do casamento. Da mesma forma, a divisão de tarefas e as responsabilidades devem ser partilhadas pelo casal. No século XX, por volta de 1960, surge, por fim, a **família contemporânea** ou dita **pós-moderna**, em que os vínculos fundamentam-se no amor e no prazer e cuja duração é relativa, ou seja, os vínculos duram enquanto permanecerem esses sentimentos.

Segundo Simões e Hashimoto (2012), o sistema familiar tradicional, na sociedade ocidental judaico-cristã, sempre foi uma estrutura a ser preservada e seguida. Tal configuração familiar era pautada por uma clara e rígida divisão de trabalho com papéis sociais e culturalmente estabelecidos: o pai como o único provedor e o responsável por desbravar o mundo e a mãe como a responsável pelas tarefas domésticas e pelas necessidades da prole. O homem voltava-se para o externo, para o mundo dos negócios, das realizações profissionais, envolvia-se com o trabalho remunerado; enquanto à mulher era reservado o espaço interno, do

âmbito doméstico, onde se dedicava aos afazeres do lar, incluindo a administração da casa e os cuidados com os filhos, – os quais abarcavam o envolvimento emocional e a vigilância.

Fazendo uma releitura de Roudinesco (2003), Simões e Hashimoto (2012) afirmam que um aspecto importante a ser destacado é o de que nas famílias ditas pós-modernas ou contemporâneas, o foco primordial não está na forma de organização das famílias e sim no modo pelo qual os seus membros vinculam-se uns aos outros. Dessa forma, o filho passa a ocupar outro espaço no imaginário parental, diferente daquele que existia nos modelos familiares anteriores, onde os filhos eram de responsabilidade quase que exclusiva da mãe, eles tinham pouca voz e vez, devendo sempre prestar obediência aos pais, perfazendo muitas vezes os caminhos por eles trilhados.

Alves (2013) diz que abordar o núcleo familiar é situá-lo como um espaço indispensável para garantir a sobrevivência, o desenvolvimento, assim como a assistência integral aos filhos e demais membros, independentemente do modo como esteja organizado e/ou estruturado. O autor refere que a família corresponde a um fenômeno universal, visto que ela existe em diversos tipos de sociedade.

O IBGE (2005) define família como:

Conjunto de pessoas ligadas por laços de parentesco, dependência doméstica ou normas de convivência, residente na mesma unidade domiciliar, ou pessoa que mora só em uma unidade domiciliar (p.315).

Partindo dessa visão podemos também iniciar uma compreensão de família através da constituição, socialização e aprendizado dos afetos e relações sociais nas quais os sujeitos estão de alguma forma inseridos, independentemente de sua vontade, podendo mais tarde escolher continuar participando ou não desta rede, porém não há como não ser parte integrante dela.

Devido à presença do afeto e das relações sociais, Cabral (2009) relata que é possível associar vários benefícios à família:

É o lugar da partilha generosa e cotidiana de labores e recursos, em benefício próprio e dos seus descendentes, acentuando-se o prolongado papel de gênero das mães que é levado muito longe pelas mulheres que compõem a maioria da população idosa e que reiteram a condição de mães e avós (CABRAL, 2009, p.5).

Por sua vez, Petrini (2003) explica que a família surge como lugar da gratuidade, do acolhimento incondicional, que precede os cálculos da convivência, criando ao seu redor, uma rede de solidariedade (...) (p. 5-6). É na família que surgem os primeiros contatos e enlaces afetivos, que vão constituindo o sujeito e dando-lhe condições de crescer e experimentar outros vínculos.

Para o sociólogo Pierre Bourdieu (1996) o ‘espírito de família’ é:

...como o estado de integração mútua entre os membros da família, no qual se estabelece um cotidiano de trocas, ajuda mútua, festas comemorativas registradas nos álbuns fotográficos, produto de um consistente trabalho simbólico e prático. Nesse sentido, um verdadeiro trabalho de coesão, quer dizer, o de perpetuação do ‘sentimento familiar’, um exercício de manutenção desempenhado principalmente pelas mulheres (p.98).

A família é o lugar da constituição da subjetividade e da identidade, ao mesmo tempo em que é, também, o primeiro e principal espaço social. Essa ambiguidade do lugar da família se expressa no que dela se espera: lugar de proteção e expressão do indivíduo, lugar de socorro e, ainda, lugar da transmissão das regras e normas sociais, como salientam Costa e Vitalle (2003):

A família como expressão máxima da vida privada é lugar da intimidade, construção de sentidos e expressão de sentimentos, onde se exterioriza o sofrimento psíquico que a vida de todos nós põe e repõe. É percebida como nicho afetivo e de relações necessárias à socialização dos indivíduos, que assim desenvolvem o sentido de pertença a um campo relacional iniciador de relações includentes na própria vida em sociedade. É um campo de mediação imprescindível (p. 271).

Segundo Nunes, *et al* (2010) pode-se compreender a família como o grupo que se define por uma história que se conta aos indivíduos, desde que nascem, por palavras, gestos, atitudes ou silêncios e que será por eles reproduzida e ressignificada, à sua maneira, tendo como base os elementos acessíveis aos indivíduos na cultura e nas sociedades em que vivem. Cada uma constrói seus mitos segundo o que ouve sobre si, porém também desenvolve um discurso sobre si mesma.

Vários estudiosos apontam a não volubilidade/instabilidade e a não naturalidade como características da família enquanto instituição. Bruschini (1990) diz que estudar família é despi-la de sua “aparência de naturalidade percebendo-a como criação humana mutável” (p.50). Defende ainda que família não é uma instituição natural e sim um conjunto de indivíduos unidos por diferentes elos, podendo ser estes constituídos por sangue, adoção ou aliança (casamento e/ou união estável).

Hironaka (1999) acrescenta:

Biológica ou não, oriunda do casamento ou não, matrilinear ou patrilinear, monogâmica ou poligâmica, monoparental ou poliparental, não importa. Nem importa o lugar que o indivíduo ocupe no seu âmago, se o de pai, se o de mãe, se o de filho; o que importa é pertencer ao seu âmago, é estar naquele idealizado lugar onde é possível integrar sentimentos, esperanças, valores, e se sentir, por isso, a caminho da realização de seu projeto de felicidade pessoal (p.2).

A família econômica burguesa que outrora se organizava em função da figura paterna, fechada em sua intimidade e com determinado padrão de educação para os seus filhos e a subordinação das mulheres, ao longo dos anos, vem passando por mudanças significativas na sua estrutura. Assim como Simões e Hashimoto (2012), estamos aqui nos detendo na família

ocidental, que se assenta nas bases do sistema industrial e no iluminismo, predominando os valores democráticos e igualitários, tornando possível a igualdade de direitos entre homens e mulheres, bem como a liberdade de expressão.

O século XX trouxe consigo um conjunto de acontecimentos nas áreas de urbanização e desenvolvimento das cidades, assim como a entrada da mulher no mercado de trabalho visto que o capitalismo exacerbado já se instituía ditando as regras comerciais. Com isso a mulher foi “favorecida²” dando início a um processo de “independência” financeira, alterando os costumes, valores e projetos familiares. Vale salientar, no entanto, que nas classes de baixo poder aquisitivo, a mulher sempre trabalhou para prover sua subsistência e a de seus filhos.

Sarti (2008) considera que a década de 1960 é uma referência mundial quando se trata da história recente da família. Entre tantos marcadores das transformações da família, encontramos o advento e a difusão da pílula anticoncepcional feminina uma vez que esse avanço tecnológico contribuiu para produzir a dissociação entre a vida sexual ativa e a reprodução. Além disso, o maior nível de escolarização das mulheres e sua afirmação no espaço público de trabalho possibilitaram, ainda segundo Sarti (2008, p. 21),

As condições materiais para que a mulher deixasse de ter sua vida e sua sexualidade atadas à maternidade como um “destino”, recriou o mundo subjetivo feminino, e aliado à expansão do feminismo, ampliou as possibilidades de atuação da mulher no mundo social.

Para Scavone (2001), tais mudanças ocorridas nas últimas décadas contribuíram não somente para uma nova configuração familiar, mas também para uma mudança de papéis dentro de casa, onde a ideia de uma mulher-indivíduo começou a se impor frente à ideia da mulher-natureza, destinada a ser mãe e dona-de-casa. Isso não quer dizer que essa nova mulher, ao trabalhar fora de casa, deixou de ser a dona da casa. A mulher atual almeja o sucesso pessoal incluindo em seus ideais de vida a realização profissional sem deixar de participar da subsistência da família (WAGNER, 2002).

Chegamos ao século XXI com a família pós-moderna ou pluralista, como tem sido chamada, pelos tipos alternativos de convivência que apresenta. Para Meireles e Teixeira (2014) a diversificação dos arranjos familiares marca profundamente a contemporaneidade. Em todo o mundo, o conceito de família nuclear e a instituição casamento intimamente ligados à família, passaram por transformações. A expressão mais marcante dessas modificações ocorreu no final da década de 60: cresceu o número de separações e divórcios, a religião foi perdendo sua força, não mais conseguindo segurar casamentos com relações insatisfatórias. A igualdade passou a

² A ideia de favorecimento não como beneficiamento, pois não houve a exclusão das outras diversas atribuições/funções outrora destinadas à mesma.

ser um pressuposto em muitas relações matrimoniais. A partir daí, surgem inúmeras organizações familiares alternativas: casamentos sucessivos com parceiros distintos e filhos de diferentes uniões; casais homossexuais adotando filhos legalmente; casais com filhos ou parceiros isolados ou mesmo cada um vivendo com uma das famílias de origem; as chamadas “produções independentes” tornam-se mais frequentes; e mais ultimamente, duplas de mães solteiras ou já separadas compartilham a criação de seus filhos. A composição pode variar em uniões consensuais de parceiros separados ou divorciados; uniões de pessoas do mesmo sexo; uniões de pessoas com filhos de outros casamentos; mães sozinhas com seus filhos e uma infinidade de formas a serem definidas, colocando-nos diante de uma nova família, diferenciadas do clássico modelo da família nuclear.

Pereira (2003) acrescenta os domicílios que são formados por gente morando sozinha, avós ou tios criando netos, casais sem filhos, e outras tantas alternativas, como, por exemplo, os grupos de amigos que decidem morar junto para dividir um apartamento grande. E não se trata, no caso, de estudantes de orçamento apertado, mas de adultos com trabalho fixo e contracheque.

Outras situações familiares, nos tempos atuais, estão cada vez mais frequentes. Algumas, de temporárias, acabam virando definitivas, como o homem que se separa da mulher e volta a morar com os pais, “apenas por alguns dias”, ou então aquelas em que os filhos adultos permanecem residindo na casa dos pais e retardam ao máximo o grito de independência, prolongando a convivência familiar e saindo, apenas, quando julgam que está na hora de constituir uma nova família ou de morar sozinho.

A nova família, que anteriormente era definida pela obrigação e hoje é definida pelo afeto, cada vez mais aparece no cenário nacional num debate em torno do presente e do futuro da instituição família e do valor da família diante da generalização do individualismo. Acerca disto, Lia Zanotta Machado salienta em entrevista concedida a Pereira (2003), que o valor da família não prevalece mais sobre os dos sentimentos individuais das pessoas, o que podia ser visto até a metade do século XX na formação de uma família. Nesta época o que predominava era a relação de consanguinidade e, hoje, o mais importante é a relação amorosa.

Peixoto e Cicchelli (2000) assinalam que, nas últimas décadas, falou-se muito a respeito da crise da família, numa alusão à baixa taxa de fecundidade, ao aumento da expectativa de vida e, conseqüentemente, à crescente proporção da população com mais de 60 anos. Além disso, os autores também referem ao declínio do casamento e à banalização das separações como fatores constituintes da tal “crise”. Os citados autores afirmam que o que caracteriza esse

processo, a que se chama de crise, não é propriamente o enfraquecimento da instituição família, mas o surgimento de novos modelos familiares, de novas relações entre os sexos, numa perspectiva igualitária, maior controle da natalidade, a inserção massiva da mulher no mercado de trabalho, aumento da expectativa de vida, fatores e condições sociais, entre outros aspectos.

Por sua vez, Leone, Maia e Baltar (2010) corroboram com o que foi referido, dizendo que as diversas formas de adaptação frente às mudanças econômicas, aliadas a outros processos sociais, demográficos e culturais, afetaram o funcionamento e a estrutura das famílias. Desde meados da década de 1960, as famílias têm-se tornado cada vez mais complexas, distanciando-se de padrões tradicionais: aumentam as coabitações (em detrimento dos casamentos), as separações e as novas uniões. Surgem novos personagens no âmbito da família (padrasto, madrasta, meio-irmão). As mulheres retardam o nascimento do primeiro filho e espaçam mais os nascimentos dos filhos, reduzindo as taxas de fecundidade. O número de filhos por mulher em idade reprodutiva cai. A composição das configurações familiares se modifica, aumentando os casais sem filhos e as famílias monoparentais (principalmente as chefiadas por mulheres) e diminuindo o tipo de família mais tradicional – aquele constituído pelo casal e os filhos. A queda da fecundidade e as mudanças nos arranjos familiares provocaram ainda aumento na proporção de pessoas idosas nas famílias.

As profundas transformações observadas na sociedade brasileira nas últimas décadas, como a verticalização das famílias, o aumento da participação das mulheres no mercado de trabalho e o envelhecimento populacional colocam a questão da provisão dos cuidados para a população idosa com limitações instrumentais e/ou funcionais na agenda dos formuladores e gestores de políticas públicas (CAMARANO; PASINATO; LEMOS, 2007).

Segundo as análises do estudo feito sobre o censo 2010 pelo IBGE (2014) a proporção de famílias que tinham a mulher como responsável foi de 37,3%, sendo que este indicador se eleva ligeiramente a 39,3% para famílias em áreas urbanas e diminui consideravelmente (24,8%) para aquelas em áreas rurais. Do total de famílias com responsável de cor ou raça preta ou parda, 38,7% tinham a mulher nesta condição. Quando se observa o tipo de composição familiar, percebe-se que a proporção de mulheres responsáveis pela família, naquelas compostas por casais, com ou sem filho, foi inferior à média nacional: nas famílias formadas por casal sem filho, 23,8% tinham a mulher como responsável, e, nas famílias de casais com filho, a proporção foi de 22,7%. Por outro lado, naquelas formadas pelo responsável sem cônjuge e com filho(s) (monoparentais), as mulheres foram maioria na condição de responsável pela família (87,4%), inclusive com valor elevado também na área rural (78,3%). De fato, sem

a presença de cônjuge, é muito mais comum o arranjo onde a mulher é responsável. Entre as famílias com rendimento até $\frac{1}{2}$ salário mínimo per capita, nas áreas urbanas, 46,4% tinha a mulher como responsável, valor mais elevado do que a taxa média da área urbana, que foi de 39,3%, enquanto, para a área rural, a proporção foi de 26,0%, valor mais próximo ao da média da área (24,8%). Nas famílias com maior rendimento (mais de 2 salários mínimos per capita), a proporção de mulheres na condição de responsável foi menor, praticamente $\frac{1}{3}$ das famílias nesta classe de rendimento.

A presença dos avós se torna uma realidade atual, em função das melhorias econômicas e científicas, de sorte que, com elas, o ser humano alcança uma longevidade, realidade que já estamos vivendo. Assim aparece com maior frequência mais um membro familiar, não só presente em fotografias, mas que influencia tanto os netos quanto os filhos, de formas diferenciadas. Esse presente possibilita que as pessoas vivam tempo suficiente para se tornarem avós. O protagonismo exercido pelos avós, na família, é produto de uma história atual com um passado ainda recente. Ao pesquisarmos sobre os avós e suas funções na família, tentamos aproximar dados históricos atinentes às mudanças familiares, a serviço da velhice e infância.

A família caracteriza-se, assim, por uma pluralidade de interpretações e de modos de organização e se constrói num processo de interação constante entre seus membros e os contextos sócio, histórico, cultural e político engendrados no curso da história. Independentemente da diversidade conceitual e de configuração, todas as concepções apresentadas convergem no sentido de reconhecer a importância da instituição familiar como célula *mater* da sociedade (MEIRELES; TEIXEIRA, 2014, p.40).

Mioto (2000) ressalta, porém que, não obstante o reconhecimento protetivo da família, é preciso considerar também que o “terreno sobre o qual a família se movimenta não é o da estabilidade, mas o do conflito, o da contradição” (p.219). Assim, adverte que a família, embora seja prioritariamente espaço de cuidado, pode, em suas relações, abrigar o conflito e a instabilidade, sejam estes influenciados ou não por condições estruturais (sociais, econômicas, culturais).

Cresce o número de núcleos familiares predominantemente compostos por várias gerações, como uma forma de melhor enfrentar as dificuldades financeiras. Os filhos adultos, mesmo quando constituem suas próprias famílias, continuam compartilhando o habitat original, somando rendimentos com o objetivo de baratear os custos com a habitação e garantir melhores cuidados às crianças e a outros dependentes que não participam ativamente no mercado de trabalho, como os adolescentes, os idosos, os desempregados e os deficientes. Vale salientar

que esta tem sido a tentativa de várias famílias, representando uma expressiva camada de pessoas à margem do que se espera ou idealiza quando se forma uma família.

1.2. Caracterizando a família pobre

Apesar de se defender a igualdade entre os sexos, nosso país compreende uma vasta extensão territorial onde é fácil identificar a desigualdade econômica e social. Muitas vezes trata-se de condições precárias que não garantem o acesso ao mínimo instituído como de direito por nossa Constituição Federal de 1988³, na área de saúde, saneamento básico, higiene, alimentação e educação, geram situações de desigualdade que deixam marcas do sofrimento e de carência registradas na dimensão psicológica de muitas pessoas.

É fácil perceber o constante dinamismo e mutação advindos da estrutura e conjuntura social, ficando mais evidente nas famílias mais pobres, ou quem sabe, com menores condições financeiras, sujeitos desta pesquisa, onde o percurso e as mudanças no meio intrafamiliar se dão, muitas vezes de forma doloroso-traumática, tanto pelas imposições da própria sociedade e das condições econômicas, como pela necessidade de travar diariamente uma batalha para sobreviver seja sozinho ou em grupo (família). Cruz (2012) aponta que estamos vivendo uma “época em que reina a luta pela sobrevivência e, portanto, o individualismo (...)” (p.266).

Tomamos como pobreza a lógica do pesquisador Iamamoto (2008, p.107), para quem:

A questão social resulta da divisão da sociedade em classes e da disputa pela riqueza socialmente gerada, cuja apropriação é extremamente desigual no capitalismo. Supõe-se, desse modo, a consciência da desigualdade e a resistência à opressão por parte dos que vivem de seu trabalho. Nos anos recentes, a questão social assume novas configurações e expressões, e “as necessidades sociais das maiorias, as lutas dos trabalhadores organizados pelo reconhecimento de seus direitos e suas refrações nas políticas públicas, arenas privilegiadas do exercício da profissão” sofrem a influência do neoliberalismo, em favor da economia política do capital.

Assim sendo a pobreza é a expressão direta das relações sociais e “certamente não se reduz às privações materiais” (YAZBEK, 2009, p. 73-74). É uma categoria multidimensional, e, portanto, não se caracteriza apenas pelo não acesso a bens, mas é categoria política que se traduz pela carência de direitos, de oportunidades, de informações, de possibilidades e de esperanças (MARTINS, 1991, p.15).

Silva (2010) refere-se a uma forma de inserção na vida social, a uma condição de classe e, portanto, aborda a pobreza como categoria histórica e socialmente construída, como

³ Art. 6º, Emenda Constitucional nº 64 de 04 de fevereiro de 2010.

fenômeno que não pode ser tomado como natural. Está também se reportando à qualidade relativa da pobreza que gira em torno da desigualdade social, assim como a outras condições reiteradoras da desigualdade (como gênero, etnia, procedência e outros aspectos). Como se sabe, no Brasil “a pobreza decorre, em grande parte, de um quadro de extrema desigualdade, marcado por profunda concentração de renda. Essa situação coloca o Brasil entre os países de maior concentração de renda do mundo” (SILVA, 2010, p.156).

Para Yazbek (2009), a pobreza é parte de nossa experiência diária. Os impactos destrutivos das transformações em andamento no capitalismo contemporâneo vão deixando suas marcas sobre a população empobrecida: o aviltamento do trabalho, o desemprego, os empregados de modo precário e intermitente, os que se tornaram não empregáveis e supérfluos, a debilidade da saúde, o desconforto da moradia precária e insalubre, a alimentação insuficiente, a fome, a fadiga, a ignorância, a resignação, a revolta, a tensão e o medo são sinais que, muitas vezes, anunciam os limites da condição de vida dos excluídos e subalternizados na sociedade.

Eles são sinais que expressam também o quanto a sociedade pode tolerar a pobreza e banalizá-la e, sobretudo, a profunda incompatibilidade entre os ajustes estruturais da economia à nova ordem capitalista internacional e os investimentos sociais do Estado brasileiro. Incompatibilidade legitimada pelo discurso, pela política e pela sociabilidade engendrados no pensamento neoliberal, que, reconhecendo o dever moral de prestar socorro aos pobres e “inadaptados” à vida social, não reconhece seus direitos sociais (YAZBEK, 2009).

Segundo Sarti (2009), a principal característica das famílias pobres é sua configuração em rede de relações que move os sujeitos e que provê os recursos materiais e afetivos com que contam. O ambiente familiar é entendido a partir de condições socioeconômicas e culturais, sua moralidade e suas raízes, das condições particulares em que vivem e da história da qual são herdeiros.

Portanto, nas famílias das camadas mais empobrecidas da população a realidade de composição familiar é bem diferente do modelo tradicional de família nuclear, onde o pai é o provedor, a mãe cuida da casa e os filhos estudam.

De acordo com Senna e Antunes (2003), elevou-se o número de núcleos familiares compostos apenas por mulheres e seus filhos menores, e também o número de indivíduos e mesmo de famílias moradores de rua. Muitas delas têm vivido situações especiais de risco, com doenças, desemprego, conflitos conjugais intensos, envolvimento em atividades ilícitas e problemas com a polícia, dependência de drogas, distúrbios mentais, entre outros. Isso pode levá-las a se tornar incapazes de articular minimamente os cuidados de seus membros, e por

isso necessitam atenção diferenciada do Estado para garantir os direitos de cidadania das crianças, idosos e deficientes físicos ali presentes (VASCONCELOS, 1999).

A vulnerabilidade da família pobre possibilita explicar a frequência de rupturas conjugais, diante de tantas expectativas não cumpridas. As famílias menos favorecidas se tornam mais vulneráveis quando o pai não é o centro e se desfazem mais facilmente. Quando chefiadas por mulheres, vivem em situações mais precárias devido às condições de trabalho e diferenças salariais. A isso se alia a instabilidade estrutural do mercado de trabalho que as absorve. A discriminação social tem um papel definidor das práticas familiares. Nas famílias onde a figura paterna não é presente, substitui-se por outro homem que faz parte da rede familiar. Não se constituem como núcleo, mas como uma rede com ramificações de parentesco, configurando uma trama de obrigações morais (NUNES *et al*, 2010).

Os papéis sociais exercidos no contexto familiar por seus membros foram se reconfigurando, influenciados pelo processo de reestruturação produtiva do mercado e dos sucessivos momentos de crise. As idas e vindas da instabilidade econômica influenciaram as modalidades de atividades produtivas não formais nas comunidades, cada vez mais carentes da presença do Estado. Famílias inteiras ficaram sob os cuidados e atenções de suas próprias redes intrafamiliares e da comunidade organizada em seus territórios de moradia (MACEDO *et al*, 2010).

Sarti (2004), metaforicamente, considera que a família pobre constitui-se como uma rede, na qual as relações de parentesco estão interligadas e enredadas numa trama de obrigações morais que ao mesmo tempo dificulta a individualização e viabiliza sua existência com apoio e sustentação. A importância da família para os pobres urbanos se dá por estruturar seu lugar no mundo social, tornando as dificuldades cotidianas mais suportáveis. Conforme a citada autora esse valor moral está atrelado ao descaso do poder público (que reforça a exclusão) e, como consequência, as características precárias do serviço público (segurança, educação, saúde, entre outros).

Em seu texto, “Famílias Enredadas”, Sarti (2008, p. 28) ressalta que uma das características da família pobre é a “sua configuração em rede, contrariando a ideia corrente que ela se constitui em um núcleo”. Nesse sentido, a autora chama atenção para a importância da comunidade na vida das famílias e como ela dificilmente irá passar pelos ciclos de desenvolvimento familiar sem rupturas provenientes das “dificuldades enfrentadas para a realização dos papéis familiares no núcleo conjugal, diante de uniões instáveis e empregos

incertos” (SARTI, 2008, p. 29). Disso resultam diversos reordenamentos nas unidades familiares que envolvem a rede de parentesco e amizades.

Em poucas palavras a família é uma questão ontológica para os pobres. Sua importância (...) se refere à sua identidade de ser social e constitui a referência simbólica que estrutura sua explicação do mundo. É na família que o pobre dá sentido à vida e ao seu trabalho, muitas vezes, humilhante. E é por ela que ele se sacrifica e aceita as condições duras de alguns subempregos (SARTI, 2004, p.53).

Como já foi referido, o aumento da longevidade humana tem propiciado a duração e a maior convivência entre as gerações de uma mesma família e, atualmente, tem tomado grandes proporções à criação de netos por parte dos avós, caracterizada como: fornecer recursos financeiros, apoio emocional, dentre outras implícitas nas relações de parentesco. É sobre essa temática que iremos nos deter no próximo capítulo.

2. PERCORRENDO OS TRILHOS DE SER AVÓ

Segundo Kipper e Lopes (2006), o momento em que nasce um neto marca a passagem para outra fase no ciclo de vida da família, que traz modificações, não só na estrutura familiar, como na estrutura psíquica dos novos avós – uma nova identidade tem de ser criada; novos papéis adquiridos. Renascem esperanças, aproximam-se gerações e, principalmente, nasce à noção de continuidade. A genealogia de uma família é estabelecida pela transmissão de informações (genes, traços, histórias) entre as diferentes gerações.

Reforçando essa ideia, Dias (1994) relata que a chegada de um neto pode oferecer à mulher de meia-idade uma nova oportunidade para viver a experiência da maternidade, em forma de autorrealização emocional, mas também pode provocar desconforto e desapontamento colocando-a em confronto com a realidade, ao levá-la a pensar na idade e na proximidade da morte. Apesar disso, ser avó na contemporaneidade aponta para novas posições nas relações na família e no contexto social. Rodrigues e Justo (2009) chamam atenção para os novos papéis desempenhados pelas avós, que podem ser ao mesmo tempo mães e avós zelosas, mas também mulheres maduras, sedutoras e ativas.

Para conviver com as gerações mais novas, os avós necessitam desenvolver estratégias relacionais de convivência, entre elas, a abertura para novas experiências. Diante das particularidades da dinâmica familiar, alguns avós desempenham a função de cuidadores, prestando apoio afetivo e financeiro à rede familiar, enquanto outros assumem a função paterna ou materna somando os papéis de avós e pais dos netos (VITALE, 2008; OLIVEIRA, 2011).

Neste capítulo embarcaremos nos trilhos do processo de envelhecimento, vislumbrando o que significa ser avô/avó, ao longo do tempo, sua importância e funções; aportando na plataforma das avós guardiãs, sujeitos do nosso estudo.

2.1. Envelhecimento e relações de gênero

O envelhecimento pode ser compreendido como um processo natural, de diminuição progressiva da reserva funcional dos indivíduos – senescência - o que, em condições normais, não costuma provocar qualquer problema. Nas alterações de saúde relacionadas com a idade percebe-se que estão presentes fatores de risco e ocorrência de doenças crônico-degenerativas que determinam ao idoso certo grau de dependência, relacionado com a perda de autonomia e dificuldade de realizar as atividades da vida diária (BRASIL, 2006; MELLO *et al.*, 2010).

Estamos envelhecendo, nós, o mundo! Fenômeno este que acontece em vários países desenvolvidos e em desenvolvimento, e o Brasil acompanha essa tendência mundial. Este é um fato incontestável e reconhecido internacionalmente como uma conquista alcançada em meados do século XX. A proporção de pessoas com 60 anos ou mais está crescendo mais rapidamente que a de qualquer outra faixa etária, em todo o mundo. Segundo a OMS (2012), entre 1970 e 2025, espera-se um crescimento de 223%, ou em torno de 694 milhões, no número de idosos. Em 2025, existirá um total de aproximadamente 1,2 bilhões de pessoas com mais de 60 anos. Até 2050 haverá dois bilhões, sendo 80% nos países em desenvolvimento. De acordo com o Censo 2010, divulgado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, o Brasil apresenta 18 milhões de pessoas com mais de 60 anos, o que já representa 12% da população brasileira. Esses dados revelam que os idosos formam o grupo que mais cresceu na última década. Até 2025, o país será o sexto país do mundo em número de idosos (IBGE, 2010). Segundo Carvalho e Garcia (2003), isto se deve ao declínio da fecundidade, observada a partir dos anos 60, em que o ritmo de crescimento anual do número de nascimentos passou a cair o que fez com que se iniciasse um processo contínuo de estreitamento da base da pirâmide etária, consequentemente, de envelhecimento da população.

Ainda de acordo com as estimativas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010) a expectativa de vida dos brasileiros deve chegar a 74,8 anos em 2015. As projeções acerca da população apontam uma crescente participação dos idosos na população total, cuja estimativa da esperança de vida ao nascer, em 2050, será de 78,1 anos para os homens e de 84,5 anos para as mulheres (SOARES, 2012).

No que se refere ao limite de idade estabelecido legalmente para o indivíduo ser considerado velho, no Brasil, tem-se a Lei 10.741⁴, de primeiro de outubro de 2003, que configura o Estatuto do Idoso e dá outras providências, estabelecendo como sendo idoso todo aquele com idade igual ou superior a 60 anos. A Organização Mundial de Saúde (OMS, 2010) também adota essa idade para os países em desenvolvimento, mas, para os países desenvolvidos, são consideradas idosas aquelas pessoas com 65 anos ou mais.

Otoni (2012) relata que a longevidade é fator de grande preocupação para o mundo, pois envolve questões cruciais, como aposentadoria, impostos, saúde pública, habitação, dentre outras. O que antes era visto com descaso, hoje se torna uma questão social, sempre presente

⁴Conforme Art. 118. A lei entrou em vigor, decorridos 90 (noventa) dias de sua publicação, ressalvado o disposto no caput no art. 36, que vigorou a partir de primeiro de janeiro de 2004.

nas agendas políticas. Haddad (2001) comenta que a longevidade é algo assustador e desafiador para todos.

Os registros encontrados a respeito do envelhecimento humano são tão antigos quanto os registros culturais do próprio homem. Questões acerca da finitude da vida e mortalidade estão presentes em qualquer cultura ou grupo social (JECKEL-NETO, 2000; PAPALÉO-NETO, 2002). Para Beauvoir (1990), a velhice deve ser compreendida em sua totalidade porque é, simultaneamente, um fenômeno biológico com consequências psicológicas, considerando que certos comportamentos são apontados como características da velhice. Como todas as situações humanas, a velhice tem uma dimensão existencial, que modifica a relação da pessoa com o tempo, gerando mudanças em suas relações com o mundo e com sua própria história. Assim, a velhice não poderia ser compreendida senão em sua totalidade; também como um fato cultural.

De acordo com Alves (2013), os conceitos elaborados sobre a velhice surgem como produtos de determinada época. No plano individual, envelhecer significa aumentar o número de anos vividos. Convém ressaltar, entretanto, que as especificidades atribuídas a esse conceito variam de acordo com cada momento histórico, bem como da sociedade em que se está inserido. Segundo o referido autor, é relevante compreender que a velhice corresponde a um fenômeno biológico, mas é também um processo heterogêneo e individual, sofrendo, por sua vez, influência do meio sociocultural.

Camarano (2003) salienta que, apesar de a idade trazer uma série de vulnerabilidades, não é apenas o momento em que as características do envelhecimento surgem que irá definir se uma pessoa já entrou nesse processo, mas a intensidade com que elas aparecem, bem como as questões relacionadas a gênero, raça e grupos sociais. É oportuno mencionar que não há uma definição exata de velhice, porquanto existe uma multiplicidade de aspectos (físicos, psicológicos, sociais, emocionais, econômicos, culturais), indissociáveis uns dos outros, que ela assume. Ressaltamos que neste trabalho nem todas as avós pesquisadas se encontram no que a OMS caracteriza como idoso, em países em desenvolvimento – nossa classificação atual, pois existem aquelas que ainda não chegaram aos 60 anos, embora apresentem queixas, angústias e solicitações semelhantes àquelas que já adentraram nessa faixa etária, e o mais peculiar é que as mesmas se sentem e se nomeiam idosas.

Ferrigno (2003), corroborando com a percepção de Beauvoir (1990), sobre as características singulares da velhice, afirma:

Principalmente a partir da segunda metade da vida o ser humano vai mudando sua forma de orientação no mundo; vai deixando de ser orientado externamente para ser orientado cada vez mais pelo seu interior. Com isso e graças ao acúmulo de experiências singulares, ou seja, que somente ele vivenciou, vai formando uma subjetividade única. Portanto, as idiosincrasias de cada idoso tendem a se manifestar de modo cada vez mais exuberante. Como decorrência desse processo de diferenciação ou de singularização, cada um se torna na velhice mais e mais incomparável a qualquer outro ser idoso; torna-se cada vez mais ele mesmo (pp.135-136).

Sobre as condições de vida dos idosos, Agostinho e Máximo (2006) ressaltam que, devido à falta de reformas que acompanhem as mudanças na estrutura etária da população no Brasil, os idosos no país representam um grupo com várias vulnerabilidades, não somente em nível educacional, de saúde e de mobilidade, mas principalmente no que se refere às condições de rendimento. A partir de uma análise comparativa realizada entre os grupos etários mais jovens e numa perspectiva multidimensional, os autores concluem que as mulheres mais velhas apresentam uma maior vulnerabilidade. Além disso, destacam a importância das características individuais e de saúde nos estudos sobre pobreza que focalizam esse grupo etário.

Fraiman (1991) contribui com o tema ao colocar a importância da idade cronológica:

A idade é uma das variáveis que regulam o comportamento social e as relações entre indivíduos e grupos, em todas as sociedades. Ela conglera e torna homogêneas grandes classes de indivíduos, submetendo-os às normas sociais que não apenas os beneficiam, mas também estigmatizam e até os prejudicam, por desconsiderar as diferenças individuais (p.19).

O citado autor ressalta que, para o senso comum, velho é aquele que possui muitos anos de idade e uma vasta experiência acumulada, diferenciando-o assim dos demais. No entanto, há peculiaridades nas formas como mulheres e homens envelhecem. As pesquisas acentuam o fenômeno da “feminização da velhice” marcado pelo aumento significativo no número de mulheres idosas em comparação com o número de homens que envelhecem (CAMARANO, 2006; NERI, 2007). Embora essa sobrevivência não seja garantia de qualidade, a mulher tem mais probabilidade que o homem de viver mais anos. Por sua vez, o conceito “feminização da pobreza” representa a ideia de que as mulheres estão ficando mais pobres do que os homens. De acordo com o *Human Development Report* (1995) a pobreza tem o rosto de uma mulher – de 1,3 bilhões de pessoas na pobreza, 70% são mulheres. A pauperização das mulheres tem sido relacionada a um aumento na proporção de famílias chefiadas por mulheres. Como consequência, os estudos sobre feminização da pobreza têm se voltado, principalmente, para analisar as famílias chefiadas por mulheres (NOVELLINO, 2002).

Moreira (1998) considera que a feminização decorre de amplos diferenciais de volume de idosos por sexo, uma vez que um número muito maior de mulheres sobrevive até atingir o limiar inferior do grupo etário idoso e neste permanecem muito mais tempo que os homens. Em

2000, para um grupo de 100 mulheres havia cerca de 81 homens; em 2050, haverá aproximadamente,76. Fenômeno que se acentua entre idosos mais velhos, chegando a 61 homens para cada 100 mulheres e alcançando a proporção de quase duas mulheres para cada homem (LIPOSCKI, 2007; MORAIS, 2007; WONG; CARVALHO; PERPÉTUO, 2009).

Conforme os estudos de Soares (2012), no Brasil, em 2008, havia mais de 21 milhões de idosos, entre os quais 56% eram do sexo feminino. O excedente feminino é ainda maior à medida que avança a idade. Na população com 70 anos ou mais, o número de mulheres supera o dos homens em 38% ou cerca de 16 pontos percentuais em termos relativos. Isso é reflexo do processo de transição demográfica pelo qual o país vem passando nos últimos anos, de um lado, com a queda na taxa de fecundidade e, de outro, com a redução da mortalidade, ocasionada principalmente pelas inovações e descobertas no campo da saúde. Debert (2004) mencionou que um dos fatores que pode explicar essa diferença é a maior adaptação das mulheres às mudanças na velhice, em função de estarem acostumadas com modificações drásticas no corpo, como gravidez e a menstruação, somando-se à prevenção médica. As profissões perigosas e os assassinatos seriam alguns dos fatores que também abreviam a longevidade masculina.

A mulher, de forma geral, apresenta menos comportamento de risco, como também adota uma postura mais ativa no cuidado com sua saúde, inclusive recorrendo mais a programas de prevenção. Em decorrência dessa variação, as mulheres experimentam períodos mais prolongados de doenças crônicas (VERAS; RAMOS; KALACHE, 1987). É também entre as mulheres longevas que a viuvez é mais prevalente e as taxas de segundo casamento são menores do que entre os homens viúvos (BUAES; DOLL, 2005). Estes tendem a constituir nova família (DUARTE, 2003; SAAD, 2003). As mulheres idosas, por sua vez, optam por residir com parentes próximos, encarregando-se de cuidados com os netos e com o lar (VITTA, 2001).

Segundo Soares (2012), a idosa não está maciçamente inserida no mercado de trabalho não somente por sua baixa escolaridade e pouca experiência profissional, reflexo de uma época em que suas principais funções sociais eram ser mãe e esposa, mas porque, na geração atual, suas filhas estão no mercado de trabalho e, dessa maneira, parte da tarefa de cuidado dos filhos (no caso, netos) é transferida para as avós. Além disso, a condição de educação dos idosos é marcada por uma baixa escolaridade, com um elevado percentual de analfabetos (40,85% entre homens e 41,6% no caso das idosas). Os percentuais de idosos analfabetos mais do que dobram no Norte e Nordeste do país, comparados com o Sudeste e o Sul (que giram em torno de 14,3% para homens e 18,55% entre as mulheres). Com efeito, mais da metade da população com 60

anos ou mais de idade pode ser considerada analfabeta funcional, com menos de quatro anos de estudo (IBGE, 2010).

Debert e Simões (2006) observaram dois tipos específicos de arranjos familiares com a presença de idosos: as **famílias de idosos** que se caracterizam pela posição do idoso como chefe de família, sendo o provedor financeiro e ajudando na criação dos netos e até mesmo bisnetos; e as **famílias com idosos**, ocorrendo especialmente nas camadas mais desfavorecidas, nas quais o idoso reside com familiares por não possuir condições econômicas ou de saúde para ter sua casa, seu papel é de suporte afetivo nos cuidados com as crianças, pois depende financeiramente dos filhos ou netos. Nos dois tipos de arranjos existem trocas informais em que os idosos integram o sistema de apoio mútuo. Esses aspectos evidenciam a ascensão da população idosa e a reformulação do paradigma de que envelhecer significava deixar de produzir e esperar o fim do ciclo da vida.

2.2 Contextualizando o “SER AVÔ/AVÓ” ao longo do tempo

A literatura sobre o papel dos avós no seio familiar se apoia nas transformações sociais e demográficas para evidenciar as mudanças nesse papel e na sua importância ao longo do tempo. Nos anos 40 existia uma visão negativa do papel dos avós. Eles eram então percebidos como uma má influência para os netos, não sendo considerados cuidadores e educadores adequados. Nos anos 50 começou a se considerar que os avós poderiam ter uma influência positiva na vida dos netos, mas a dificuldade estaria no estabelecimento de fronteiras na relação entre pais e avós, relativamente à disciplina das crianças. A partir dos anos 60 reconhece-se um papel benéfico dos avós na família, que passaram a adotar uma postura menos autoritária e mais lúdica, retratando-os de forma positiva. Nos anos 80, tornou-se evidente a importância das funções de apoio e socialização desempenhadas pelos avós no seio familiar. Pode-se verificar também uma mudança na visão sobre os avós na literatura infantil. Inicialmente, as histórias infantis revelavam imagens estereotipadas dos avós, apresentando-os como figuras secundárias, velhas e doentes, deslocadas da família e da sociedade, passando a maior parte do tempo numa cadeira de balanço, sofá ou cama, retratando uma imagem de inutilidade, de já não mais ser necessário (LINS, 2011; PAIS, 2013).

Para Cardoso e Brito (2014) a representação de avó, comumente descrita na literatura infantil e nos comerciais de televisão veiculados no Brasil é a de pessoas idosas, disponíveis para os netos. Nas histórias infantis, nota-se a grande diferença de idade entre avós e netos. No entanto, os dados estatísticos e os estudos de alguns autores (SEGALEN, 1996; OLIVEIRA,

1999; ATTIAS-DONFUT; SEGALEN, 2001; LOPES; NERI; PARK, 2005) vêm mostrando que, na atualidade, tanto há avós com idade avançada como existem aqueles considerados muito jovens para esse papel. No contexto brasileiro, os avós jovens muitas vezes ainda estão inseridos no mercado de trabalho e, nesses casos, não conseguem cuidar dos netos. Mas, nos estudos desenvolvidos por Silva e Salomão (2003) com mães adolescentes, foi observado que, nessas situações, as avós acabam incorporando o papel de mães na relação com os netos, o que contribui para alavancar conflitos entre mãe e avó.

Atualmente, os avós surgem como ativamente envolvidos na vida dos netos e, na maior parte das vezes, são apresentados como pessoas felizes. Em muitos livros os avós adquirem o status de heróis ao resolver problemas familiares, funcionando igualmente como fonte de inspiração para a família. O suporte gráfico das histórias também se revela importante ajudando a caracterizar os avós como pessoas com valor, respeitadas e apreciadas pelos netos (BELLAND; MILLS, 2001).

Torna-se igualmente importante analisar o significado que o papel dos avós pode adquirir, porque só assim se pode compreender o exercício do mesmo. São cinco as categorias propostas por Neugarten e Weinstein (1964): 1) **Renovação e/ou continuidade biológica**, obtidas através de sentimento de rejuvenescimento e/ou do sentido de permanência da família no futuro; 2) **Oportunidade para exercer novo papel** emocional, diferente do exercido enquanto pai/mãe e, que pode oferecer autorrealização; 3) **Papel de educador ou de pessoa a quem se pode recorrer**, com a oferta de experiências de vida e ajuda financeira e emocional; 4) **Extensão do self**, podendo os netos alcançar objetivos ou sonhos não atingidos pelos avós; 5) **Papel remoto**, que diz respeito ao sentimento de distância em relação aos netos, sendo o papel de avô/avó pouco marcante. Geralmente este ocorre devido aos conflitos entre as gerações dos avós e dos pais, distância geográfica ou envolvimento dos avós em seus próprios interesses e objetivos de vida.

Kivnick (1982), por sua vez, descreve cinco funções educativas dos avós: 1) Mimar, o que não é sinônimo de deseducar ou estragar os netos. Ou seja, não é contrariar os pais e deixar os netos fazer o que os pais não deixam, mas é aproveitar o tempo e a disponibilidade para realizar tarefas de que eles gostam; 2) Promover o desenvolvimento dos netos; 3) Funcionar como fonte de sabedoria, sendo um recurso importante para o neto; 4) Experimentar um sentimento de continuidade pessoal, sabendo que as recordações permanecerão e que a descendência dará continuidade à família 5) Reviver experiências educativas anteriores, o prazer de reviver as experiências parentais anteriores através da relação com os netos.

No mesmo texto, Kivnick (1982) identificou cinco dimensões do significado do papel dos avós: 1) **Centralidade**: relacionada com a importância do papel de avós para o sentido de identidade e para os comportamentos e sentimentos do indivíduo; 2) **Valorização**: que diz respeito à importância de os avós serem estimados e lembrados no futuro; 3) **Imortalidade/transcendência** através do clã relacionada com a importância de atingir um sentido de continuidade e imortalidade através dos descendentes; 4) **Indulgência**: diz respeito à valorização que os avós dão a poderem “mimar” os seus netos e serem tolerante com eles; 5) **Reenvolvimento** com o passado pessoal através da possibilidade de reviver experiências da vida e lembrar os seus próprios avós.

Silva (2010) diz que as transformações ocorridas na família nuclear, conseqüentemente, redefinem as funções nas relações intergeracionais marcadas pela presença dos avós. De acordo com Falcão e Salomão (2005), o papel dos avós na família, ao longo das décadas de 1970 a 2000, sofreu consideráveis mudanças, atravessando níveis estruturais e simbólicos. Segundo as autoras, o termo avós pode ter muitas conotações: pessoas idosas, prescrição de um papel ou função, status social ou posição na sociedade.

Os avós são essenciais na família, uma vez que ajudam na construção da identidade dos netos, inculcando valores, autonomia e cidadania. Eles são também os principais responsáveis pela transmissão da história e da cultura, sendo de grande importância o diálogo em família. No cotidiano familiar, os avós podem levá-los ou buscá-los na escola, brincar, contar histórias, dar apoio, funcionar como confidentes, ser educadores, mentores e modelos de papel. É também esperado que os avós apoiem os filhos e netos em situações de maior fragilidade ajudando na resolução de problemas de natureza afetiva e econômica, complementando as funções dos pais. Neste sentido, para além das contribuições diretas dos avós como prestadores de cuidados e companheiros, eles podem ajudar indiretamente os seus netos, auxiliando os pais destes, através de apoio financeiro e emocional. Muitas vezes eles também funcionam como mediadores das relações entre os membros da segunda e terceira gerações, especialmente quando os netos chegam à adolescência (DIAS; SILVA, 1999/2009; CAMOTIM, 2004; SOUSA, 2006 CUNHA, 2008; MARTINS, VÍTOR, 2010; PIRES, 2010).

Assim, com o aumento da longevidade, os mais velhos passaram há conviver mais tempo com seus descendentes, bem como a exercer diferentes papéis na dinâmica familiar. Os avós, por exemplo, raramente podiam conviver com os netos, sobretudo até que esses se tornassem adultos, o que pode acontecer atualmente (LOPES; NERY; PARK, 2005). Em decorrência da maior convivência entre as gerações na atualidade, observam-se mudanças nos

laços intergeracionais e até no significado do papel de avós a ser desempenhado na família. Para Rabinovich, Moreira e Franco (2012), os avós sucedem aos pais na importância dos papéis familiares e há mais uma interdependência emocional do que econômica/funcional com relação à criança. Os avós costumam fazerem-se presentes na vida dos netos pela transmissão de histórias de vida e informações.

Pesquisas evidenciam a importância desse papel em algumas situações como: na maternidade adolescente (FALCÃO; SALOMÃO, 2005); nas separações e divórcios (ARAÚJO; DIAS, 2002); no provimento das famílias devido às dificuldades econômicas por parte dos filhos (CAMARANO; PASINATO; LEMOS, 2007); nas situações de orfandade (OBURU, 2005); prisão ou dependência química dos filhos (ENGSTROM, 2008); oferecendo cuidados e apoio à família quando do nascimento de uma criança com problemas de saúde (SIMIONI; GREIB, 2008) ou com necessidades especiais, minimizando a ausência das mães, envolvidas nas intensas demandas de cuidados (MATSUKURA; YAMASHIRO, 2012).

Silva (2010) relata que, a partir da década de 1980, os avós passaram a desempenhar papéis importantes na vivência familiar, seja auxiliando os filhos no cuidado direto dos netos, seja sendo suporte afetivo e estrutural para sua criação, inclusive autonomia na idade adulta. De acordo com Triadó (2005) essa tendência pode ser observada pela verticalização das famílias, que embora com menos membros devido às diminuições da taxa de natalidade, vivencia uma maior convivência trigeracional proporcionada pela longevidade.

Oliveira (2009) salienta ainda que quanto mais elevado o número de filhos, maior a probabilidade de a mulher tornar-se avó. Camarano (2006), por sua vez, ressalta que o número de mulheres idosas é maior do que o de homens idosos, na faixa urbanizada. São as mulheres as tradicionais cuidadoras e as que precisam de maior cuidado. Para a autora, o cuidado com membros da família é responsabilidade tipicamente feminina.

Kipper e Lopes (2006) também citam que as mulheres costumam ter participação ativa na vida familiar ao longo do ciclo vital e essa participação é renovada quando se tornam avós. De acordo com as autoras, esse é um marco evolutivo e fato importante no processo de individuação e na identidade feminina, por ser considerado uma fonte de renovação e renascimento, possibilitando a chance de repensar antigos conflitos. Além disso, o futuro genético representado pela chegada de um neto, em meio às tarefas de aposentadoria, doenças e perda do cônjuge, traz à mulher uma nova importância e utilidade e os netos têm o poder de reavivar desejos, sonhos e ideais adormecidos.

Estudos apontam que, com os novos arranjos, a composição das famílias brasileiras ganhou força expressiva com a presença dos idosos e a velhice passou a ocupar um novo lugar (DEBERT; SIMÕES, 2006; GOLDFARB; LOPES, 2006; SILVA, 2010). Apesar dos estereótipos de inutilidade e de fragilidade associados à velhice, que ainda prevalece no imaginário social, além do apoio financeiro, o idoso pode ser uma figura de referência parental, tanto para seus filhos como para seus netos (OLIVEIRA, 2011).

Segundo Cabral (2009), para os idosos, as relações familiares ocupam um lugar de destaque em suas vidas. Todavia, como ressaltam Debert e Simões (2006), o funcionamento do contrato intergeracional informal nas famílias brasileiras segundo o qual os pais cuidam dos filhos e esperam serem cuidados por eles na velhice, é afetado por dificuldades econômicas mais amplas e por deficiências das políticas sociais e não pode ser compreendido apenas no âmbito das preferências e características individuais ou grupais.

2.3 As avós que criam netos

Os Estados Unidos são os pioneiros em pesquisas com avós. Dias e Silva (2009) compilaram diversos dados e enfatizam que recorrer à literatura americana é necessário, devido à escassez de pesquisas brasileiras. Nos Estados Unidos, 50% das mulheres tornam-se avós entre 43 e 50 anos de idade. Já na França, 80% das avós têm mais de 65 anos e 50% delas se tornarão bisavós. Na Inglaterra, quase metade da população tem netos e 25% das idosas são as principais cuidadoras, passando cerca de 6 horas com os netos. Dentre as pesquisas que se dedicaram a essa temática, o relacionamento entre avós e netos foi assunto de muitas investigações especialmente na década de 1980 (BARROS, 1987; REDLER, 1986). Para alguns poetas o nascimento de um bebê traz consigo o nascimento também de uma mãe. Nós completamos, assegurando que nasce igualmente uma avó. Pode-se verificar que o tornarem-se avós não tem ligação direta com o tornar-se idoso.

Neste item, recorreremos a artigos e pesquisas científicas para apresentar e refletir sobre os papéis desempenhados por diferentes gerações, em contextos diversos, com o foco nas avós que criam seus netos (guardiãs). Silva (2014) destaca a interação familiar e a aproximação de gerações como um dos principais fatores de investigação pelo Instituto Brasileiro de Pesquisa (2010). Baseadas nesses dados, Camarano e El Ghaouri investigaram avós e netos que residem no mesmo domicílio, em 2003. Para as autoras, esse componente de pesquisa é denominado coabitação. De acordo com o IBGE (2010), a porcentagem de netos e bisnetos que residem com avós e bisavós aumentou 40,48%, no período entre 1991 e 2000. A porcentagem atual de

coabitação é de 86% dos domicílios brasileiros (CAMARANO; EL GHAOURI, 2003). Em 1991, eram 2,5 milhões de netos e bisnetos, que passaram a ser 4,2 milhões, em 2000. Do total de pessoas que residem com o responsável pelo lar, no país, 8,8 milhões são netos e bisnetos (IBGE, 2010). No Brasil, a proporção de filhos que moram com os pais após os 26 anos aumentou de 13,8%, em 1986, para 18,4%, em 1993. A proporção de netos morando com avós (entre outros parentes) igualmente se revelou elevada. Em 2000, nas famílias onde os idosos eram chefes ou cônjuges dos chefes, os netos representavam cerca de 14% dos membros, enquanto, nos domicílios onde os idosos são parentes dos chefes ou dos cônjuges, os netos representam apenas 2,2% (CAMARANO, 2002; 2003).

Kipper e Lopes (2006) desenvolveram uma pesquisa na qual entrevistaram 11 avós maternas, com idades entre 49 e 66 anos, com netos que tinham entre 3 e 4 anos, sobre sua experiência de tornar-se avó. As autoras, baseadas no processo evolutivo de desenvolvimento, consideraram que o tornar-se avó constitui a quarta fase do processo de individuação, em que essas mulheres já foram netas, filhas e mães. Com todas essas vivências, as avós encontraram na avosidade a possibilidade de ressignificar suas experiências, descrevendo a experiência com uma riqueza de sentimentos, como o renascimento de antigos vínculos, desejos e sonhos, possibilitando a resolução de conflitos do passado entre mãe e filha.

O fator econômico foi um dado preponderante no relacionamento entre avós e netos, no círculo familiar, no estudo de Araújo e Dias, realizado na região metropolitana de Recife – PE, com publicação no ano de 2010. Contou com nove avós e um avô com uma média de 48 anos e baixo índice econômico, os quais detinham sob sua responsabilidade de um a cinco netos. As autoras colheram as seguintes características: os avós se responsabilizaram pela educação e cuidado de seus netos, devido a diferentes motivos, destacando-se a gravidez na adolescência, seguida de separação dos pais. As dificuldades encontradas se referem à questão financeira e em colocar limites às crianças, mas são vencidas por sentimentos felizes e satisfatórios, levando assim à continuidade de serem “pais-avós”.

De acordo com Vitale (2010), no Brasil, onde as políticas públicas são deficitárias ou inexistentes, a família acaba tendo um papel social relevante onde ocorre a proximidade entre as gerações. Nesse quadro geral da guarda, eles continuam a ter responsabilidades na criação dos netos. O aumento do número de crianças que vivem com os avós é fato. A pobreza, o desemprego, o aumento da desigualdade social, a insuficiência das políticas públicas e sociais podem ter levado ao aumento de sua contribuição na rede familiar.

(...) Os avós cuidadores, com sua pouca aposentadoria, procuram ajudar nas dificuldades da família. Existem trocas informais na rede familiar a serem

consideradas, e os idosos integram o sistema de apoio mútuo, em especial nas famílias pobres. Convém lembrar que essas trocas não se dão sem tensões no seio da família. (VITALE, 2010, p. 96).

É importante destacar que, quando mencionamos a questão da guarda nesse trabalho, estamos nos referindo ao conceito que consta no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA, 1990). A guarda confere à criança ou adolescente a condição de dependente, para todos os fins e efeitos de direito, inclusive previdenciários. O deferimento da guarda, salvo para fins de adoção ou por determinação judiciária, não impede o exercício do direito de visitas pelos pais, assim como o dever de prestar alimentos, que serão objeto de regulamentação específica, a pedido do interessado ou do Ministério Público. (ECA, art. 33)

Observa-se um aumento considerável de casos em que os avós passam a desempenhar o papel de pais, em alguns deles, com todas as funções pertinentes, deixando de viver a experiência de serem simplesmente avós. Lopes, Neri e Park (2005) afirmam que os avós tiveram seus papéis ampliados: é cada vez mais comum que eles tenham netos morando consigo. Eles lhes oferecem cuidados diários, responsabilizam-se também financeiramente e até obtêm sua custódia legal.

Existem diversos fatores que têm contribuído para que as crianças sejam cuidadas pelos avós, dentre eles encontram-se: a longevidade humana, que vem favorecendo o crescimento do número de famílias nas quais coexistem três e mesmo quatro gerações; a inserção das mulheres no mercado de trabalho, dificultando-lhes o cuidar integral dos filhos; dificuldades econômicas como desemprego dos pais e necessidade de ajuda financeira por parte dos avós; necessidade de ambos os pais trabalharem para prover o sustento doméstico; divórcio do casal com retorno para a casa dos pais, juntamente com os netos; o novo casamento de pais separados e a não aceitação das crianças por parte do cônjuge; gravidez precoce e despreparo para cuidar dos filhos; morte precoce dos pais devido à violência ou doenças como a AIDS; incapacidade dos pais, decorrente de desordens emocionais, mentais ou neurológicas e da violência doméstica (abuso, negligência ou abandono por parte dos progenitores); uso de drogas ou envolvimento em programas de recuperação para usuários de drogas; envolvimento em situações ilícitas e problemas judiciais (ARAÚJO; DIAS, 2010; OSÓRIO; SILVA NETO, 2008; FALCÃO *et al* 2006).

Nessa situação de cuidado e papéis expandidos, há dois modelos de estrutura familiar que englobam a coabitação de avós e netos, a saber: na primeira, temos os lares compostos por três gerações que teve considerável aumento a partir da década de 80, em que ambos os pais ou ao menos um deles reside com avós e netos. Já na segunda, mais comum a partir da década de

90, os pais estão ausentes do lar e cabe aos avós todo o cuidado com os netos (LOPES; NERI; PARK, 2005).

Há avós que cuidam dos netos apenas por um período do dia, para que os pais possam trabalhar e por não terem outro local onde deixar as crianças. Ou ainda, há os que cuidam em tempo integral, porque toda a família reside nos chamados lares multigeracionais devido a, por exemplo, problemas financeiros. Nesses tipos de arranjos podem ser apontados benefícios e dificuldades, conforme o contexto em que a família está inserida. Na pesquisa realizada com 15 famílias que vivem na mesma casa, em que um membro de cada geração respondeu a uma entrevista, os autores constataram que pode haver uma divisão das responsabilidades, maior união entre os membros e aumento dos recursos familiares. Porém, em outros, prevalecem os conflitos entre avós e pais quanto à educação dos netos ou ainda descompromisso por parte dos pais e queixas de cansaço, sobrecarga e perda de privacidade por parte dos avós (DIAS *et al* 2011).

Se ambos os pais não residem na mesma casa, os avós se responsabilizam totalmente pelos netos (segundo tipo de arranjo familiar apontado). Tem-se, então, o cenário propício para que esses avós passem a ocupar o papel de pais substitutos (LOPES; NERI; PARK, 2005). Essa substituição ultrapassa os limites práticos e instrumentais, inserindo-se no imaginário das partes envolvidas, pois não é incomum presenciarmos netos chamando carinhosamente seus avós de pais.

Pensando nas crianças que são criadas pelos avôs, Lopes; Neri e Park (2005) ressaltam que pode ser benéfico tê-los como mentores, porque na ausência dos pais poderão ter uma sensação de pertencimento à sua família de origem. Nas camadas populares, o cuidado das avós é fundamental para a formação dos netos. No universo das mães adolescentes, são as avós as primeiras a introduzir a criança no mundo das regras sociais, a ensinar limites e autoridade, e a dar e receber afeto e valores (SANTOS, 2003; FALCÃO; SALOMÃO, 2005).

De acordo com Santos (2003) o convívio dos ‘velhos’ com as crianças é permeado por um diálogo verdadeiro que possibilita o aprendizado mútuo:

A troca de experiência pode favorecer o estabelecimento de vínculos afetivos, o reconhecimento do outro como pessoa e suas peculiaridades, possibilitando a quebra de estereótipos por ambas as partes e facilitando o estabelecimento de interações profundas e verdadeiras (SANTOS, 2003, p.51).

Quando uma avó assume a criação do neto, estabelece-se uma configuração familiar específica e que merece atenção. A partir disso surge a necessidade de se aprofundar o conhecimento acerca do lugar e das atribuições que as mulheres adultas, e idosas, vêm ocupando na família e na sociedade, bem como das possíveis dificuldades que possam implicar

para o processo de desenvolvimento e saúde mental dos envolvidos, para que as mesmas possam fazer parte e ter um envelhecimento ativo⁵ proposto pela OMS; que possam ter tempo e cuidado consigo mesmas, estabelecendo limites na criação dos netos e na necessidade do cuidado de si, negligenciando-se o mínimo possível.

Dias e Costa (2006) constataram que cuidar dos netos é uma situação mesclada de sentimentos ambivalentes, pois pode trazer várias alegrias, mas acarreta muitas tarefas físicas e emocionais que, para a pessoa idosa, podem ser prejudiciais.

Oliveira (1993), pesquisando avós que criavam seus netos, constatou que eles perceberam a convivência com os netos como favorável, sendo uma fonte de renovação e interesse pela vida, orgulho, satisfação, senso de utilidade e confiança, bem como divertimento, ao compartilhar jogos e brincadeiras com os netos. O autor concluiu dizendo que os avós educam e, ao mesmo tempo, são reeducados pelas crianças, uma vez que são forçados a reviver situações que acabam conduzindo-os a novas experiências e hábitos. Eles se renovam como sujeitos nesse convívio. Cardoso (2011) também afirmou que a convivência entre avós e netos permite uma relação afetiva próxima que é benéfica para ambos.

No entanto, enquanto algumas avós relataram que, posterior à chegada dos netos estavam gozando de mais saúde e levando uma vida mais ativa, outras se queixaram da sobrecarga a que estavam submetidas (HEYWOOD,1999; WILLIAMSON; SOFTAS-NALL; MILLER, 2003; GRINSTEAD; *et al*, 2003). Devido à provável coresidência dos membros da família, isto é, avó, filhos e netos, pode-se concluir que haverá dificuldades que deverão ser superadas pelo fato de cada qual representa uma geração diferente. Inclusive porque os sentimentos das avós, em grande parte, dependem da situação presente dentro de casa e da situação das pessoas chave daquela família (WILLIAMSON; SOFTAS-NALL; MILLER, 2003). A moradia sob o mesmo teto pode gerar sentimentos de sobrecarga e estresse nas avós, uma vez que se sentem responsáveis não apenas pelos filhos, mas pelos netos também (DIAS; COSTA; RANGEL, 2005; DIAS; COSTA, 2006).

Dias *et al* (2013) realizaram uma intervenção com avós que criavam netos, em tempo parcial ou total, e encontraram os sentimentos de ansiedade, depressão e cansaço nas avós, bem como confusão de papel, preocupação com o futuro dos netos. Além disso, elas referiram à sobrecarga financeira, os conflitos com os filhos devido às divergências na educação das crianças e, às vezes, pela custódia legal dos netos. Também foram apontadas pelas avós: queda

⁵ É o processo de otimização de oportunidades em saúde, participação e segurança que incrementam a qualidade de vida à medida que as pessoas envelhecem. Depende de uma variedade de influências ou determinantes que circundam indivíduos, famílias e comunidades. (OMS, 2007)

na qualidade da saúde física e emocional, interferência na vida social e familiar, cansaço e esgotamento emocional.

Dias e Schuler (2013) relatam que vários autores concordam que cuidar dos netos pode gerar várias dificuldades para as avós, tais como: estresse; depressão; declínio da saúde demonstrada em queixas físicas; problemas econômicos; preocupações com a escolaridade e a disciplina dos netos; e confusão de papéis, uma vez que assumem a função de pais e avós ao mesmo tempo. Além disso, elas podem desenvolver sentimentos de vergonha, perda, culpa e mágoa em relação aos filhos que as deixaram nessa situação. Outro fator que deve ser levado em consideração é a saúde das avós que, muitas vezes, é prejudicada, uma vez que deixam de cuidar de si para atender às necessidades dos netos. O próprio estresse que sentem pode acabar por prejudicar sua saúde. Jendrek (1994) explica o prejuízo à saúde pelo fato de que o cuidado com os netos coincide com o seu declínio físico natural por conta da idade. O desgaste que as demandas que uma criança pequena exige (abaixar-se, brincar, banhar) e a dificuldade em disciplinar os netos mais velhos, pode levá-las a desenvolver problemas cardíacos. Segundo Grinstead *et al* (2003) algumas avós relatam não haver diferenças em relação à saúde com a chegada dos netos; outras sentem uma melhora, e, por fim, várias relataram que houve prejuízos à sua saúde em decorrência dos diversos papéis e pressões com que se deparam. Deve-se, porém, levar em consideração outros fatores que possam influenciar a saúde das avós que cuidam de seus netos, tal como o estado do relacionamento com o cônjuge, a idade, a educação, a ocupação, e o próprio relacionamento com os netos (MUSIL; AHMAD, 2002).

Musil e Ahmad (2002) pontuam que a depressão e a ansiedade atingem níveis mais elevados nas avós cuidadoras de netos do que em avós não cuidadoras. As causas da depressão na velhice são frequentemente atribuídas a acontecimentos estressantes (STUART-HAMILTON, 2002). Heywood (1999) e Williamson *et al* (2003) verificaram a incidência de depressão nas avós, por sentirem que falharam como mães, vivenciarem conflitos com os filhos e se preocuparem com o bem-estar dos netos. O não desenvolvimento de atividades sociais e o medo de que não haja quem cuide dos netos na sua ausência também são elementos que predispõem à depressão. Como visto em Dias, Costa e Rangel (2005), há sentimentos de ambivalência em relação à criação dos netos, porque mesmo que desejassem continuar cuidando deles, as avós expressaram também queixa de sobrecarga, cansaço e estresse. Devido aos resultados emocionais que o cuidado dos netos pode gerar, se torna claro que as avós necessitam de uma assistência para lidar com os sentimentos que o cuidar dos netos pode causar (MAYER, 2002).

Outro fator importante que causa angústia nas avós é a precocidade na gestação de uma adolescente o que gera instantaneamente a precocidade em uma mãe tornar-se avó. Esse tema foi desenvolvido por Falcão e Salomão (2005) quando efetuaram uma importante discussão sobre o papel nos contextos familiar, social e psicológico. A pesquisa reuniu cinco avós maternas (com idades entre 30 e 48 anos), a maioria casada, avó pela primeira vez, com baixa escolaridade, e cinco mães com idades entre 13 e 19 anos, vivendo com os pais, baixo nível de escolaridade e sem estudar; a classe social de ambos os grupos da investigação, realizada em João Pessoa-PB, foi de nível socioeconômico baixo.

As relações “trigeracionais” entre avós, mães e netos, retratadas pelas referidas autoras, por meio de pesquisas bibliográficas e com as entrevistas, apontam que a maioria das avós maternas assume o cuidado pela criança, mas exprime seus sentimentos com vergonha, em relação à gravidez da filha, gerando um sentimento de culpa. As autoras enfatizam que a gestação precoce afeta toda a família, havendo um remanejamento, no qual todos se empenham para o cuidado das crianças.

O envolvimento com drogas e crime é um dos pontos mais nevrálgicos da relação entre avós e netos, principalmente nos que residem em comunidades de baixa renda e com altos índices de violência. Um estudo específico e contemporâneo, que retrata os avós brasileiros, enfocou uma situação conflituosa: avós responsáveis por netos que são adolescentes infratores. Scharamm e Mercadante (2006) fizeram entrevistas com quatro pares de avós e netos. Os avós pertenciam a uma faixa etária entre 60 a 72 anos, e os netos tinham entre 15 e 18 anos. Diante dos resultados, as autoras nos convidam a refletir sobre o binômio formado entre o educar e o socializar, fatores que envolvem as famílias e a sociedade desses adolescentes. Conforme o relato das avós, hoje está muito “diferente” formar os netos em comparação a seus filhos. Elas disseram que hoje está mais difícil e sem respaldo, como o da educação, por exemplo. As dificuldades em educar consistem nas mudanças de valores que esses idosos têm problemas para acompanhar. Com a dependência econômica dos avós, são construídas relações de reciprocidade entre os integrantes da família, de modo que o relacionamento é atravessado pelas consequências dos atos infratores com sentimentos de fracasso, vergonha e culpa. Contudo, apesar das dificuldades, econômicas e sociais, os avós foram um porto seguro desses netos, acolhendo-os.

Interessadas em pesquisar especificamente avós de camada socialmente desfavorecida Araújo e Dias (2010) elaboraram um roteiro de entrevista que foi utilizado com nove avós e um avô, residentes no município do Cabo de Santo Agostinho (PE), numa comunidade carente.

Eles criavam de um a cinco netos, com ou sem a presença dos pais, sendo que dois netos apresentam necessidades especiais. As autoras constataram que: 1) os motivos que levaram os avós a se responsabilizar pelos netos foram separação dos pais, apego dos netos aos avós e trabalho da mãe; 2) a iniciativa partiu das avós, em primeiro lugar, e das mães das crianças; 3) os sentimentos experimentados foram de alegria e bem-estar; 4) as vantagens que viram ao cuidar dos netos foram o amor recíproco e a companhia que os netos fazem; 5) as dificuldades encontradas dizem respeito à precária condição financeira e à imposição de limites aos netos; 6) o relacionamento com os pais das crianças, em alguns casos, é inexistente, havendo pais que, ocasionalmente, compram alguma coisa para o filho ou o levam para passear; 7) as mães não interferem na criação dada pelos avós; 8) a maioria das avós prefere que os netos continuem em sua companhia. As autoras acreditam que, por serem avós ainda relativamente jovens, uma vez que a média de idade foi de 48 anos, não houve relatos de queixas físicas entre elas. Foi constatado que não elas não medem esforços para cuidar dos netos e os querem em sua companhia, pois eles lhes trazem alegrias, amor e um objetivo para viver.

Mainetti e Wanderbrooke (2013), com o objetivo de investigar as implicações da criação de netos na vida das avós, entrevistaram 10 avós provenientes de camada social desfavorecida, sendo cinco maternas, quatro paternas e uma criava o sobrinho-neto do marido. A maioria tinha o ensino fundamental incompleto e era casada. Entre os resultados encontrados as autoras observaram que antes mesmo de assumirem a criação, as avós já se envolviam nos cuidados da criança, independente de os pais morarem na mesma casa. Em algumas situações, os próprios netos preferiram morar com as avós. Os motivos predominantes para que elas assumissem esse cuidado foram a presença de doença mental ou dependência química da mãe, desconhecimento de quem era o pai, negligência e abuso infantil por parte dos pais. O significado do papel para a maioria foi equiparado ao de mãe, embora duas delas tenham alegado que o papel de avó não era igual ao de mãe por conta da idade e da falta de disposição. Em relação às consequências da criação dos netos na vida das avós, algumas continuaram a trabalhar, ou passaram a fazê-lo, para fazer face às despesas com os netos. Elas perceberam o contato com os netos de forma positiva, pois eles proporcionam carinho e alegrias. Entretanto, elas apresentaram medo de morrer e não ter quem cuide dos netos, como também que eles venham a se envolver em comportamentos inapropriados (delinquência, envolvimento com drogas).

O senso comum de que os avós “mimam” os netos e são permissivos, foi desmistificado no estudo de Coutrim (2007) que comprovou que o rendimento escolar é o mesmo entre crianças cuidadas pelas avós em relação às demais. Embora muitas avós tenham baixa

escolaridade, transmitem valores e oferecem apoio emocional às crianças sob sua tutela e isso aparece refletido no bom desempenho escolar dessas crianças.

Diante de tantas variáveis apresentadas nas diversas pesquisas, Silva (2014) aponta uma ambivalência nas avós no que se refere às suas experiências. Questões como cansaço, stress, problemas de saúde, dificuldades econômicas e de relacionamento com os filhos influenciam no trato com os netos, mas são contrabalanceados pela consciência de serem melhores como avós do que como pais e pelo desejo em continuar com a responsabilidade pelos netos.

Em que pese essa situação, foram evidenciados o amor incondicional aos netos, o sentimento de responsabilidade moral e de utilidade por tê-los criado. Ainda relacionando os aspectos positivos Lopes, Neri e Park (2005) citam o sentimento de renovação pessoal, oportunidade de ter companhia e gratificação por estarem provendo uma nova geração com cuidados e ensinamentos.

Como a maior parte dos estudos brasileiros vem se desenvolvendo apenas na última década, ainda é importante aprofundar a questão das mulheres que assumem a criação de seus netos e sobre os diversos aspectos que contemplam o fenômeno. Com base no exposto, surgiram questionamentos sobre o que mobiliza as avós a assumir o lugar de “mães” de seus netos, como a dinâmica dessas famílias foi se estabelecendo até que a responsabilidade pela criação do menor fosse passada para as avós, assim como sobre as consequências dessa situação para a vida dessas mulheres e para os netos.

3 OBJETIVOS E MÉTODO

Este trabalho teve por objetivo geral investigar as percepções e as vivências das avós guardiãs, frente à criação de seus netos, numa comunidade de baixa renda, na cidade de Recife/PE, Brasil.

3.1 Objetivos Específicos:

Para atender ao objetivo geral determinado para o estudo, foi possível identificar alguns objetivos específicos que nortearam o desenvolvimento desse trabalho, dentre eles:

- 1 – Os motivos que acarretam a criação dos netos pelas avós;
- 2 – A percepção das avós acerca da relação com os netos que criam, bem como com os pais desses netos;
- 3 – Os fatores que facilitam e os que dificultam a convivência entre as avós e os netos e suas expectativas para o futuro.
- 4 – Caracterizar os sentimentos experimentados pelas avós no lugar de guardiã, bem como diante da comunidade onde moram.

3.2 Método

3.2.1 *Natureza da pesquisa*

A pesquisa qualitativa que assumimos neste trabalho é aquela descrita por Bogdan e Biklen (1990) como tendo características básicas o ambiente natural como fonte dos dados, e o pesquisador como principal instrumento. A investigação ocorre diretamente no contexto do pesquisado onde o pesquisador coleta dados, elucida dúvidas e faz a revisão das informações obtidas. Os dados são descritivos e o pesquisador atua minuciosamente para que todas as situações e informações que envolvem o objeto investigado sejam fielmente descritas sem desprezar quaisquer dados do contexto uma vez que todos os dados são considerados importantes. O processo é mais importante que os resultados, o interesse do pesquisador está voltado para a produção de significados dos sujeitos. A análise enfatiza a busca de evidências preliminares para compreender o que se mostra e expressar o compreendido.

Na pesquisa qualitativa o investigador materializa a compreensão subjacente aos significados atribuídos pelo sujeito que vivencia o fenômeno, tornando-o explícito através dos procedimentos revestidos de rigor e qualidade utilizados na produção da ciência.

3.2.2 O cenário da pesquisa

O Coque é uma favela do município do Recife, situada entre os bairros de São José e Afogados, próximo a dois importantes centros econômicos da cidade do Recife (a cerca de 2 km do centro da cidade do Recife e a 3,5 km de Boa Viagem) entre os ambientes da planície e o litoral. É caracterizada como “baixo estatutário” em função das marés que lhe circunscrevem. É na verdade uma ilha, a “Ilha de Joana Bezerra” ou antiga “Ilha de Anna Bezerra”⁶. O acesso ao bairro é feito pela Avenida Agamenon Magalhães, uma das principais vias do Recife, em direção à Estação do Metrô Joana Bezerra. Relatos populares indicam que o Coque começou a ser povoado no final do século XIX, a partir do desmatamento do manguezal nas margens do rio Capibaribe para aterragem de lixo e a consequente ocupação irregular da área por migrantes da zona da mata, agreste e do sertão nordestino, tendo o processo se acelerado em dois distintos momentos, no início dos anos 1940-50 e nas décadas de 1970-80. A maioria das famílias está na região a cerca de cinquenta anos.

Segundo Freitas (2005), o processo de ocupação se deu com a vinda de antigos jagunços que vigiavam o transporte de cana de açúcar e outras mercadorias da zona da mata ao Sertão, que foram se fixando no Coque, nascendo a partir daí, a ‘fama’ social de um local de gente ‘violenta’. Com o passar do tempo, o bairro foi recebendo migrantes de outras áreas da zona da mata, do agreste e do sertão, especialmente pela promessa por parte do governo militar de Figueiredo (1979-1985) de que os moradores receberiam a posse da terra.

É reconhecida no imaginário social local, como uma das favelas mais violentas do Recife. Ferreira (2009) relata que na década de 1990 tornou-se de fato “um problema” para o sistema público de segurança, sendo o número de homicídios uma crescente o que fez a comunidade passar a figurar com a insígnia: “morada da morte” (Diário de Pernambuco, 12/01/1997). Insígnia que marca a carne dos seus moradores, servindo de ancoragem para os preconceitos e exclusões.

3.2.3 Caracterização das participantes

Para a seleção das participantes foi utilizado o critério da intencionalidade, no qual os indivíduos são selecionados a partir de características consideradas relevantes pelos pesquisadores, tornando a pesquisa mais rica em termos qualitativos (GIL, 2007). Foi solicitada

⁶ Nome de uma antiga moradora da área.

a participação voluntária de mulheres/avós, que criassem seu(s) neto(s) em tempo integral, não sendo feita nenhuma restrição quanto à idade, escolaridade, quantidade de filhos e/ou netos, bem como também não foi estabelecido nenhum parâmetro quanto à profissionalização.

A pesquisa foi realizada com um grupo de 10 avós, com idades variando entre 48 a 81 anos, todas frequentadoras do NEIMFA e criando seus(s) neto(s) em tempo integral. Dentre essas, quatro já cuidam de bisnetos também. Em sua grande maioria consideram-se solteiras, mesmo tendo convivido com um companheiro, mas nunca foram casadas nos termos da lei.

Apresentaram um baixo nível de escolaridade, sem possuir o primeiro grau completo do ensino fundamental I, havendo casos de analfabetismo. Denominam-se em sua grande maioria domésticas, responsáveis pelos cuidados do lar, porém sem deixar de buscar meios para sua sobrevivência, assim como dos seus também. A média de netos criados por cada avó correspondeu a dois e apresentaram como renda média um salário mínimo. No entanto, vale salientar que este valor é proveniente de programas de auxílio do governo e atividades temporárias exercidas em meio aos afazeres e cuidados com os netos. Como já aponta a literatura, foi evidente a maior vinculação materna.

Como forma de preservação da identidade das participantes e seus familiares citados nas entrevistas, todos os nomes foram trocados, tendo feito a escolha por nomes de flores para as participantes e nomes fictícios para os todos que são mencionados por ventura nas entrevistas. Deixamos claro também que as transcrições feitas preservaram a forma linguística usada pelas entrevistadas, de maneira a preservar os discursos e relatos das mesmas, o que implica algumas vezes em locuções ou formas rústicas na escrita.

Os dados encontram-se na tabela a seguir:

Tabela 1 – Dados sociodemográficos das participantes da pesquisa

NOME	IDADE	RELIGIÃO	ESTADO CIVIL	ESCOLARIDADE	RENDA FAMILIAR	PROFISSÃO	COM QUEM MORA	QUANTOS NETOS CRIA/CRIOU	VINCULAÇÃO	SAÚDE ANTES	SAÚDE DEPOIS
1. Geneciana	64 anos	Católica	Separada	1º grau incompleto	R\$ 200,00	Doméstica	1 filha e 4 netos	4 netos	Materna	Boa - saudável	Dor, cansaço, problema nos ossos
2. Lisianto	60 anos	Espírita	União Estável	1º grau incompleto	1 1/2 salário	Doméstica	Esposo e neto	2 netos	Materna	Boa - saudável	Coluna, pressão alta
3. Tulipa	64 anos	Católica	Vídua	1º grau incompleto	1 salário	Lavadeira	3 netos	3 netos	Materna	Saudável	Cansada, sem paciência, pressão alta, colesterol alto, cardíaca, problemas de "nervos"
4. Begínia	54 anos	Eclética	Solteira	Analfabeta	R\$ 300,00	Doméstica	1 neto	1 neto	Materna	Saudável	Artrite, ansiedade, problemas vasculares, medo, problemas psiquiátricos.
5. Gardênia	63 anos	Católica	Casada	Analfabeta	1 salário	Agricultora	Marido, 1 filha, 1 neta, 1 bisneto	8 netos	Materna	Saudável	Problema dos "nervos", pressão alta, glicose, colesterol alto, só dorme a base de remédios.
6. Camélia Roza	81 anos	Evangélica	Vídua	1º grau incompleto	1 salário	Doméstica	1 neta e 1 bisneta	2 netos	Materna	Saudável	Diabética, AVC, pressão alta, colesterol alto, problema nos ossos
7. Margarida	60 anos	Eclética	Casada	1º grau incompleto	2 salários	Doméstica	Esposo e neto	2 netos	Materna	Saudável	Diabetes, pressão alta, asma crônica, surdez de um ouvido, labirinto, problema nos "nervos".
8. Lótus	60 anos	Eclética	Solteira	1º grau incompleto	Não tem renda fixa	Biscate	Esposo, 3 filhos, 1 neta	1 neto	Materna	Saudável	Pressão alta
9. Acácia	74 anos	Espírita	Solteira	1º grau incompleto	1 salário	Costureira	1 filho, 1 neto, 1 bisneto	4 netos	Materna/ Paterna	Saudável	Artrite, Diabética, pressão alta, problema nos "nervos", estresse
10. Apucena	80 anos	Católica	Solteira/Vídua	1º grau incompleto	1 salário	Doméstica	2 filhos, 1 neto, 2 bisnetos	2 netos	Materna	Saudável	Labirinto, artrose, coluna, hipertensão, diabética

Observação: 1. O valor referente ao salário aqui utilizado é de R\$ 724,00 Decreto 8.166/2013

2. Eclética aqui se refere ao que elas denominaram de “tudo um pouco”.

Crença em várias religiões

Conforme a tabela 1, a média de idade das 10 entrevistadas foi de 66 anos, sendo grande parte solteira/viúva, criando o neto sozinha. Quanto às questões de saúde, os relatos mostram o surgimento de doenças como diabetes, hipertensão arterial, “problemas dos nervos”, artrite, os quais não se pode afirmar ser provenientes apenas da criação dos netos, devido ao não acompanhamento das mesmas de forma longitudinal. Porém, pontuamos que o fato de criar, se preocupar, desenvolver tarefas, às vezes incompatíveis com a sua condição física, podem ter acentuado as patologias.

3.2.4 Instrumentos

O questionário sociodemográfico (Apêndice 2), foi elaborado pela pesquisadora e refere-se à identificação das avós e dados sociodemográficos tais como: nome, data de nascimento, religião, escolaridade, idade, estado civil, renda familiar, profissão, com quem mora, número de netos que cria integralmente, sexo e idade deles, vinculação materna ou paterna, se conta com a ajuda de alguém na criação, quem e qual a função desempenhada por essa outra pessoa e pôr fim, a saúde percebida. O questionário envolveu duas questões fechadas, com apenas duas possibilidades de resposta (sim ou não/materna ou paterna) e catorze questões abertas.

O segundo instrumento refere-se ao Roteiro de Entrevista Semiestruturada (Apêndice 3). Ele ficou composto dos seguintes itens: motivos que levaram à criação dos netos, com duas perguntas (nº 1, 2); dificuldades sentidas nessa situação (concepções das avós sobre a convivência, regras de adaptação à nova estrutura familiar), três perguntas (nº 5, 6, 7); avaliação do relacionamento intergeracionais (percepção das avós sobre o relacionamento com filhos, netos, noras, genros; interação e diálogo, clima familiar) três perguntas (nº 3,4,10); aspectos positivos da situação (consequências positivas dos cuidados oferecidos aos netos), três perguntas (nº 8,9,11); necessidades sentidas pelas avós (em diversos âmbitos: financeiros, materiais, emocionais e psicológicos), três perguntas (nº 12, 13, 14) e a sexta parte do roteiro versava sobre a percepção da comunidade (como essa comunidade se apresenta, suas dificuldades, facilidades e a relação em criar netos nela), constando de duas perguntas (nº 15, 16).

3.2.5 Procedimentos Éticos

A realização deste trabalho teve início com a submissão da pesquisa ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP/PE), sob o Parecer nº 499.672, tendo sido aprovado pelo comitê em 17/12/2013, CAAE nº 23753213.0.0000.5206.

Para atender aos requisitos éticos da pesquisa foi elaborada uma Declaração (Anexo 1) solicitando consentimento e autorização à direção da instituição para a realização da pesquisa e o Termo de Livre Consentimento Esclarecido (Apêndice 1) contendo objetivos, método, finalidade e risco da pesquisa.

3.2.6 Procedimento de coleta dos dados

As avós foram procuradas no NEIMFA, do qual fazem parte e participam de ações esclarecedoras e protetivas no núcleo de Gênero e Saúde, da própria instituição, que visa ajudar as mulheres, idosos, gestantes e crianças no âmbito da saúde de forma geral.

Apesar de todas as avós frequentarem o NEIMFA há mais de dois anos, no mínimo, algumas por motivos de saúde e idade, preferiram responder à entrevista em sua própria residência com um agendamento prévio, a fim de viabilizar a coleta de dados sem interferências externas. Entretanto, todas apresentaram disposição para colaborar com o desenvolvimento da pesquisa.

As entrevistas foram agendadas pessoalmente de acordo com a disponibilidade dos participantes. Ao início da entrevista foram apresentados à participante os objetivos e o termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE) da pesquisa, que depois de lido foi assinado. As entrevistas tiveram duração média de 45 minutos, tendo sido gravadas e transcritas. Vale salientar que foram dados nomes fictícios às avós como forma de preservar o sigilo sobre sua identidade.

3.2.7 Procedimento de análise dos dados

As entrevistas foram gravadas, transcritas e submetidas à análise de conteúdo temática e estrutural. Para o procedimento de análise de conteúdo, primeiramente efetuou-se a análise vertical das entrevistas, na qual se focalizaram os trechos significativos dos relatos de cada uma das avós participantes da segunda etapa da pesquisa, em seguida, a categorização dos mesmos.

Os dados coletados na entrevista foram analisados de acordo com a Análise de Conteúdo, especificamente a Análise Temática. Segundo Minayo (2004, p. 209), ela consiste “em descobrir os núcleos de sentido que compõem uma comunicação cuja presença ou

frequência signifiquem alguma coisa para o objetivo analítico visado”. Ela se constitui das fases da pré-análise, organização do material, análise e interpretação dos dados obtidos. Explicando melhor cada etapa percorrida, a **pré-análise** se concentra “na escolha dos documentos a serem analisados; na retomada dos objetivos iniciais da pesquisa, reformulando-as frente ao material coletado e na elaboração de indicadores que orientem a interpretação final” (MINAYO, 2004, p. 209).

A segunda etapa é a **exploração do material**, que “consiste essencialmente na operação de codificação, através da transformação dos dados brutos, visando a alcançar o núcleo de compreensão do texto” (MINAYO, 2004, p.210). “A partir daí o pesquisador realiza **as interpretações** previstas no seu quadro teórico” (MINAYO, 2004, p.210, grifo nosso). Dessa forma, foram abordados os temas predominantes na fala dos participantes e analisados com base na literatura consultada.

Quanto aos dados sociodemográficos, foi utilizada uma análise simples, apenas identificando a realidade financeira mais comum entre as avós, a faixa etária a qual elas pertenciam, grau de escolaridade, quantidade de filhos e netos que criam. Foram também identificados e categorizados os principais problemas de saúde apontados pelas mesmas, antes e após a criação dos netos.

3.2.8 Critérios de inclusão e exclusão

Para participar da pesquisa era necessário ser avó, cuidar do neto em tempo integral e que o mesmo residisse com a mesma na comunidade Joana Bezerra – Coque – Recife – PE.

Estariam fora todos os outros participantes que não preenchessem estes critérios, ou seja, não fosse avó, não possuir a “guarda” do neto em tempo integral e que o mesmo não residisse com a avó em questão.

Não foram levantadas questões de idade, escolaridade, renda familiar, religião.

4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

4.1. Análises das entrevistas

A análise de conteúdo proporcionou o agrupamento das respostas em seis eixos temáticos, a saber: motivos que levaram à criação dos netos; dificuldades sentidas frente a esta situação; avaliação dos relacionamentos com os familiares; aspectos positivos da criação; necessidades sentidas pelas avós mediante a criação dos netos; percepções da comunidade onde residem.

4.1.1 *Motivos que levaram à criação de netos*

Percebeu-se neste estudo que as avós já estavam, de alguma forma, se responsabilizando pelos cuidados dos netos, mesmo antes de assumir a criação definitiva. Isso ocorria em forma de auxílio aos pais, no período de trabalho, ou por morarem no mesmo domicílio, bem como nas proximidades deles. Outros fatores também levaram as avós a se responsabilizarem definitivamente pelos netos:

4.1.1.1 Violência

A maioria das entrevistadas apontou a violência, neste trabalho entendida como abandono, negligência dos pais, óbito e prisão de um ou ambos os genitores, como um dos maiores incentivadores à criação dos netos. Compreende-se que o abandono parental, negligência e descaso não são exclusividade do mundo moderno, sendo comuns os relatos de tais situações desde os primórdios da humanidade, quando a criança não era percebida como um ser em desenvolvimento, merecedora de cuidados e atenção (ARIÈS, 1981). No presente caso, as avós assumem seus netos talvez como uma forma de reparação das relações estabelecidas com seus filhos, como também pela obrigação moral diante dos netos, uma vez que possuem com eles laços consanguíneos (GOMES PEDRO, 2006). Kipper e Lopes (2006) destacam que com o neto as avós poderão ter uma nova chance de reparar o que outrora pensam não ter feito da melhor maneira, buscando assim a superação e a realização de seus desejos. Algumas frases demonstram o que foi dito:

O marido dela (filha) mataram. Ai foi tudo para minha casa, [...], o pai dessa (referência a uma neta), o marido da outra (filha) tá preso, aí corre tudo para minha casa. Eu sou mãe, né? Tem que aceitar, não botar pra fora, num sei ver meus netos com fome... (Genenciana, 64 anos)

Cuido dele porque a mãe abandonou e o pai. Abandonou ele tinha quinze, num tinha três dias de nascido, três meses de nascido. A mãe deixou o pai. O pai casou com outra

mulher. Pra ele num ser maltratado passou para minhas mãos pra eu tomar de conta.
(Lisianto, 60 anos)
Para eu não ver meus netos e meus filhos serem criados sem a presença de uma mãe.
Como eu fui abandonada pela minha mãe, eu não tive infância... (Acácia, 81 anos)

O sentimento e a tentativa de reparação inundam as avós, vez que as mesmas tendem a tomar certas medidas que dizem não ter feito com os filhos, numa busca de recontar a sua própria história de vida. A violência aterroriza a vida delas desde o nascimento de uma criança na comunidade até os últimos dias de vida (de ambas).

O desejo de não ver a história repetida fala muito alto, tendo isso como justificativa para quase todas as sanções que fazem aos próprios netos. Elas sabem que os privam, algumas vezes, de um convívio maior com os pais, mas entendem que é o temor de que eles sofram algum dano ou se “percam” que está em primeiro lugar.

Cadeados, chaves, portas cerradas e grades fazem parte do dia a dia de quem vive no Coque. As crianças aprendem a brincar e a pertencer a essas “prisões” como forma de proteção dos entes queridos, vez que já não obtiveram bons resultados com os filhos. A criação dos netos, devido à violência, é algo que também causa tristeza e vergonha nas avós, pois para elas os filhos não foram capazes de permanecer com sua família e terminaram por fazer coisas erradas. “Fiz tanto por ela minha filha, fiz tanto, corri, lutei, andei, gritei, mas nada adiantou... Um perna de calças a levou das filhas e do bom marido que ela tinha. Eu fiquei com a vergonha e as crianças, né?” (Camélia Roxa, 81 anos).

Apesar de se sentirem obrigadas a criar os netos, a maioria demonstra ternura por eles, deixando escapar que sentem que fizeram a sua parte. Elas disseram não se arrepender de tê-los criado ou aceitado em sua casa, afinal não viam outra saída, porém com todas as dificuldades, acham que dessa vez estão fazendo diferente.

4.1.1.2 Dependência química por parte dos filhos

Segundo Engstrom (2008), a taxa alarmante de encarceramento de mulheres e os problemas com o uso e dependência de substâncias químicas, afeta desproporcionalmente as mulheres, especialmente as das classes mais baixas, embora sem a pretensão de achar que isso não ocorra nas demais classes. Essa situação muitas vezes resulta em avós que prestam assistência aos seus netos durante a reclusão de suas filhas.

O uso e abuso de drogas constituem um fenômeno complexo, com origem e consequências do tipo biológico, psicológico e social. Tal fenômeno é analisado como um sintoma familiar e visto como uma forma de lidar com os conflitos. Entre os fatores de risco ao uso e abuso de drogas pelas crianças e jovens, estão: o uso de drogas pelos pais, a não integração

às atividades escolares, a desestrutura familiar, a violência doméstica, a pressão de grupo e a necessidade de integração social, a busca pela autoestima e pela independência familiar (AGUILLAR; PILLON, 2005, PENSO; SUDBRACK, 2005). Nas entrevistas realizadas houve diversos relatos que corroboram a teoria:

[...] o cabelo dela (filha) era por aqui, oh! Piolho, piolho, caroço por todo canto, fumava maconha, cocaína injetável ela vivia com os pés inchados... (Camélia Roxa, 81 anos).

Porque ela virou a cabeça... nas drogas... perdida. Aí fiquei com ela (referindo-se à neta). Eu fiquei criando até hoje. (Tulipa, 64 anos)

É inevitável a sensação de paralisia que as avós sentem frente à dependência química e à criminalidade, tão presentes e atuantes na comunidade. É um medo avassalador, pois é um dos caminhos mais fáceis de obter e satisfazer os desejos, principalmente por parte dos adolescentes. Deslumbrados com o consumismo e tudo que veem na mídia, não diferente dos outros jovens, eles nutrem a vontade de possuir e encontram na criminalidade a válvula de escape para obtenção desses bens. Muitos embarcam como meros leva e traz das drogas – denominados “aviões” – e cedo são apresentados às drogas, iniciam o consumo, chegando à dependência, o que apavora os pais e os avós.

Já nos últimos dias de escrita desta dissertação recebi a notícia de que uma avó participante estava mergulhada neste problema. Ela passou boa parte de sua entrevista dizendo que era o que mais ela temia e que fazia tudo para que seu neto, em especial, não entrasse neste caminho. Infelizmente, o rapazinho de 15 anos tornou-se usuário de maconha e agora se encontra envolvido com o tráfico de drogas dentro da escola em que estuda, estando ameaçado de perder o direito de continuar estudando lá.

4.1.1.3 Separação/Divórcio e retorno para a casa dos pais

Camarano e El Ghaouri (2003) relatam que vem se tornando comum a coabitação por parte dos filhos depois da separação, retornando assim para a casa dos pais, sendo uma estratégia de sobrevivência utilizada em diversos países. Muitas vezes os filhos recasam, constituem outra família, mas, por desejo do próprio neto, ele permanece com a avó. Existem também os casos em que o novo cônjuge não aceita os filhos da companheira, tendo esses que permanecer com a avó. É mais comum a vinculação com a avó materna, devido à aproximação e afinidade com a filha. Para Araújo e Dias (2002) além do apoio ofertado pelos avós, mesmo para aqueles que não coabitam; a família extensa é uma fonte de segurança e afeto que facilita o ajustamento. Os avós podem desempenhar um relevante papel para a família, fornecendo assistência tangível (apoio instrumental) e intangível (apoio emocional), a depender da

distância geográfica, custódia parental, vinculação materna ou paterna, idade, estado civil e situação financeira dos avós (ARAÚJO; DIAS, 2002).

Para esta geração de avós, de acordo com dados antropológicos (BARROS, 2006; SANTOS, 2003; GOMES, 1994), a importância dos cuidados passados de mãe para filha, bem como o valor dado à família de origem, e nuclear, podem estar associados ao alto nível de famílias constituídas e mantidas pelas avós desta amostra. Os dados revelam ainda, que o serviço gerativo prestado aos filhos e netos pelas avós, além da afinidade familiar, constitui uma necessidade em virtude das condições financeiras familiares, dos papéis assumidos pela mulher, do aumento do número de separações e divórcios, das condições socioeconômicas dos filhos (LO; LIU, 2009; OLIVEIRA, 2009 KIPPER; LOPES, 2006).

Ela com dezoito anos. Ele mandou ela pra casa, pra casa da mãe, tudo bem. [...] Ela separou-se dele, ele não quis mais viver com ela. (Açucena, 80 anos).
O marido da minha filha deixou ela, deixou pra mim criar a partir dali. O pai dela (mostra a neta). Ele sabia que ela num ia ficar desamparada, né? Eu não tenho coragem de deixar por aí. (Genenciana, 64 anos)

Foi possível perceber que as filhas, em sua grande maioria, voltam para a casa dos pais, local seguro, e onde na maior parte das vezes serão amparadas, porém trazem mudanças grandes como o aumento as despesas fixas dos lares e em sua maioria não colaboram com estes gastos por não ter renda para tal. A grande maioria volta de fato a ser dependente dos pais e ainda acrescenta um ou mais filhos no orçamento, o que, em geral, termina por afetar os papéis que competem a cada um, bem como o relacionamento do casal e o cotidiano familiar.

No caso desta pesquisa trata-se de lares mantidos apenas pela avó que recebe baixos rendimentos, o que a impossibilita de manter-se minimamente. Isso ocasiona um grande transtorno para as avós, que, por sua vez, tendem a criar soluções para sobrevivência da família (pegar produtos descartados pelos supermercados, trabalhar em casa ou na rua, faxina) aumentando assim sua carga de trabalho. Muitas não contam ou contaram com nenhum tipo de ajuda dos filhos para a criação dos netos, que parecem esquecer seus filhos na casa da avó, sem ao menos contribuir financeiramente com o mínimo possível e, como se não bastasse, muitos ainda recasam ou enamoram-se arranjando outros filhos que, por sua vez, podem vir a morar com essas avós.

Um dos receios relatados por essas mulheres é quanto ao número elevado de filhos tidos ao longo da vida, sem que haja um planejamento no que se refere à educação, moradia, alimentação e saúde. Esse temor aumenta quando se fala de filhas e avós maternas, pois quase que em sua totalidade o retorno para a casa da mãe/avó materna é garantido em caso de separação/divórcio, ficando para elas a tarefa de auxiliar as filhas, no momento doloroso que

estão vivendo, bem como os netos que também sofrem com a situação. Prolonga-se assim a responsabilidade das avós quando estas passam a ser a cuidadoras desses netos, assumindo todos os custos, educação e manutenção dos mesmos, para as mães trabalharem, constituírem um novo casamento ou qualquer outro fator já apontado pela literatura.

4.1.1.4 Gravidez na adolescência

Segundo Mainetti e Wanderbrooke (2013), os jovens nessa fase da vida são considerados, pelos pais, despreparados para a função paterna, sendo apontada sua irresponsabilidade, falta de perspectiva e metas para o futuro. Frente a tal percepção, as avós passaram a cuidar dos netos, assumindo as funções e responsabilidades que seriam dos pais.

Se, para a adolescente, a gravidez significa reformulação dos planos de vida e necessidade de assumir um papel para o qual, talvez, ainda não esteja preparada, para seus pais tal experiência é marcada por sentimentos de surpresa e pelo questionamento: "onde foi que eu errei?". O fato denuncia um fenômeno muitas vezes ignorado no ambiente familiar, que é a educação quanto à sexualidade na adolescência (DIAS; GOMES, 1999).

Para Falcão e Salomão (2005) é crucial o suporte emocional e financeiro oferecido pelos avós. As autoras consideram ainda que o convívio com os avós favorece a educação das crianças e citam pelo menos três situações típicas a serem observadas no relacionamento entre os avós dos bebês e as mães adolescentes: 1) os avós que assumem a responsabilidade pelo cuidado infantil; 2) os avós que ficam envergonhados com a gravidez têm pouca confiança na maturidade e julgamento da adolescente, e se tornam tão restritivos que o desenvolvimento da adolescente como mãe é inibido; 3) a adolescente que assume a responsabilidade pelo cuidado da criança, ficando os avós disponíveis apenas como fonte de apoio, não cuidando o tempo todo do bebê. “Ela engravidou com dezesseis anos... isso pode?” (Açucena, 80 anos). Outra avó entrevistada afirmou: “Tem que ser positiva, né? Ela tinha doze anos quando engravidou de... Eu sofri muito” (Tulipa, 64 anos).

Mães de gestantes adolescentes que também passaram pela experiência da gravidez na adolescência tendem a ser mais compreensivas diante da problemática vivenciada pelas filhas. Não que sejam favoráveis e aceitem a repetição do evento, mas, por terem conhecimento dos receios da maternidade nessa fase da vida, acabam se tornando a principal fonte de apoio das filhas, apesar do sofrimento que sentem (SILVA; SALOMÃO, 2003). Como se pode atestar no depoimento: “Eu completei segunda 64 anos e hoje ela completa 49... Ela ficou grávida com 15 anos também...” (Gardênia, 64 anos)

Diante de todas essas motivações citadas, as avós foram unânimes em dizer que a iniciativa foi delas para criar os netos, na tentativa de que os mesmos tivessem uma vida diferente da que se apresentava no momento, pois muitas já não suportavam ver o sofrimento dos netos frente ao comportamento irresponsável dos pais. Para as avós, está bem nítido que as crianças/netos não são culpados ou responsáveis pelos atos dos adultos e são os que “pagam” mais caro.

4.1.2 Dificuldades sentidas frente a esta situação

Neste eixo foi possível identificar que, de imediato, as avós não se queixaram ou relataram dificuldades especificamente com os netos, mas se queixaram de outros fatores. Se retornarmos às ideias de reparação, já referidas, fica mais evidente a lógica por elas utilizada. No entanto, as dificuldades brotam nas entrelinhas do seu discurso tecendo assim uma rede emaranhada de sentimentos positivos e negativos que, muitas vezes, são externalizados de forma abrupta.

4.1.2.1 Dificuldades financeiras

A composição familiar nas camadas mais empobrecidas da população não obedece à mesma lógica do modelo tradicional, pois, segundo Senna e Antunes (2001), o número de núcleos familiares compostos por mulheres e seus filhos menores tem sido crescente. Arcar e manter as despesas para criar um neto causou um impacto muito grande na vida financeira da maioria das avós, vez que as mesmas têm uma renda média de um salário mínimo (R\$ 724,00, Decreto 8.166, 2013) e não contam com auxílio ou pensão exclusiva para as crianças, tendo que dividir e redistribuir a renda familiar existente. Muitas delas tiveram que lançar mão de outros tipos de ganhos/complementos da renda devido ao acréscimo nas despesas (vender plantas, fazer faxina, guloseimas para vender). Essa sobrecarga financeira foi apontada por Lopes, Neri e Park (2005) como efeito negativo da criação de netos.

A maior dificuldade foi não ter o dinheiro, mas a tia dela, a que mora junto, a que mataram o marido dela, ela colaborava... aí ela ganhava aquele trocadinho. Comprava sabão em pó, o leite, as coisas de Liz, mas isso não era sempre. Era uma vez ou outra, porque a coitada tinha as dívidas dela também... (Lótus, 60 anos)

O que foi difícil, minha filha, foi as despesas delas, porque eu não trabalhava. Depois foi que eu comecei a trabalhar... Aí comecei a trabalhar para ajudar nas despesas, mas foi luta mesmo... de ter momentos de faltar o que comer. Isso dói no coração de qualquer pessoa. Aquelas duas tão pequenas passando necessidade braba, entende? (Camélia Roxa, 81 anos)

Apesar de passarem por muitas restrições financeiras e sempre buscar uma forma de subsistência, as avós não veem isso como um problema para si apenas, preocupando-se muito

mais em atender às necessidades dos netos e através deles conseguirem uma realização/satisfação.

As dificuldades são encaradas como coisas da vida, corriqueiras que não tem muito como evitar, chegando a passar a impressão de que é uma condição *sine qua non* em que não passar por certas adversidades foge ao contexto de vida na qual elas estão inseridas. Colocam-se em segundo plano na intenção de fazer pelos netos o melhor possível, negligenciando até mesmo a saúde – não comprando os remédios prescritos por médicos, para que nada falte à família. A má ou pouca condição financeira, de certo modo, está relacionada com alguns estigmas que os moradores da comunidade enfrentam o que diminui as chances e o potencial de empregabilidade.

4.1.2.2 Dificuldades em relação à educação

Ao assumir a guarda do neto, as avós passam a adotar posturas mais compatíveis com a relação entre pais e filhos, deixando ou diminuindo o papel formal de provedora de afeto e destituído de responsabilidades, característico da relação avós e netos (ARAÚJO; SILVA; DIAS, 1998). O senso comum de que as avós “mimam” os netos e são permissivas, foi desmistificado no estudo de Coutrim (2007) que comprovou que o rendimento escolar é o mesmo entre crianças cuidadas pelas avós em relação às demais. Embora muitas avós tenham baixa escolaridade, transmitem valores e oferecem apoio emocional às crianças e jovens sob sua guarda e isso aparece refletido no bom desempenho escolar das crianças.

Assim, as dificuldades, eu tinha medo assim da educação, né? Porque a educação parte dos pais, a opinião, essas coisas todas. Aí eu tinha medo, mas eu sempre botava ele nas rédeas (Begônia, 54 anos).

Eu sinto dificuldades, sem recursos, porque não posso dar uma educação melhor, eu queria, mas eu não posso dar uma educação melhor pra eles, tá entendendo? Mas a educação que eu pude dar é essa. Não bulir (mexer) no que é dos outros, não pegar no que é dos outros, não fazer coisas erradas, não seguir o que a mãe fez, mas mando estudar. Quando chega pra comprar lápis e caderno eu compro, porque desse dinheirinho que eu tenho, eu compro caderno, lápis, caneta, pra ir para o colégio, pra ser alguém na vida (Tulipa, 64 anos).

Ficou evidente que o nível de escolaridade entre as avós pesquisadas é inferior ao ensino fundamental I completo, o que nos leva a pensar que, muitas vezes, essas avós não puderam ajudar mais os netos, na escolaridade, por falta de compreensão do assunto ou vergonha que as mesmas sentem em não poder assinar o nome, ler um recado, ir a um lugar ou pegar um ônibus desconhecido. Como afirma Begônia (54 anos): “Eu não sei ler, até que tentei, mas nunca que aprendi”.

Ao partilharem suas vidas, com laços estreitos enraizados na cultura, avós e netos se influenciam e se modificam reciprocamente, tornando possível uma coeducação de gerações: "Os avós educam, portanto, os netos e, ao mesmo tempo, embora de modo diferente, são reeducados por essas crianças" (OLIVEIRA, 1999, p. 24). Apesar disso, é notório que um dos maiores desejos que elas têm é o de ver seus netos estudando; sentem orgulho ao ver a realização e o crescimento deles, além de sentirem-se gratificadas pelo esforço que fizeram durante o processo educativo. "Eu digo, vá estudar, vá estudar, veja só Luiz (outro neto) já se formou, estudou e ainda estuda. É isso que tem que fazer para ser gente quando crescer" (Lisianto, 60 anos).

Em suas pesquisas de Araújo e Dias (2010), e Mainetti e Wanderbrooke (2013), visualizaram que apesar das avós valorizarem o estudo e insistirem para que os netos cumpram as obrigações escolares, percebe-se uma dificuldade em que isso seja realizado, pois algumas terminam sendo flexíveis e apresentando dificuldade com o estabelecimento de limites, conforme também foi confirmado aqui nesta pesquisa. Algumas avós tendem a flexibilizar com os netos muitas vezes por receio, insegurança ou compaixão, devido à situação que estão vivendo, e inúmeros outros motivos que as leva agir com a emoção neste quesito.

Por outro lado, encontramos avós que realmente conseguem estabelecer uma rotina de trabalho doméstico e estudo com seus netos, conforme se pode constatar nas seguintes falas:

Tem hora pra chegar aqui em casa e de dormir. Só tem um neto que ele é ruim (envolvido com o crime). Mas dou conselho a ele, aí ele vai pela gente. (Geneciana, 64 anos)

O que eu fazia com meus três filhos eu faço com ele. Eu botava de castigo, quando dizia vou botar de castigo, você num sai,, num saia não! Eu saio pra rua tranquila e ele num saía. Eu quero vê quem vai me desobedecer, a casa é minha e as regras minhas também. (Lisianto, 60 anos).

Ficaram claras as demonstrações de controle e imposição das regras e normas, por parte de algumas avós, não como forma de punição, mas numa tentativa de zelar e cuidar, além do grande receio de uma possibilidade de repetição das histórias, seja a sua própria ou dos filhos. Neste estudo a imposição e o controle, talvez até exagerados, funcionam como uma forma de proteção para os netos com o objetivo de que não se envolvam com comportamentos de risco.

4.1.3. Avaliação dos relacionamentos com os familiares

Segundo Sarti (2009), a principal característica das famílias pobres é a sua configuração em redes que move os sujeitos e que provê os recursos materiais e afetivos com que contam. Sendo assim, o ambiente familiar é entendido a partir de condições socioeconômicas e culturais,

sua moralidade e suas raízes, das condições particulares em que vivem da história da qual são herdeiros.

A temática das relações intergeracionais, caracterizada por relações de trocas entre diferentes gerações, passa a ser cada vez mais desafiada no contexto da sociedade contemporânea, onde as atividades são segregadas por faixa etária e que não propiciam as relações entre jovens e idosos (FERRIGNO, 2003; LOPES, 2008).

Nesse contexto, as relações entre as gerações precisam ser otimizadas com base em princípios relacionados ao respeito às diferenças, solidariedade, troca de experiências e ajuda mútua, o que muitas vezes não acontece na relação com os filhos, noras ou genros, ficando para as avós a maior parte da responsabilidade da criação.

É uma coisa muito difícil, todo mês eu tenho que ir atrás dele (pai), me sinto até humilhada. Ele sabe onde eu moro porque num vem trazer o dinheiro, não importa que seja uns cinquenta conto, mas assim eu via o interesse dele. Tem não, aí não posso gostar dele (Tulipa, 64 anos).

Pense numa pessoa ruim, chega de viagem e nem vem ver a filha, nem pra ajudar ela em nada. Não gosto dele de jeito nenhum. Eles não fazem nada pra ajudar (Geneciana, 64 anos).

A ausência do pai é uma queixa bem presente nas falas das avós. Elas sentem o afastamento dos mesmos com as crianças, como se as crianças perdessem a referência masculina. Neste caso, elas falam da lei, da autoridade, de alguém que represente “medo”, alguém que as crianças possam temer. Evidenciamos que o homem para essas avós tem uma função muito mais de imposição do respeito, dos limites, do certo e errado e a ausência dos mesmos gera um conflito enorme.

Para Ferrigno (2003) e Oliveira (1999), por exemplo, a interação efetiva entre gerações possibilitaria inúmeros benefícios, entre eles a coeducação entre os sujeitos, o respeito às diferenças e o exercício da cidadania, mas muitas vezes isso não ocorre devido às divergências de valores, de opiniões e comportamento.

As coisas ficam difícil, às vezes, porque a mãe diz uma coisa, a outra avó diz outra, acaba que os meninos só querem fazer o que querem. Eu acabo discutindo com elas, fica uma coisa ruim, mal estar entre nós dentro de casa. E eles tão tudo aí se perdendo (Açucena, 80 anos).

Em se tratando do relacionamento com os genros (grande maioria), noras e filhos, podemos perceber neste estudo que as avós não se dão bem com alguns deles devido ao descaso apresentado frente aos netos. Muitos não se preocupam ou mantêm qualquer tipo de vínculo com as crianças gerando um sentimento muito negativo nas avós. Do ponto de vista psicológico, algumas pesquisas apontam ambivalências e prejuízos para avós e netos em função da intensidade e rotina dos cuidados prestados, da falta de limites dos netos e do conflito de autoridade vivenciado entre eles (ARAÚJO; DIAS, 2002; DIAS; COSTA; RANGEL, 2005

LOPES; NERI; PARK, 2005). “Gosto deles, gosto mesmo, apesar de toda dificuldade que passo, mas não gosto é da teimosia, da desobediência, malcriação que eles fazem comigo, aí eu fico muito triste e braba, tentando colocar ordem na bagunça” (Genciana, 64 anos).

Alguns estudos antropológicos destacam o estilo afetivo e amoroso das avós como principal fator de relacionamento positivo com os netos sinalizando ganhos de ordem pessoal (BARROS, 2006; COUTINHO, 2006; GUSMÃO, 2003; SANTOS, 2003).

O meu relacionamento com meus netos é muito gostoso, eles me respeitam e o amor que tenho por eles [...] é dois amor: tenho amor de mãe da minha filha e eles têm o amor de mãe e de avó ao mesmo tempo. (Margarida, 60 anos)

Bom, sempre bom. Brincavam carnaval comigo, saiam para passear, parque, Dois Irmãos, a gente ia para a praia. Tudo deles era comigo, do vestir ao calçar e não tinha isso de quem criei e não criei, era tudo junto, uma ruma de meninos, era tudo igual (Acácia, 74 anos).

Eu cuidava direitinho, dava um banho, penteava o cabelo, o pai só deixava o dinheiro do básico, mas carinho mesmo era comigo. (Camélia Roxa, 81 anos).

O estilo afetivo das avós é corroborado nas pesquisas que indicam que principalmente na ausência dos pais e em situações de separação e divórcio, as avós tendem a dialogar mais com os netos tornando-se fonte de segurança e apoio emocional (KIPPER; LOPES, 2006; LOPES; NERI; PARK, 2005; ARAÚJO; DIAS, 2002).

Foi possível perceber o cuidado e o afeto por parte das avós, pois mesmo com suas limitações e dificuldades financeiras, a maioria relatou gostar dos netos e de criá-los, sentindo-se bem e com a consciência tranquila por tê-los assistido. Em alguns casos o vínculo estabelecido é tão intenso que elas não se veem mais sem esses netos, o que vai além das dificuldades ou qualquer adversidade que possam existir.

4.1.4. Aspectos positivos da criação

Mainetti e Wanderbrooke (2013) relatam que a convivência com um neto de maneira tão próxima trouxe para as avós uma experiência emocional positiva, seja pelo preenchimento da ausência de um filho, através do filho dele, ou pela companhia, carinho e alegria que os netos proporcionam. Dados semelhantes foram expressos por Lopes, Neri e Park (2005) sobre os aspectos positivos da situação de assumir o papel de pai ou mãe dos netos: sentimentos de renovação pessoal, oportunidade de ter companhia e gratificação por estarem provendo uma nova geração com cuidados e ensinamentos.

Minha filha, facilidades na criação teve, foi tudo muito bom porque eles me respeitavam, mesmo com toda a responsabilidade de educar. Para não acabar fazendo igual ao pai. Me sinto bem com ele, vê ele crescer e ficar bem...isso que é bom (Begônia, 54 anos).

É tudo igual, sempre foi tudo igual, então teve toda facilidade. Tratei tudo igual, os filhos (do marido), os meus filhos, neto e bisneto, isso faz com que tudo seja melhor. Vi cada um seguir seus caminhos, conforme escolheram (Gardênia, 63 anos).

Em termos de adaptação familiar foi possível perceber que em algumas famílias, a coabitação dos netos com as avós resultou numa redistribuição de tarefas domésticas, quando elas tinham a colaboração de outros cuidadores, sendo elas as organizadoras frente às mudanças. Em algumas falas pode-se perceber que apesar de todos os transtornos que a situação ocasionou, de terem que acolher os netos, as avós conseguiram acomodar todos, não sem esforço. Concordamos com Camarano e El Ghaouri (2003) quando referem que a coabitação é mais favorável para os filhos e os netos, do que para os idosos, que muitas vezes não têm escolha.

Foi um buruçu, muito buruçu. Só Jesus me segurou, tombei de um lado, tombei de outro, mas o que faço para um faço para o outro e depois estavam tudo se chegando e cada um foi ficando de fazer uma coisa. (Lótus, 60 anos)

Foi apertado, mas todo mundo se ajeitou, foi ficando quem deu, depois arrumava um lugar ia embora. A felicidade deles foi o homem (esposo) ter morrido porque se vivo ele fosse não tinha ficado ninguém. (Açucena, 80 anos)

Neste estudo pudemos perceber o orgulho das avós em dizer que criaram seus netos, muitas vezes sozinhas, e que as coisas em casa, se por algum momento ficaram estranhas, acabaram por se acomodar, sendo a convivência pacífica dentro do possível.

4.1.5. Necessidades sentidas pelas avós e perspectivas frente ao futuro

A proximidade da finitude e a saúde mais frágil de algumas, por conta da idade mais avançada, estão implícitas nas preocupações dessas mulheres que estavam criando seus netos: 1) A preocupação sobre quem assumiria os netos na impossibilidade de continuarem sendo as responsáveis evidencia o temor de não terem com quem ficar, pois muitos desses netos já não se imaginam em outro lugar que não seja a casa da avó guardiã. 2) Muito pertinente e quase que unânime nas entrevistas foi a preocupação com o futuro. As avós temem que seus netos venham a usar drogas, que sejam adolescentes revoltados, que sofram violência na rua ou se envolvam com a criminalidade. 3) O medo de que eles não tenham um futuro promissor devido ao desinteresse pelos estudos. 4) O medo da repetição das experiências dos próprios pais também foi uma constante nas entrevistas. Alguns excertos da entrevista mostram o que foi dito:

Olhe eu vou dizer uma coisa. Eu queria assim, ter uma casinha e sossego de espírito. Eu e a neta, não passar por certas coisas mais. Me livrar do bêbado (referência ao marido) ... desejo que ela estude, que faça cursos pra ser alguém na vida. (Lótus, 60 anos).

Realidade, eu queria assim, eu ficar um pouco descansada. Cada um nas suas casas, com sua família, seu ganha pão e só vim me visitar. Queria acertar esse negócio da minha aposentadoria e reformar minha casa (Genenciana, 64 anos).

Vale lembrar que, segundo Yazbek (2009), a pobreza é a expressão direta das relações sociais e não se reduz às privações materiais. É multidimensional, portanto não se caracteriza apenas pelo não acesso a bens, mas é uma categoria política a qual se traduz pela carência de direitos, oportunidades, informações, de possibilidades, esperanças e sonhos. Conforme explicita Martins (1991), estar na pobreza é como ter reduzido o seu direito a sonhar, desejar coisas e lugares melhores dos que já habitados.

Em se tratando de sonhos em relação a elas mesmas, não conseguiram expressá-los com clareza, deixando-se entrelaçar com os sonhos e desejos profundos para os netos. Relatam que para si mesmas já não desejam nada, que a vida já está chegando ao fim e que tudo que podem desejar neste momento está relacionado aos netos que criam.

Esta ausência de expressão de sonhos chama atenção ao longo das entrevistas, pois foi possível perceber que ainda há desejos que as mesmas gostariam de alcançar porém não se permitem numa intenção de troca, de favorecimento dos netos que estão iniciando a vida e segundo elas “precisam mais”.

Demonstraram uma atitude de proteção e um profundo amor por eles. Corroborando com essa ideia, Dias *et al* (2013), em seu estudo com avós que criavam netos, perceberam sentimentos de ansiedade, depressão, cansaço entre outros, bem como abalos no campo financeiro, porém, em que pese essa situação, foi evidenciado um amor incondicional aos netos, um sentimento moral e de utilidade por tê-los criado.

Eu agora não desejo mais nada. Só espero Deus me chamar, e para os meus netos e bisnetos desejo que sejam felizes, possam ter minha força (Camélia Roxa, 81 anos).
Eu mesmo num espero mais nada pra mim. Para eles eu num tenho nada. Agora para ele (referência a um neto que dá trabalho) espero que seja um bom rapaz, de bem, trabalhar, ter seu emprego e ser uma pessoa de respeito, saber se comportar nos cantos, ter uma boa convivência com as pessoas (Tulipa, 64 anos).
Que eles sejam bem felizes, que vivam bem feliz e com saúde. Eu não queria que eles crescessem não, queria que ficassem dentro de casa. Eu sou assim. (Gardênia, 63 anos).

Podemos constatar através deste estudo, que os sonhos para si mesmas são quase inexistentes ou ficam em segundo plano, pois, de alguma forma, tendem a favorecer os netos. Contudo, as avós se sentem orgulhosas e satisfeitas em sonhar e desejar coisas boas para os seus netos, e acima de tudo ver as realizações. Os sonhos perpassam o imaginário de mulheres batalhadoras, que têm um medo imenso quanto à criminalidade, violência, falta de ocupação buscando assim formas de integração dos netos, como quem não deixa chance para o ‘mal entrar’. Em resumo, o sonho delas é ver seus netos em caminhos distintos dos já trilhados e não bem sucedidos por elas, bem como pelos filhos.

4.1.6. Percepções da comunidade onde residem

Segundo Freitas (2005), ao longo dos últimos anos o Coque vem refletindo o aumento de violência entre os jovens presentes no cenário nacional. Tráfico de drogas, pontos de venda e porte de armas são apenas algumas das causas dos crimes e mortes.

As avós apontam o Coque como um lugar, inicialmente, não muito propício para a criação dos netos, pois a violência e a criminalidade são crescentes, porém ao falarem mais sobre o lugar em que residem é possível perceber que há um sentimento de gostar de morar ali, de que houve melhorias no ambiente. Porém não deixam de pontuar que, com o passar dos anos, a comunidade foi tomando uma nova forma, onde não mais se podem fazer coisas que outrora era possível. Silva (2010) pontua que a pobreza decorre em sua grande maioria de um quadro de extrema desigualdade, marcado pela profunda concentração de renda, situação que gera as polaridades sociais.

Nasci e me criei aqui, criei meus filhos e agora os netos, mas antes era mais fácil e mais difícil para algumas coisas. Era bom porque o povo da comunidade se conhecia, tinha amizade, saía na calçada e hoje não dá, os 'caras' não deixam, mas tem coisa que não tinha antes (Margarida, 60 anos).

É importante salientar que muitas avós tiveram uma vida difícil, recheada de tragédias, o que de alguma forma, as tornou mais firmes, controladoras, por hora, inflexíveis em alguns pontos. Podem ter assumido esta postura na tentativa de proteção dos netos e das suas lembranças com os filhos e dos caminhos por eles tomado.

Mudou muita coisa, antes não tinha violência, agora tem. Menino com doze anos já tem uma, duas mortes nas costas. Antes eu saía com as crianças para fazer as coisas chegava meia noite, uma hora sozinha. Hoje em dia a gente não vê nem cachorro na rua de tanto medo que faz. Aqui se recebe uma bala sem fazer nada, mas com tudo isso eu ainda gosto de estar aqui! (Açucena, 80 anos).

Sarti (2004) diz que a importância da família para os pobres urbanos se dá por estruturar seu lugar no mundo social, tornando as dificuldades diárias mais suportáveis, estando esse valor moral atrelado ao descaso do poder público e das precárias condições dos serviços públicos oferecidos à população, os quais são direitos estabelecidos pela Constituição Federal.

A gente manda pra escola achando que tá protegido e num tá, porque lá rola tudo de errado, ruim, muita violência. Os professores têm medo de vir dá aula. O que mais tem é discórdia na escola, briga de gangue. Chega no posto médico e num tem médico, porque ele num quer vir...sabe porquê? Foi assaltado quando estava vindo ou tava indo daqui (Genenciana, 64 anos).

O grande problema daqui é a questão das drogas que leva nossos meninos embora. Não se pode deixar solto, senão vai embora rapidinho. É muita violência! Antigamente eles respeitavam mais a gente, agora não querem nem saber. Mas eu gosto do meu lugar (Lisianto, 60 anos).

Segundo Freitas (2005), as investigações sociológicas, recentes, realizadas no bairro apontam que a escalada da violência na juventude está conectada, muitas vezes, à associação de parte dos jovens da comunidade a grupos dispostos a se fazerem 'visíveis' para o resto da sociedade, seja a partir do consumo de bens simbólicos, seja a partir da criação de grupos

(gângues) por meio dos quais se dá o ‘aprendizado’ do tráfico e do roubo como atividades que trazem maior retorno financeiro e uma ilusória mudança de condição social. Isso fica evidente nos fragmentos de entrevista abaixo:

O meu filho mesmo começou a andar com uns amiguinhos dizendo que ia jogar bola, ia pra ali, pra acolá, começou roubando dentro dos ônibus, quando vim saber já era tarde. Ia preso. Isso para comprar coisa de marca, tomar umas mais as amizades... fíndou morto num domingo de tarde, por briga dos amigos, mataram na maior covardia (Gardênia, 64 nos)

A qualidade de vida no bairro e o atendimento das necessidades básicas de infraestrutura, saúde, educação, alimentação e emprego são bastante precárias. Apesar de estar praticamente localizada no centro do Recife, a comunidade não está integrada à vida da cidade. Segundo Freitas (2005) há uma espécie de “barreira invisível” que funciona como bloqueadora dos projetos de desenvolvimento na área. Um dos motivos para essa situação deve-se à violência existente na localidade. O Coque se viu enredado em um ciclo vicioso extremamente perverso. Ninguém ajuda porque a região é violenta, e a comunidade é violenta porque ninguém ajuda. A falta de investimentos, tanto da iniciativa privada quanto dos poderes públicos só contribuiu, ao longo do tempo, para consolidar essa situação.

É o meu lugar, mas é complicado viver aqui, falta muita coisa pra todo mundo. Tem uma vizinha juntando coisa em casa, tipo um lixão. Coisas pra vender, mas é uma sujeira, catinga, fedor, ninguém faz nada. Os médicos não querem vir com medo de ser assaltado, fico esperando o dia em que vão olhar para nós. Que alguém (referindo-se aos políticos) vai fazer, cumprir as promessas que sabem fazer. (Begônia, 54 anos)

Segundo Yazbek (2009), os pobres representam a “herança histórica da estruturação econômica, política e social da sociedade brasileira”. Sobre eles vem recaindo "grande parte da culpa pela ausência de mudanças significativas" nas sociedades em desenvolvimento. Para Sarti (2004), o que se observa é a anulação do pobre como sujeito e a pobreza é traçada como uma realidade em negativo, uma espécie de limbo para onde são projetadas as carências, as precariedades, as minoridades e os atrasos do país.

Apesar de todas as dificuldades enfrentadas na comunidade em que vivem, grande parte dos seus moradores não desejam deixá-la, nutrem um forte sentimento de mudanças e crescimento, além do reconhecimento de que como cidadãos deveriam ter os direitos básicos garantidos. A diminuição da violência, que é a grande vilã, que ceifa vidas jovens e destrói famílias inteiras, é o maior sonho. Contudo elas sentem orgulho da história que carregam, do que fizeram e fazem na e para a comunidade e para a família.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pode-se concluir que as avós que participaram desta pesquisa vieram a substituir pais falecidos, pais despreparados por serem adolescentes ou adultos imaturos, pais negligentes, pais desconhecidos, pais dependentes químicos ou pais abusadores. A criação foi assumida preferencialmente por elas porque, na maioria dos casos, essas avós já participavam dos cuidados dos netos, quando os pais coabitavam ou quando tomavam conta dos netos para os pais trabalharem. Outro fator que pode ser apontado é a existência de um número maior de mulheres sozinhas, por viuvez ou pelo não recasamento, vindo os netos a preencher sua vida, trazendo-lhe alegrias e companhia.

Verificou-se que para as avós participantes a função materna se sobrepôs ao papel de avó. Apesar do afeto e do cuidado aparecerem constantemente nos relatos, foi possível constatar a existência de ambivalência afetiva e preocupação diante do que elas vislumbram para o futuro. Ao assumir um neto para criar, essas mulheres, pertencentes a uma camada menos favorecida, tiveram que remanejar suas vidas nos aspectos profissional, financeiro e familiar, para dar conta do aumento das despesas e tarefas domésticas, pois muitas das crianças vieram sem nenhum auxílio dos pais, familiares ou de qualquer parente, achatando ainda mais uma renda já apertada. Ainda tiveram que lidar com a ausência efetiva de um ou ambos os pais na vida das crianças, o que dificultou as possibilidades de contato, referências ou afeto com os mesmos. Dessa forma, além de suprirem as necessidades físicas e financeiras, as avós forneceram a proteção e o afeto, tornando-se assim avós-mães. Algumas continuaram desempenhando seu trabalho normalmente, contando com a colaboração de outros cuidadores para tomarem conta das crianças durante sua ausência, porém sempre com o sentimento de insegurança e medo devido às condições da comunidade.

A saúde mais frágil e a idade avançada de algumas apareceram como pontos negativos dessa experiência, causando preocupação quanto ao futuro dos netos que poderiam ficar desamparados na impossibilidade das avós permanecerem ativas ou falecerem. Apesar de a maioria não se encaixar ainda na faixa etária de idosos, determinada pela OMS, muitas delas já se consideravam velhas e com poucas condições para enfrentar tal situação, transmitindo a sensação de criarem os netos por obrigação, em que pese os sentimentos positivos que nutrem por eles.

Quanto ao relacionamento intergeracional, tendo como ponto de partida as relações familiares dessa amostra, pode-se considerar:

- A crença na importância das avós para as famílias atuais, representando apoio instrumental e financeiro aos filhos, e afetivo/emocional para os netos em função do distanciamento familiar entre filhos e netos;
- As mudanças nas composições familiares expressam outras mudanças de cunho social e histórico, em que as necessidades financeiras dos pais, drogadição, abandono, violência, gravidez na adolescência, dentre outros, podem ser um empecilho para o desenvolvimento futuro dos filhos em função da ausência dos pais. As avós também encontram problemas principalmente na monitoria e supervisão dos netos uma vez que estes tendem a ter poucas referências de regras e normas.

Os dados da pesquisa apontam para configurações diferentes da tradicional família nuclear. A diversidade de arranjos familiares na atualidade dá espaço para relações baseadas em laços afetivos e não somente em laços consanguíneos. Nesse estudo foi possível verificar que mulheres assumem a criação não apenas de netos biológicos, mas de crianças adotadas por seus filhos, novos filhos da nora viúva, netos só do marido, filhos de vizinhos, de sobrinhos e netos. Estes resultados contribuem para dar visibilidade ao lugar ocupado pelas mulheres na sociedade atual, especialmente o de cuidado das gerações mais fragilizadas: crianças e idosos.

Este estudo aponta para um ciclo de vida familiar no qual o envelhecimento das mulheres é acompanhado por filhos adultos, que nem sempre deixam a casa dos pais ao constituírem uma nova família, filhos adultos que morrem antes de chegar à maturidade, filhos adultos que não assumem a criação de seus próprios filhos, filhos adultos que se encontram em situação de prisão ou tratamento de dependência química e, conseqüentemente, netos sendo criados pelas avós. Há ainda os filhos adultos que resolvem “esticar” na casa dos pais, para ter um lugar com um custo menor, criando assim o que é bem visível nas comunidades, os aglomerados/amontoados de casebres de uma única casa, o que podemos chamar de ‘puxadinho’, mas na hora da criação dos filhos, não assumem a responsabilidade deixando a tarefa para os avós.

Foi possível também perceber com este estudo que, apesar do olhar crítico para a comunidade e das dificuldades percebidas, as avós não têm intenção de deixar o local, se dizendo felizes por morar lá. Há um desejo de melhorias e de atividades que possam vir a contribuir com a infância, a saúde e serviços essenciais para a comunidade.

Vislumbramos a necessidade de futuros estudos neste tema, abrangendo outras dimensões como o impacto da criação na vida conjugal e social das avós e até mesmo as implicações na vida dos netos adultos que foram criados pelas avós. Outras pesquisas podem e

devem investigar não só o conhecimento das avós maternas cuidadoras, mas também de avós e avôs paternos que têm se responsabilizado pelo cuidado dos netos em idade escolar. Os netos também poderiam ser consultados, a fim de se conhecer a percepção deles sobre a referência dos avós em suas vidas. Trata-se de dados pertinentes que podem contribuir para a promoção de intervenções preventivas no contexto escolar e familiar.

REFERÊNCIAS

- AGOSTINHO, C. S.; MÁXIMO, G. C. **Idosos num Brasil que envelhece**: uma análise multidimensional da pobreza. In: XV Encontro Nacional de Estudos Populacionais. Caxambu: ABEP, 18-22 set. 2006.
- AGUILLAR, L. R.; PILLON, S. C. Percepción de tentaciones de uso de drogas en personas que reciben tratamiento. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, v. 13, p. 90-797, 2005.
- ALVES, S. M. M. **Cuidar ou ser responsável?** Uma análise sobre a intergeracionalidade na relação avós e netos. 2013. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Política e Sociedade) – Centro de Estudos Sociais Aplicados, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2013.
- ARATANGY L. R; POSTERNNAK L. **Livro dos avós**: na casa dos avós é sempre domingo? São Paulo: Artemeios, 2006.
- ARAÚJO, C. P.; DIAS, C. M. S. B.. Avós guardiões de baixa renda. **Pesquisas e Práticas Psicossociais**, São João del Rei, n. 2, v. 4, p. 229-237, 2010. Disponível em: <http://www.ufsj.edu.br/portal2repositorio/File/revistalapip/volume4_n2/araujo_e_dias.pdf> Acesso em: 14 jun. 2014.
- ARAÚJO, M.; DIAS, C. M. S. B. Papel dos avós: apoio oferecido aos netos antes e após situações de separação/divórcio dos pais. **Estudos de Psicologia**, v. 7, n. 1, p. 91-101, 2002.
- ARAÚJO, M; SILVA, D.; DIAS, C. M. S. B. A figura dos avós nos âmbitos psicossocial e familiar. **Mente Social**, v. 4, n. 2, p. 23-33, 1998.
- ARIÈS, P. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: Guanabara. 1981.
- ATTIAS-DONFUT, C.; SEGALLEN, M. Le invention de la grand-parentalité. Em: D. Gall & Y. Bettahar. **La pluriparentalité**. Paris: Universitaires de France. 2001, p. 243-260.
- BARROS, M. L. **Autoridade e afeto**: avós, filhos e netos na família brasileira. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1987.

BARROS, M. L. **Família e Gerações**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas. 2006.

BAUMRIND, D. Child care practices anteceding three patterns of preschool behavior. **Genetic Psychology Monographs**, v. 75, n. 1, p. 43-88, 1967.

BEAUVOIR, S. de. **A Velhice**. Tradução de Maria Helena Franco Monteiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BELAND, R. M.; MILLS, T. L. Positive portrayal of grandparents in current children's literature. **Journal of Family Issues**, v. 22, n. 5, p. 639-651, 2001.

BOGDAN, R.; BIKLEN, S. K. **Investigação qualitativa em educação**. Porto: Porto, 1990.

BOURDIEU, P. **Razões práticas: sobre a teoria da ação**. Campinas: Papirus, 1996.

BRASIL. **Constituição (1988)**. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF, Senado, 1998.

BRASIL. **Estatuto da criança e do adolescente (1990)**. Lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990, Lei n. 8.242, de 12 de outubro de 1991. Brasília: Câmara dos Deputados, Coordenação de Publicações, 2001.

BRASIL. Lei nº 10.741, de 1 de outubro de 2003. Dispõe sobre o Estatuto do Idoso e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 30 out. 2003. Seção 1, p. 1.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Cadernos de Atenção Básica, Envelhecimento e Saúde da Pessoa Idosa**. Brasília: Ministério da Saúde, 2006.

BRUSCHINI, M. C. A. **Mulher, casa e família: cotidiano nas camadas médias paulistanas**. São Paulo: Vértice, 1990.

BUAES, C. S.; DOLL, J. Aprende a ser viúva: narrativa de mulheres idosas no meio rural. **Revista Kairós**, São Paulo, n. 2, v. 8, p. 171-188, 2005.

CABRAL, B. E. S. L. **Longevidade e Permanência das Desigualdades de Gênero e Geração na Família Contemporânea.** In: XIV Congresso Brasileiro de Sociologia. Rio de Janeiro, 28-31 jul. 2009.

CAMARANO, A. A. Envelhecimento da População Brasileira: uma contribuição demográfica. **Texto para discussão n. 858.** Rio de Janeiro: IPEA, 2002.

CAMARANO, A. A. Mulher Idosa: suporte familiar ou agente de mudança? **Revista de Estudos Avançados.** São Paulo, IPEA, p. 35-64, 2003.

CAMARANO, A. A. Mecanismos de proteção social para a população idosa brasileira. **Texto para discussão n. 1179,** Rio de Janeiro: IPEA, 2006.

CAMARANO, A. A. Instituições de longa permanência e outras modalidades de arranjos domiciliares para idosos. In: NERI, A. L. (Org.). **Idosos no Brasil:** vivências, desafios e expectativas na terceira idade. São Paulo: Fundação Perseu Abramo: SESC São Paulo. p. 169-190, 2007.

CAMARANO, A. A.; EL GHAOURI, S. K. Família com idosos: ninhos vazios? **Texto para Discussão n. 950,** Rio de Janeiro: IPEA, 2003.

CAMARANO, A. A.; PASINATO, M. T.; LEMOS, V. R. Cuidados de longa duração para a pessoa idoso: uma questão de gênero? In: NERI, A. L.(Org.). **Qualidade de vida na velhice.** Campinas: Alínea, 2007.

CAMOTIM, V. **Estudo exploratório das relações entre avós e netos e o bem-estar psicológico na velhice.** 2004. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa, Lisboa, 2004.

CARDOSO, A. R. **Avós do Século XXI:** mutações e rearranjos na família contemporânea. Curitiba: Juruá, 2011.

CARDOSO, A R; BRITO, L. M. T. de. Being a grandmother in contemporary family: which way is that?. **Psico-USF**, v. 19, n. 3, p. 433-441, 2014.

CARVALHO, J. A. M.; GARCIA, R. A. O envelhecimento da população brasileira: um enfoque demográfico. **Caderno de Saúde Pública**. Rio de Janeiro, n. 3, v. 19, p. 725-733, mai./jun. 2003.

COSTA, A.R.; VITALE, M. A. F. (orgs.). **Família: redes, laços e políticas públicas**. São Paulo: IEE/PUCSP, 2003.

COUTINHO, M. L. R. Transmissão geracional e família na contemporaneidade. In: BARROS, M. M. L. (org.). **Família e Gerações**. Rio de Janeiro: FGV, 2006, p. 91-106.

COUTRIM, R. M. E. O que os avós ensinam aos netos? A influência da relação intergeracional na educação formal e informal. GT12: Gerações – Entre Solidariedades e Conflitos, In: XIII CONGRESSO BRASILEIRO DE SOCIOLOGIA, 2007, Recife. **Anais eletrônicos...** Recife: SBS, 29 mai. a 01 jun. 2007. Disponível em: <http://www.sbsociologia.com.br/congresso_v02/hot_papers.asp>. Acesso em: 25 abr. 2011.

CRUZ, S. S. **O fenômeno da pluriatividade no meio rural: atividade agrícola de base familiar**, 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-66282012000200003.> Acesso em: Ago. 2014.

CUNHA, B. M. R. **Significados da relação netos-avós e crenças acerca dos idosos: a perspectiva dos adolescentes**. 2008. Dissertação (Mestrado Integrado em Psicologia) – Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade do Porto, Porto, 2008.

DE VITTA, A. **Bem-estar físico e saúde percebida: um estudo comparativo entre homens e mulheres adultos e idosos, sedentários e ativos**. 125 f. 2001. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001.

DEBERT, G. G. **A reinvenção da velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento**. São Paulo: Edusp, 2004.

DEBERT, G. G.; SIMÕES, J. A. Envelhecimento e velhice na família contemporânea. In: FREITAS, E.V.; *et al* (Orgs.). **Tratado de geriatria e gerontologia**. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006. p. 1368-1373.

DEDECCA, C. S. Anos 90: a estabilidade como desigualdade, 2003. In: SANTANA, M. A.; RAMALHO, J. R. (orgs.). **Além da fábrica: trabalhadores, sindicatos e a nova questão social**. São Paulo: Boitempo, 2003. p. 109-139.

DIAS, A. C.; GOMES, W. B. Conversas sobre sexualidade na família e gravidez na adolescência: a percepção dos pais. **Estudos de Psicologia**, Natal, v.4, n.1, p. 79-106, 1999.

DIAS, C. M. S. B. A importância dos avós no contexto familiar. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 10, n. 1, p. 31- 41, 1994.

DIAS, C. M. S. B. *et al* As relações entre as gerações nas famílias chefiadas por idosos. In: FÉRES-CARNEIRO, T. (Org.). **Casal e família: conjugalidade, parentalidade e psicoterapia**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011, p. 79-84.

DIAS, C. M. S. B. *et al* Uma intervenção psicoeducativa com avós guardiãs apresentando ansiedade e /ou depressão. In: FÉRES-CARNEIRO, T. (org.). **Casal e família: transmissão, conflito e violência**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2013, p. 53-72.

DIAS, C. M. S. B.; COSTA, J. M. Um estudo sobre a avó guardiã na cidade do Recife. In: AMAZONAS, M. C, L. A.; LIMA, A. O.; DIAS, C. M. S. B. (orgs.). **Mulher e família: diversos dizeres**. São Paulo: Oficina do Livro, 2006, p. 127-138.

DIAS, C. M. S. B; COSTA, J. M.; RANGEL, V. A. Avós que criam seus netos, circunstâncias e consequências. In: FÉRES- CARNEIRO, T. (Org.). **Casal e Família**, Rio de Janeiro: PUC, 2005, p. 158- 176.

DIAS, C. M. S. B.; SCHULER, E. Uma proposta de intervenção psicoeducativa com avós que criam seus netos. In: GARCIA, A.; DÍAZ-LOVING, R. (orgs.). **Relações familiares: estudos latino-americanos**, Vitória: UFES, 2013, p. 30-43.

DIAS, C. M. S. B.; SILVA, D. V. Os avós: uma revisão da literatura nas três últimas décadas. In: FÉRES-CARNEIRO, T. (Org.). **Casal e Família: entre a tradição e a transformação**. Rio de Janeiro: Nau Editora, 1999/2009, p. 118-149.

DUARTE, Y. A. de O. Desempenho funcional e demandas assistenciais. In: LEBRÃO, M. L.; DUARTE, Y. A. de O. (Org.) **Projeto SABE no município de São Paulo: uma abordagem inicial**. Brasília, DF: OPAS, 2003. p. 183-200.

EHRLE, G.; DAY, H. Adjustment and family functioning of grandmothers rearing their grandchildren. **Contemporary Family Therapy**, v. 16, n. 1, p. 67-82, 1994.

ENGSTROM, M. Involving caregiving grandmothers in family interventions when mothers with substance use problems are incarcerated. **Family Process**, v. 47, n.3, p. 357-371, 2008.

FALCÃO, D. V. S., *et al* As relações familiares entre as gerações: possibilidades e desafios. In: FALCÃO, D. V. S.; DIAS, C. M. S. B. (Orgs.). **Maturidade e velhice: pesquisas e intervenções psicológicas**. São Paulo: Casa do Psicólogo. v. 1, p. 59-80, 2006.

FALCÃO, D. V.; SALOMÃO, N. M. R. O papel dos avós na maternidade adolescente. **Estudos de Psicologia**. Campinas, v. 22, p. 205-212, 2005.

FERREIRA, A. L. **Do entre-deux de Merleau-Ponty à atenção/consciência do budismo e da abordagem transpessoal: a busca de uma pedagogia direcionada para integralidade da formação**. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2007.

FERREIRA, A. L. “Aprender a ser” como um dos caminhos de promoção da resiliência. In: FERNANDES, F. L.; FERRAZ, A. F.; SENNA, A.C. (orgs.). **Redes de valorização da vida**. Rio de Janeiro: Observatório de Favelas, 2009, p. 63-78.

FERREIRA, A. L.; SILVA, S. C. R. Sociedade e cultura de paz: uma experiência seminal na comunidade do Coque. In: PELIZZOLI, M. L. (Org.). Pim, Joam (Org.) ; Bittar, Eduardo (Org.) ; Ruiz, Castor (Org.) ; Freitas, Alexandre (Org.) ; Sayao, Sandro (Org.) ; Ferreira, Aurino (Org.) ; Galdino, Fatima (Org.). **Cultura de Paz - A alteridade em jogo**. Recife: EDUFPE, 2009, v. 1, p. 1-267.

FERRIGNO, J.C. **Co-educação entre gerações**. SESC, São Paulo: Vozes, 2003.

FITZGERALD, M. L. Grandparent parents: intergenerational surrogate parenting. **Journal of Holistic Nursing**, v. 19, n. 3, p. 297-307, 2001.

FRAIMAM, A. P. **Coisas da Idade**. 2. ed. São Paulo: Hermes, 1991.

FREITAS, A. S. **Fundamentos para uma sociologia crítica da formação humana**: um estudo sobre as redes associacionistas da sociedade civil. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2005.

FREYRE, G. **Casa Grande & Senzala**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1975.

GHUMAN, H.; WEIST, M. D.; SHAFER, M.E. Demographic and clinical characteristics of emotionally disturbed children being raised by grandparents. **Psychiatric Services**, v. 50, p. 1496–1498, 1999.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

GOHN, M. G. **Movimentos Sociais e educação**. São Paulo: Cortez, 2001. 116p. v. 5. (Coleção Questões da Nossa Época).

GOLDFARB, D. C.; LOPES, K. G. C. L. Avosidade: a família e a transmissão psíquica entre as gerações. In: FREITAS, E.V *et al* (Orgs.). **Tratado de Geriatria e Gerontologia**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan. 2006, p. 1374-1382.

GOMES PEDRO, J. O papel dos avós no século XXI. **Revista Povos e Culturas**, v. 10, p. 11-24, 2006.

GOMES, J. V. Do campo à cidade: as transformações nas práticas educativas familiares. **Cadernos de Pesquisa**, v. 64, p. 48-56, 1988.

GOMES, J. V. Família e Socialização. **Psicologia USP**, v. 3, n.1/2, p. 93-105, 1992.

GOMES, J. V. Socialização primária: tarefa familiar? **Cadernos de Pesquisa**, v. 91, p. 54-61, 1994.

GOMES, M. A.; PEREIRA, M. L. D. Família em situação de vulnerabilidade social: uma questão de políticas públicas, **Ciência & Saúde coletiva**, v. 10, n. 2, p. 357-363, 2005.

GRINSTEAD, L.N. *et.al.* Review of research on the health of caregiving grandparents. **Journal of Advanced Nursing**. New Jersey, n.44, v.3, p.318-326, 2003.

GUSMÃO, N. M. M. Infância e velhice: desafios da multiculturalidade. In: _____ (Org.) **Infância e velhice: pesquisa de ideias**. Campinas: Alíneas, 2003, p.15-38.

HADDAD, E. G. M. **O direito à velhice: os aposentados e a previdência social**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

HARRISON, K. A.; RICKMAN, G.S.; VITTIMBERGA, G. L. Parental stress versus parental raising children with behavior problems. **Journal of Family Issues**, v. 21, n. 2, p. 262-270, 2000.

HEYWOOD, E. M. Custodial grandparents and their grandchildren. **The Family Journal: Counseling and Therapy for Couples and Families**, v. 7, n. 4, p. 367-372, 1999.

HIRONAKA, G. M. F. N. Família e casamento em evolução. **Revista Brasileira de Direito de Família**, n. 1, abr.mai.jun.1999.

IAMAMOTO, M. V. **Relações sociais e Serviço Social no Brasil**: esboço de uma interpretação histórico/metodológica. 10. ed. São Paulo: Cortez, 1995.

IAMAMOTO, M. V. **O Serviço Social na contemporaneidade**: trabalho e formação profissional. 14. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Conceitos**, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2005. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=1278&%20id_pagina=1>. Acesso em: 19/06/2014.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Demográfico 2010. Famílias e domicílios. Resultados da amostra. Rio de Janeiro: 2010**. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/População/condicaodevida/indicadoresminimos/sinteseindic sociais2010/indic_sociais2008.pdf>. Acesso em: 19 jun. 2014.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Estudos e Pesquisas Informação Demográfica e Socioeconômica. Síntese de Indicadores Sociais. Uma análise das condições de vida da população brasileira**. n. 29. Rio de Janeiro: 2012.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Estudos e pesquisas Informação Demográfica e Socioeconômica. Estudos descritivos e análises de resultados de tabulações especiais de uma ou mais pesquisas, de autoria institucional**. n. 33. Rio de Janeiro: 2014.

JECKEL-NETO, E. A. Gerontologia e interdisciplinaridade. In: JECKEL-NETO, E. A.; CRUZ, I. B. M. (orgs.). **Aspectos biológicos e geriátricos do envelhecimento**. Porto Alegre: EDIPUCRS, v. 2, p. 15-21, 2000.

JENDREK, M.P. Grandparents who parent their grandchildren: circumstances and decisions. **The Gerontologist**, n.34, v.2 p. 206-216, 1994.

- KIPPER, C. D. R.; LOPES, R. S. O tornar-se avó no processo de individuação. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 22, n. 1, p. 29-34, 2006.
- KIVNICK, H. Q. Grandparenthood: An overview of meaning and mental health. **The Gerontologist**, v. 22, p. 59-66, 1982.
- KROPF, N. P.; BURNETTE, D. Grandparents as family caregivers: lessons for intergenerational education. **Educational Gerontology**, v. 29, p. 361-372, 2003.
- LEITE, E. O. Do direito de família – Noções Introdutórias. In: Direito Civil Aplicado – Direito de Família São Paulo. **Revista dos Tribunais**, v. 5, p. 24-39, 2005.
- LEONE, E. T.; MAIA, A. G.; BALTAR, P. E. Mudanças na composição das famílias e impactos sobre a redução da pobreza no Brasil. **Economia e Sociedade**. Campinas, v. 19, n.1 (38), p. 59-77, abr. 2010.
- LINS, Z.M.B. **Metas parentais de socialização de mães e pais em relação ao desenvolvimento de seus filhos**. 227 f. Tese (Doutorado em Psicologia Social) Universidade Federal da Paraíba, 2011.
- LIPOSCKI, D. B. **A influência de um programa de intervenção psicomotora na aptidão psicomotora de idosos longevos**. 2007. Dissertação (Mestrado em Ciências do Movimento Humano) – Universidade do Estado de Santa Catarina, Santa Catarina, 2007.
- LO, M.; LIU, Y. Quality of life among older grandparent caregivers: a pilot study. **Journal of Advanced Nursing**, v. 65, n. 7, p.1475-1484, 2009.
- LOPES, E. S. L. Relações Intergeracionais. In: NERI, A. L. (Org.). **Palavras-chave em Gerontologia**. Campinas: Alínea, 2008, p.175-178.
- LOPES, E.; NERI, A.; PARK, M. Ser avós ou ser pais: Os papéis dos avós na sociedade contemporânea. **Textos Envelhecimento**, Brasil, v. 8, n. 2, p. 239-253, 2005.

MACEDO, C., *et al.* **A família no contexto social**, [s.n.], 2010.

MAINETTI, A.C.; WANDERBROOKE, A. C. N. S. Avós que assumem a criação de netos. **Pensando família**. V.17, n.1, p. 87-98, 2013.

MARTINS, J. S. **O massacre dos inocentes: a criança sem infância no Brasil**. São Paulo: Hucitec, 1991.

MARTINS, R.; VÍTOR, P. O direito dos avós às relações pessoais com os netos na jurisprudência recente. Coimbra: **Julgar**, v.10, 2010.

MATSUKURA, T. S.; YAMASHIRO, J. A. Relacionamento intergeracional, práticas de apoio e cotidiano de famílias de crianças com necessidades especiais. **Revista Brasileira de Educação Especial**, n. 4, v. 18, p. 647-660, 2012.

MAYER, M. Grandparents rearing grandchildren: circumstances and interventions. **School Psychology International**, n. 23, v. 4, p. 371-385, 2002.

MEIRELES, F. S.; TEIXEIRA, S. M. As diversas faces da família contemporânea: conceitos e novas configurações. **Econômico**, v. 16, n. 31, p. 38, 2014.

MELLO, R. G. B. *et al* Vitamina D e prevenção de quedas em idosos: uma revisão sistemática. **Scientia Medica**; n. 2, v. 20, p. 200-206, 2010.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 8. ed. São Paulo: Hucitec, 2004.

MIOTO, R. C. T. **Cuidados sociais dirigidos à família e segmentos sociais vulneráveis**. O trabalho do assistente social e as políticas sociais, mod. 04. Brasília: UnB, CEAD, 2000.

MONTEIRO, C.A. A dimensão da pobreza, da desnutrição e da fome no Brasil. **Estudos avançados**, v. 17, n. 48, p. 7-20, 2003.

MORAIS, E. P. de. **Envelhecimento no meio rural: condições de vida, saúde e apoio dos idosos mais velhos de Encruzilhada do Sul**. 2007. Tese (Doutorado em Enfermagem Fundamental) – Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

MOREIRA, M. M. O envelhecimento da população brasileira: intensidade, feminização e dependência. **Revista Brasileira de Estudos Populacionais**. Brasília, n.1, v.15, p.79-94, 1998.

MUSIL, C. M.; AHMAD, M. Health of grandmothers: a comparison by caregiver status. **Journal of Aging and Health**, n. 14, v. 1, p. 96-121, 2002.

NERI, A. L. **Qualidade de vida na velhice**. Campinas: Alínea, 2007.

NEUGARTEN, B. L.; Weinstein, K. K. The changing American grandparent. **Journal of Marriage and the Family**, n. 2, v. 26, p. 199-204, 1964.

NOVELLINO, M. S. F. Feminização da pobreza no Rio de Janeiro, Brasil (1992-1999). In: XIII Encontro da Associação Brasileira de Estudos Populacionais, Ouro Preto. **Anais...**, p. 21-27, 2002.

NUNES, D. P. *et al* Capacidade funcional, condições socioeconômicas e de saúde de idosos atendidos por equipes de Saúde da Família de Goiânia (GO, Brasil). **Ciência & Saúde Coletiva**. n. 6, v. 15, p. 2887-2898, 2010.

OBURU, P. O. Caregiving stress and adjustment problems of Kenyan orphans raised by grandmothers. **Early Development and Parenting**, n. 2, v. 14, p. 199-220, 2005.

OLIVEIRA, A. R. V. **Avosidade: visão das avós e de seus netos**. Dissertação (Mestrado em Gerontologia). Universidade Católica de Brasília, Brasília - DF, 2009.

OLIVEIRA, M. R. **As relações intergeracionais e a participação dos avós na família dos filhos**. 2011. 193 f. Tese (Doutorado em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde), Universidade de Brasília, Brasília, 2011.

OLIVEIRA, N. H D. **Recomeçar**: família, filhos e desafios. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009. 236 p.

OLIVEIRA, P. S. (1993) **Vidas compartilhadas**: o universo cultural das relações avós e netos. Tese (Doutorado em Psicologia Social). São Paulo: Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo.

OLIVEIRA, P. S. **Vidas Compartilhadas**: cultura e coeducação de gerações na vida cotidiana. São Paulo: Hucitec /FAPESP, 1999.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS RELATÓRIO DE DESENVOLVIMENTO HUMANO – RDH. La revolución hacia la igualdad en la condición de los sexos.

PNUD/ONU, 1995. Disponível em: <<http://hdr.undp.org/en/reports/global/hdr1990>>. Acesso em: 02 jul. 2013.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. **Salude mental**: nuevos conocimientos, nuevas esperanzas. Informe sobre la salud en el mundo. Ginebra, 2001.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. **Envelhecimento ativo**: uma política de saúde. Brasília: Organização Pan-Americana da Saúde, 2005.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. **Growth reference data for 5-19 years**. 2007. Disponível em: http://www.who.int/growthref/who2007_bmi_for_a_ge/en/index.html. Acesso em: Set. 2014.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. **O Direito Humano à Água e ao Saneamento**. 2010

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. **Estadísticas Sanitarias Mundiales**. Ginebra, 2012.

OSÓRIO, N. B.; SILVA NETO, L. S. O valor dos avós na sociedade brasileira. **Partes Revista Virtual**. 2008. Disponível em <www.partes.com.br/terceiridade/ovalordosvos.asp>. Acesso em: 25 abr. 2011.

OTTONI, M.A. M. **A trajetória das políticas públicas de amparo ao idoso no Brasil**. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Social). Universidade Estadual de Montes Claros, Minas Gerais, 2012.

PAIS, V.A.G. **O papel dos avós: como percebem os avós a sua importância na educação dos netos**. Dissertação (Mestrado em Enfermagem de Saúde do Idoso e Geriatria) – Universidade de Enfermagem de Coimbra, Coimbra, 2013.

PAPALÉO NETTO, M. **Gerontologia: a velhice e o envelhecimento em visão globalizada**. São Paulo: Atheneu, 2002.

PEBLEY, A.; R.; RUDKIN, L. L. Grandparents caring grandchildren. What do we know? **Journal of Family Issues**, n. 8, v. 25, p. 1026-1049, 1999.

PEIXOTO, C. E.; CICCHELLI, V. Sociologia e antropologia da vida privada na Europa e no Brasil. Os paradoxos da mudança. In: PEIXOTO, C. E.; SINGLY, F. de; CICCHELLI, V. (Orgs.). **Família e individualização**. Rio de Janeiro: FGV, 2000. p. 7- 11.

PENSO, M. A.; SUDBRACK, M. F. Envolvimento em atos infracionais e com drogas como possibilidades para lidar com o papel de filho parental. **Revista Psicologia USP**, n. 13, v.15, p.29-53. 2005.

PEREIRA, P. A nova família. **Revista Época**. n. 293, p. 82-89, 2003.

PETRINI, J. C. **Pós-modernidade e família: um itinerário de compreensão**. São Paulo: EDUSC, 2003.

PIRES, M. F. F. Presença e papel dos avós: Estudo de caso. Dissertação (Mestrado em Ciências da Educação). Departamento de Educação da Universidade de Aveiro, Portugal, 2010. Disponível em:< <http://hdl.handle.net/10773/3601>>. Acesso em: Ago. 2014.

RABINOVICH, E. P.; MOREIRA, L. V. C.; FRANCO, A. Papéis, comportamentos, atividades e relações entre membros da família baiana. **Psicologia & Sociedade**, n. 24, v. 1, p. 139-149, 2012.

REDLER, P. **Abuelidade**. Mas allá de la paternidade. Argentina: Legasa, 1986.

ROCHA, S. **Pobreza no Brasil**: afinal, de que se trata? Rio de Janeiro: FGV, 2003.

RODRIGUES, A. P.; JUSTO, J. S. A resignificação da feminilidade na terceira idade. **Estudos interdisciplinaridade sobre o envelhecimento**, n. 2, v. 14, p. 169-186, 2009.

ROUDINESCO, E. **A família em desordem**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

SAAD, P. M. Arranjos familiares e transferências de apoio informal. In: LEBRÃO, M. L.; DUARTE, Y. A. de O. (Org.). **Projeto SABE no município de São Paulo**: uma abordagem inicial. Brasília: OPAS, p. 183-200, 2003.

SANTOS, S. M. A. Infância e velhice: o convívio que nos abre o caminho. In: GUSMÃO, N. M. M. (Org.). **Infância e velhice**: pesquisa de ideias. Campinas: Alíneas, p. 47-56, 2003.

SARACENO, B.; BARBUI, C. Poverty and mental illness. **Canadian Journal of Psychiatry**, n. 3, v. 42, p. 285–290, 1997.

SARTI, C. A. O jovem na família: o outro necessário. In: NOVAES, R.; VANNUCHI, P. (Org.). **Juventude e sociedade**: trabalho, educação, cultura e participação. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004, 115-129.

SARTI, C. A. Famílias enredadas. In: ACOSTA, A. R.; VITALE, M. A. F. (orgs.). **Família, rede, laços e políticas públicas**. 4. ed. São Paulo: Cortez e IEE-PUC – SP, 2008., p.21-36

SARTI, C. A. **A Família como Espelho**: um estudo sobre a moral dos pobres. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

SCAVONE, L. Maternidade: transformações na família e nas relações de gênero. **Interface: comunicação, saúde e educação**, n. 08, v. 5, p.47-59, 2001.

SCHRAMM, G. M. T.; MERCADANTE, E. F. Avós e seus netos: velhice ao lado da adolescência em conflito com a lei. In: CÔRTE, B.; MERCADANTE, E. F.; ARCURI, I. G. (orgs.). **Envelhecimento e velhice: um guia para a vida**. São Paulo: Vetor (Coleção Gerontologia), v. 2, 2006.

SCOTT, P. Gerações, comunidades e o programa da Saúde da Família: reprodução, disciplina e a simplificação administrativa. In: BARROS, M. L. (Org.). **Família e gerações**. Rio de Janeiro: FGV, 2006, p. 107–126.

SEGALEN, M. **Sociologia da família**. Lisboa, Portugal: Terramar. 1996.

SENNA, D. M.; ANTUNES, E. H. **Abordagem da família** (a criança, o adolescente, o adulto e o idoso no contexto da família). Brasil. Ministério da Saúde. Manual de condutas médicas: Programa Saúde da Família. São Paulo: Ministério da Saúde, p. 4-6, 2003.

SILVA, A. P. G. Percepções de avós cuidadoras maternas sobre a criação e educação dos netos. Dissertação (Mestrado em Psicologia), Universidade Federal de Juiz de Fora. Minas Gerais, 2010.

SILVA, C. C. F. M. e. **Os avós e os netos: um encontro de diferentes tempos verbais**. 2014. 113 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Faculdade de Ciências e Letras de Assis, 2014.

SILVA, D. V.; SALOMÃO, N. M. A maternidade na perspectiva de mães adolescentes e avós maternas dos bebês. **Estudos de Psicologia** (Natal), n. 1, v. 8, p. 135-45, 2003.

SILVA, F. M. **Antigos e novos arranjos familiares: um estudo das famílias atendidas pelo Serviço Social**, 2011. Disponível em: <<http://www.franca.unesp.br/antigosenovosarranjosfamiliares.pdf>>. Acesso em: jun. 2014.

SILVA, M. O. S. Pobreza, desigualdade e política pública: caracterizando e problematizando a realidade brasileira. **Revista Katálysis**, Florianópolis, n. 2, v. 13, jul./dez. 2010.

SIMIONI, A. S.; GREIB, L. T. C. Percepção materna quanto ao apoio social recebido no cuidado às crianças prematuras no domicílio. *Revista Brasileira de Enfermagem*, n. 5, v. 61, p. 545-551, 2008.

SIMÕES, D. I. W.; HASHIMOTO, F. Mulher, mercado de trabalho e as configurações familiares do século XX. **Revista Vozes dos Vales: Publicações Acadêmicas: Universidade Federal dos Vales dos Jequitinhonha e Mucuri**, Minas Gerais, ano 1, n. 2, Out. 2012.

SOARES, C. Envelhecimento populacional e as condições de rendimento das idosas no Brasil. **Niterói**, n. 2, v. 12, p.167-185, 2012.

SOUSA, L. Avós e netos: Uma relação afetiva, uma relação de afetos. In: **Povos e culturas. Os avós como educadores.** v. 10, p. 39-50. Lisboa: CEPCEP, 2006.

SOUZA, A. P. Por uma política de metas de redução da pobreza. **São Paulo em Perspectiva**, n. 4, v. 18, p. 20-27, 2004.

STUART-HAMILTON, I. **A psicologia do envelhecimento: uma introdução.** Porto Alegre: Artmed, 2002.

TELLES, V. S. No fio da navalha: entre carências e direitos. Notas a propósito dos Programas de Renda Mínima no Brasil. **Revista Polis.** São Paulo, 1998.

TRIADÓ, C. **Las abuelas y los abuelos cuidadores: tareas de cuidado, necesidades y consecuencias para la salud y el bienestar psicológico.** Memoria Científico-técnica Del proyecto. Madrid, Espanha, 2005.

VALE NETO, J. P. **Coque: a morada do vínculo.** Dissertação (TCC). Departamento de Comunicação Social - UFPE, Pernambuco, 2007.

VASCONCELOS, E. M. A priorização da família nas políticas de saúde. **Saúde em Debate**, n. 53, p. 6-19, 1999.

VERAS, R. P.; RAMOS, L. R.; KALACHE, A. Crescimento da população idosa no Brasil: transformações e consequências na sociedade. **Revista de Saúde Pública**. São Paulo, n. 3, v. 21, p. 225-233, 1987.

VERDÈS-LEROUX, J. **Trabalhador social: prática, habitus, ethos, formas de intervenção**. Tradução de René de Carvalho. São Paulo: Cortez, 1986.

VITALE, M. A. F. Avós: velhas e novas figuras da família contemporânea. In: ACOSTA, A. R.; VITALE, A. F. (Eds.). **Família, redes, laços e políticas públicas**. 4. ed. p. 93-105. PUC/São Paulo: Cortez, 2008.

VITALE, M. A. F. Avós: velhas e novas figuras da família contemporânea. In: ACOSTA, ANA R.; VITALE, M. F. (org.). **Família: redes, laços e Políticas Públicas**. 5. ed. São Paulo: Cortez: Coordenadoria de Estudos e Desenvolvimento de Projetos especiais – PUC/SP, 2010. p. 93-105.

WAGNER, A. **A família em cena: trama, dramas e transformação**. Petrópolis: Vozes, 2002.

WILLIAMSON, J., SOFTAS-NALL, B.; MILLER, J. Grandmothers raising grandchildren: an exploration of their experiences and emotions. **The Family Journal: Counseling and Therapy for Couples and Families**, n. 11, v. 1, p. 23-32, 2003.

WONG, L. R.; CARVALHO, J. A. M.; PERPÉTUO, I. H. O. A estrutura da população brasileira no curto e médio prazos – evidências sobre o panorama demográfico com referência às políticas sociais, particularmente as de saúde. In: REDE INTERAGENCIAL DE INFORMAÇÕES PARA SAÚDE (Brasil). **Demografia e saúde: contribuição para análise de situação e tendências**, OPAS: Brasília, 2009, p. 37-63.

YAZBEK, M. C. **Classes subalternas e assistência social**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

ZALUAR, A. **A máquina e a revolta:** as organizações populares e o significado da pobreza, São Paulo: Brasiliense. 1985

ANEXO 1:**UMA TESSITURA SOBRE A COMUNIDADE DO COQUE – JOANA BEZERRA, RECIFE/PE****Coque uma comunidade cheia de possibilidades**

A gravidade do quadro de pobreza e miséria, no Brasil, constitui permanente preocupação e obriga a refletir sobre suas influências no social e, principalmente, na área de atuação junto da família, na qual as políticas públicas ainda se ressentem de uma ação mais expressiva. O Estado deve assegurar direitos e propiciar condições para a efetiva participação da família no desenvolvimento de seus filhos, porém os investimentos públicos brasileiros, na área social, estão cada vez mais vinculados ao desempenho da economia (GOMES; PEREIRA,2005)

O Brasil nas últimas décadas vem impondo uma enorme desigualdade na distribuição de renda e elevados níveis de pobreza que exclui parte significativa de sua população do acesso a condições mínimas de dignidade e cidadania. Estudo apresentado pelo economista Dedecca (2003) mostrou que, de 1992 a 1999, os 25% mais pobres perderam 20% da renda e os 5% mais ricos perderam 10%. Estes dados levam a constatar que a defasagem salarial é maior para os pobres, o que amplia, ainda mais, a concentração de renda no Brasil.

O Recife é uma cidade marcada por profundas diferenças sociais e econômicas. Desde sua fundação os limites espaciais entre ricos e pobres tornaram-se bastante evidentes. Aos ricos destinaram-se as áreas planas e secas, aos pobres os alagadiços e morros. A atual configuração da cidade é suficiente para revelar o processo de apropriação do território recifense, que privilegiou os mais ricos em detrimento da população menos favorecida.

Em pleno século XXI a questão da habitação no Recife permanece como um grande problema para os mais pobres. A especialização do centro empurrou centenas de famílias pobres para as bordas da área central da cidade, famílias estas que continuaram com pouca opção de moradia, ocupando as áreas periféricas e não consolidadas, em sua maioria. Várias foram às tentativas de expulsão das diversas comunidades pobres da área central, no entanto a resistência popular garantiu a permanência de muitas destas comunidades, como a do Coque, por exemplo. As comunidades pobres que resistiram em permanecer no centro sofrem com a pressão imobiliária e os impactos de uma urbanização deficiente, sofrem com a falta de serviços e equipamentos públicos, além de políticas que visem consolidar tais comunidades e dotá-las de meios que garantam dignidade e qualidade de vida. Apesar disso, o centro do Recife permanece

com uma dinâmica que lhe é peculiar, tanto habitacional quanto comercial, atendendo a uma demanda de comércio e serviços da população de menor poder aquisitivo. A População vinda do centro, dos bairros periféricos da cidade e mesmo de municípios vizinhos que buscam ali o comércio popular, os camelôs e as atividades informais que resistiram ao tempo. Ainda assim, cabe ressaltar a reestruturação das atividades voltadas para a classe média e média alta através dos shoppings, lojas e empreendimentos imobiliários.

Para muitas dessas famílias, morar no centro é uma questão de sobrevivência, pois a proximidade com a área central da cidade gera a perspectiva de renda, seja nas atividades formais ou informais. Além disso, muitas das famílias pobres que residem na área central, seja nas comunidades não consolidadas ou nos cortiços e palafitas, têm nestas a única possibilidade de moradia o que reforça a urgente necessidade de promover moradia popular no centro do Recife, afinal: “habitação é central” (SILVA, 2011).



Foto de Miguel do Rosário, 24 de fevereiro de 2013

Há em toda a área, Ilha de Joana Bezerra, um intenso processo de especulação política e imobiliária justamente pelo fato da comunidade, com cerca de 133 hectares, com uma população estimada de mais de 48 mil habitantes (EMLURB, 2000 *apud* FREITAS, 2005), estar situada na passagem central entre os polos econômicos do Recife (Ilha do Leite, Ilha Paissandu, Centro, Boa Viagem, Ilha do Retiro). Vizinhos ao Coque foram construídos o Fórum Desembargador Rodolfo Aureliano e o Complexo Hospitalar privado HOPE. O desenvolvimento nos arredores da comunidade não implicou, porém, em qualquer melhoria nas condições de vida dos seus moradores. Pelo contrário, apenas evidenciou as desigualdades historicamente existentes:

A Ilha Paissandu, vizinha da Ilha de Joana Bezerra, possui 99,6% de crianças entre 5 e 9 anos alfabetizadas. Já a ilha do Coque possui apenas 29,5%, constituindo o menor índice de alfabetização da cidade. Outro vizinho importante do Coque, o Bairro de Boa Viagem, concentra em sua orla, até o bairro do Pina, um índice de Desenvolvimento Humano (IDH) maior que o da Noruega. (VALE NETO, 2007, p.28)



Foto: Lideranças comunitárias do Coque – RADIS 129, Junho de 2013

Ao longo dos últimos anos o Coque vem refletindo o aumento de violência entre os jovens presentes no cenário nacional. Tráfico de drogas, pontos de venda e porte de armas são apenas algumas das causas dos crimes e mortes. Do ponto de vista histórico, Freitas (2005) destaca que:

A região em que se insere a comunidade foi palco de eventos significativos na vida política do país, pois dois na área do aterro de Afogados, que compreende desde a Rua Imperial até o Largo da Paz, que as tropas republicanas e as forças da corte travaram combates durante a Confederação do Equador em 1824 e também na Intentona Comunista.

O cenário histórico de exclusão social do Coque agrava-se, no final da década de 1980, com a atuação na comunidade de grupos criminosos ligados, sobretudo, ao narcotráfico, sustentados, em parte, pelo crescente consumo de drogas pela classe média e alta dos bairros circunvizinhos. Investigações sociológicas recentes realizadas no bairro (FREITAS, 2005) apontam que a escalada da violência na juventude está conectada, muitas vezes, a associação de parte dos jovens da comunidade a grupos dispostos a se fazerem ‘visíveis’ para o resto da sociedade, seja a partir do consumo de bens simbólicos, seja a partir da criação de grupos

(gângues) por meio dos quais se dá o ‘aprendizado’ do tráfico e do roubo como atividades que trazem maior retorno financeiro e uma ilusória mudança de condição social.

A qualidade de vida no bairro e o atendimento das necessidades básicas de infraestrutura, saúde, educação, alimentação e emprego são bastante precárias. Apesar de estar praticamente localizada no centro do Recife, a comunidade não está integrada à vida da cidade. Há uma espécie de “barreira invisível” que funciona como bloqueadora dos projetos de desenvolvimento na área. Um dos motivos para essa situação deve-se à violência existente na localidade. O Coque se viu enredado em um ciclo vicioso extremamente perverso. Ninguém ajuda porque a região é violenta, e a comunidade é violenta porque ninguém ajuda. A falta de investimentos, tanto da iniciativa privada quanto dos poderes públicos, só contribuiu, ao longo do tempo, para consolidar essa situação.

É possível observar novos movimentos em relação à comunidade, a partir dos anos 1990, o “Complexo Joana Bezerra”, tem obtido uma atenção dos governos que já investiram R\$ 40 milhões na construção do Fórum, R\$ 27 milhões em obras de expansão do metrô e R\$ 20 milhões na construção de um novo sistema viário. Recursos privados também foram alocados alterando, radicalmente a paisagem da região. Em 1999 foram investidos R\$100 milhões no polo médico, hoje uma das referências no país.

Essas ações implicam ao mesmo tempo em contribuições para melhor oferta de serviços públicos, descortina velhos problemas enfrentados pelos moradores locais. O principal deles, sem dúvida é a violência motivada pela expansão do narcotráfico local.

A história da comunidade do Coque é marcada por lutas em diversos âmbitos, imprimindo a ideia prioritária, que é a de resistência por parte dos habitantes, não sendo casual a luta pela moradia. Segundo estimativas governamentais baseadas no Censo de 2000, há em Recife mais de trezentas mil famílias em condições de habitação inadequadas, sem ter para onde ir e com bastante dificuldade de aceitar sair da localidade (bairro) que reside, no caso do Coque, é comum ouvir os moradores dizerem que não desejam sair por ser um lugar perto de tudo.



Foto de Chico Laudemir, no movimento Coque (Re)Existe em 04 de agosto de 2013.



Foto de Leonardo Cisneiros, no movimento Coque (Re)Existe em 04 de agosto de 2013

A 'visibilidade' e a 'invisibilidade' tornam-se, questões-chave para compreender a dinâmica dos atuais problemas sociais do Coque. Podemos considerar que, no caso do Coque, não foram apenas a natureza dos problemas sociais (o apelo crescente de problemas com a

violência, por exemplo) que fizeram com que algumas questões se tornassem visíveis e outras invisíveis. A mídia e os seus processos de linguagem e poder realizaram um papel determinante na manipulação, reiteração e consolidação do que é possível ou não de ser visto sobre a comunidade do Coque. Com o pretexto de retratar a violência do bairro, historicamente os meios de comunicação acabaram estigmatizando-o, associando-o com certa 'naturalidade' a práticas sociais desvalorizadas; como evidenciado abaixo:

Crianças chafurdam na lama com suas armas de brinquedo em punho. [...] Despenteadas, sujas, catarro escorrendo no nariz. Mais lama fedorenta ao fundo. Alguns mocambos semidestruídos. O clima parece tranquilo, a comunidade parece já estar acostumada à miséria e à violência do local. (Diário de Pernambuco, 19/09/1976).

Diante de tantos pensamentos e definições é preciso pensar na profunda estigmatização a que são submetidos os pobres, "[...] submersos numa ordem social que os desqualifica, marcados por clichês: 'inadaptados', 'marginais', 'problematizados', portadores de altos riscos, casos sociais, alvo de pedagogias de reerguimento e promoção (Verdes-Leroux, 1986), os pobres representam a herança histórica da estruturação econômica, política e social da sociedade brasileira" (YAZBEK, 2009, p. 22). Para Zaluar (1985, p. 35), sobre eles vem recaindo "grande parte da culpa pela ausência de mudanças significativas" nas sociedades em desenvolvimento. Para Sarti (2004, p. 36), o que se observa é a anulação do pobre como sujeito, e para Telles (1998, p. 3) a pobreza é traçada como uma realidade em negativo, uma espécie de limbo para a onde são projetadas as carências, as precariedades, as minoridades e os atrasos do país.

A história da comunidade do Coque esteve ligada a uma rede de mobilização político-participativa que data das primeiras tentativas de associações entre os mocambos que povoavam a região. Contudo somente a partir da década de 1970/1980 que a comunidade começa a criar um modelo próprio de identidade coletiva, como forma de obter o reconhecimento e a legitimidade de duas reivindicações junto aos poderes públicos (FERREIRA; SILVA, 2009, p.161).

Nesse período, organizam-se as principais associações da comunidade, assessoradas por ONGs externas. Percebe-se, em relação às ONGs, que mesmo com suas rupturas e ambivalências (GOHN, 2001), elas conseguiram desenvolver um trabalho de legitimação, fortalecendo os sujeitos locais.



Fotos do acervo do NEIMFA

Núcleo Educacional Irmãos Menores de Francisco de Assis (NEIMFA) foi fundado com base na parceria entre moradores da comunidade do Coque e um grupo de jovens espíritas em 26 de setembro de 1986; formalizado juridicamente em 26 de setembro de 1994, como foro na cidade do Recife, Estado de Pernambuco, e sede atual na Rua Jacaraú, nº 31, bairro do Coque, Recife-PE. O projeto NEIMFA consiste no desenvolvimento de programas interarticulados que visam promover educação, saúde, trabalho e arte aos participantes da instituição, por meio de vários programas que trabalham a autoestima pessoal e social, a educação geral e específica e o desenvolvimento de atividades produtivas de base comunitária, sustentados nos seguintes princípios:

- Direito aos Meios de Vida Dignos
- Direito de Acesso aos Serviços Sociais de Educação
- Direito a Viver em uma cultura de paz

O NEIMFA se organiza como uma instituição da sociedade civil, sem fins lucrativos, discriminação de raça, cor, gênero ou religião e com as seguintes finalidades:

Promoção e defesa dos direitos das crianças, adolescentes, jovens, mulheres e moradores em situação de vulnerabilidade das periferias urbanas da Região Metropolitana do Recife, [...] desenvolvimento de ações educacionais, em todos os seus aspectos, áreas e dimensões, através de projetos de desenvolvimento sustentável voltados à reversão das causas geradoras de exclusão e miséria; [...] promoção dos direitos humanos, do voluntariado e do

associacionismo como dever social, exercício da solidariedade e formação para a cidadania; [...] estudo, a prática e a divulgação dos valores humanos e das tradições espirituais que estimulem a cultura de paz; [...] realização de estudos, pesquisas e assessorias no campo psicopedagógico e didático-metodológico, voltadas à educação infantil e ensino fundamental das camadas populares. (ESTATUTO DO NEIMFA, p.1).

A instituição atua prioritariamente nas ações de promoção e defesa dos direitos das crianças, adolescentes e mulheres, dando-se ênfase principalmente ao direito à educação.

O público envolvido nas ações do NEIMFA se divide em dois grupos: aqueles que esporadicamente participam de alguma intervenção mais ampla desencadeada na comunidade, como por exemplo, feiras de conhecimento e de promoção da qualidade de vida, trabalhos de conscientização nas áreas de políticas públicas e cultura de paz. As intervenções nesse nível chegam a congregar uma média de 1.500 a 2.000 mil participantes. O segundo grupo é formado por participantes diretos das atividades do NEIMFA, ou seja, aqueles que frequentam a instituição no mínimo uma vez por semana.

Segundo Ferreira e Silva (2009) no ano de 2008, a organização atendia diretamente um total de 778 pessoas, sendo 255 crianças, entre 05 e 12 anos; 168 pré-adolescentes, adolescentes e jovens, entre 13 e 21 anos, de ambos os sexos, e; 355 adultos entre 21 e 80 anos, sendo a sua grande maioria mulheres. Quase que numa totalidade desse grupo pertence a famílias compostas por no mínimo 05 pessoas e que dividem uma renda mensal de até R\$ 240,00 (duzentos e quarenta reais). A definição desse perfil não é aleatória, pois reflete a forma de distribuição da população da comunidade. Esse levantamento realizado por Ferreira e Silva (2007) constatou que as crianças e jovens da organização estão matriculados no ensino regular formal, sendo que 85% estudam nas escolas públicas da região; 67% dos jovens residem em famílias com até 07 pessoas, sendo que 55% dessas famílias têm apenas uma pessoa inserida no mercado de trabalho; 68% dos jovens beneficiados não tinham participação anterior em projetos sociais. O alto nível de demanda obriga, dependendo do programa, à realização de um processo seletivo que inclui entrevistas com as famílias para detectar o nível de interesse e expectativa em relação às atividades propostas.

A instituição tem como foco dentro do que chama de promoção da cultura de Paz, a humanização e cuidado de si, dentro de uma tentativa de resgate do auto cuidado, do reconhecimento de sujeito que há em cada um dos participantes, moradores, visando resgatar possibilidades outrora destruídas pelas adversidades a qual cada um está inserido. Há um núcleo de gênero e saúde, onde a maior adesão é por parte das mulheres entre 21 e 80 anos, com a

promoção de atividades diversas englobando temáticas trazidas/sugeridas pelas mesmas, como um espaço acolhedor e esclarecedor. Nessas rodas de conversas, palestras, cursos, vão surgindo os assuntos que assombram e que muitas vezes lhes tiram o brilho de viver; surgem as pancadas na alma, a pressão psicológica, as tristezas enredadas numa teia de lamentações, misturada com orgulho de ter vencido, com a morte e a liberdade que esta trouxe, ditas a pessoas uma vez “desconhecidas”, a um alguém que se disponibiliza a ouvir, a descobrir sentido em vivências.

A experiência do NEIMFA aponta para possibilidade e responsabilidade da sociedade civil pôr-se como construtora primeira de uma sociedade de cultura de paz. O exercício da solidariedade nos espaços de exclusão social indica o quanto precisamos alargar nossos horizontes de inclusão, mas também pontua que no exercício do encontro com ou outro, somos capazes de desvelar/construir caminhos de resolução de conflitos de forma pacífica.

ANEXO 2 – Declaração de autorização para realização da pesquisa**CARTA DE ACEITE**

Na qualidade de responsável pelo Núcleo Educacional Irmãos Menores de Francisco de Assis, AUTORIZO a realização da pesquisa intitulada Avós de uma comunidade de baixa renda: Percepções e vivências sobre a criação dos netos, a ser conduzida sob responsabilidade da pesquisadora Tatiana Lima Brasil, e DECLARO que essa instituição apresenta a infraestrutura necessária à realização da referida pesquisa.

Recife, ____ de _____ de 2013.

ASSINATURA: _____

Silas Carlos Rocha da Silva
Diretor Geral

APÊNDICES

Apêndice 1 - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

	<p>UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO</p> <p>PRÓ-REITORIA ACADÊMICA</p> <p>PROGRAMA DE POSGRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA</p> <p>CLÍNICA</p>
---	---

PREZADA PARTICIPANTE:

1. A senhora está sendo convidada para participar da pesquisa intitulada “Avós guardiãs em uma comunidade de baixa renda: percepções e vivências sobre a criação dos netos”. Nesta pesquisa entendemos a criação bem como a guarda dos netos como uma necessidade por parte de um ou ambas as partes (avós e pais) mediante as adversidades da vida.
2. A seleção ocorreu através do método intencional e a sua participação não é obrigatória.
3. A senhora poderá, a qualquer momento, desistir de participar e retirar seu consentimento.
4. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com o pesquisador ou com a Universidade Católica de Pernambuco.
5. Os objetivos deste estudo são: investigar as percepções e vivências das avós guardiãs, frente à criação de seus netos, numa comunidade de baixa renda, na cidade de Recife/PE, Brasil, para isso iremos analisar: os motivos que acarretaram a criação dos netos pelas avós; a percepção das avós acerca da relação com os netos que criam, bem como com os pais destes netos; os fatores que facilitam e os que dificultam a convivência entre as avós e os netos e as expectativas daquela para o futuro. Caracterizar os sentimentos experimentados pelas avós sobre o papel de ser guardiã, bem como possíveis carências decorrentes deste lugar.
6. Sua participação consistirá em responder a uma entrevista sobre as referidas questões.
7. Os benefícios relacionados com a sua participação nessa pesquisa dizem respeito ao fato de que a senhora poderá perceber de maneira mais adequada o relacionamento em sua família. Os resultados também poderão propiciar a compreensão acerca dessa organização familiar, beneficiando as famílias e os profissionais que lidam com essa temática.
8. As informações obtidas através dessa pesquisa serão confidenciais e asseguramos o sigilo sobre sua participação.

9. Salientamos ainda que não pretendemos, através de sua participação, causar nenhuma espécie de dano ou perda, seja ela pessoal ou profissional, podendo interromper sua participação na pesquisa a qualquer momento sem nenhum prejuízo de qualquer ordem. Os dados ficarão guardados, em local seguro, com a pesquisadora por um período de cinco anos, após o qual serão apagados. Todos os informes que possam identificá-la serão alterados, de forma a não possibilitar sua identificação.

10. A senhora receberá uma cópia deste termo onde constam o telefone e o endereço da pesquisadora principal, podendo tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento.

DADOS DO PESQUISADOR PRINCIPAL (ORIENTADOR)

Nome: CRISTINA MARIA DE SOUZA BRITO DIAS

Assinatura

Endereço completo: RUA ALMEIDA CUNHA, 245, SANTO AMARO,
BLOCO G4 Telefone: 21194172 (Curso de Psicologia - CCBS)

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios da minha participação na pesquisa e concordo em participar.

O pesquisador me informou que o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da UNICAP que funciona na PRÓ-REITORIA ACADÊMICA da UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO, localizada na RUA ALMEIDA CUNHA, 245 – SANTO AMARO – BLOCO G4 – 8º ANDAR – CEP 50050-480 RECIFE – PE – BRASIL. TELEFONE (81). 2119.4376 – FAX (81)2119.4004 – ENDEREÇO ELETRÔNICO: pesquisa_prac@unicap.br

Recife, _____ de _____ de 2014.

Participante da pesquisa

Apêndice 2 – Questionário Sociodemográfico

	<p>UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO</p> <p>PRÓ-REITORIA ACADÊMICA</p> <p>PROGRAMA DE POSGRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA</p>
---	---

QUESTIONÁRIO SÓCIODEMOGRÁFICO

Nome: _____

Data de Nascimento: _____ **Religião:** _____

Estado civil: _____

Escolaridade: _____

Renda familiar: _____

Ocupação / profissão: _____

Com quem mora?

Quantos netos a senhora cria integralmente hoje? Há quanto tempo?

Sexo e idade deles?

Vinculação Materna () ou () Paterna

Conta com alguém para ajudá-la na criação? SIM () NÃO ()

Quem? _____

O que faz? _____

Como era sua saúde antes de criar os netos?

E depois?

Apêndice 3 – Roteiro de Entrevista Semiestruturada

RELAÇÃO FAMILIAR / MOTIVOS PARA CRIAÇÃO

- 1) Quais os motivos que levaram a senhora a criar seu(s) neto(s)?
- 2) De quem partiu a iniciativa para criar o/a neto(a)?
- 3) Como é seu relacionamento com o(s) neto (s) que a senhora cria?
- 4) Como é seu relacionamento com os pais da criança (desse neto que cria)?

PROCESSOS DE CONVIVÊNCIA / PERCEPÇÕES

- 5) Quais as dificuldades sentidas na criação do/a (s) neto/a(s)?
- 6) Como são estabelecidas as normas e regras na família?
- 7) Existe alguma dificuldade nessa convivência?
- 8) Que facilidades a senhora encontra nesta convivência?
- 9) Como foi a adaptação nessa nova formação familiar?

NECESSIDADES/ DESEJOS/ EXPECTATIVAS

- 10) Como é seu relacionamento com os outros netos que a senhora não cria?
- 11) Como a senhora se sente criando seus netos?
- 12) Que necessidades a senhora gostaria de ver realizadas?
- 13) Quais suas expectativas para o futuro?
- 14) O que a senhora deseja para o futuro de seu(s) neto(s)?
- 15) Como é criar netos aqui na comunidade do Coque?
- 16) O que a senhora pensa sobre o Coque?